

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

LOURDES PASSAURA

**A INTENSIFICAÇÃO DA QUALIDADE DE SUJEITOS
NAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS
DE LINS – SP**

FRANCA - SP

2007

LOURDES PASSAURA

**A INTENSIFICAÇÃO DA QUALIDADE DE SUJEITOS
NAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS
DE LINS – SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração-
Serviço Social: Trabalho e sociedade.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Ramos Estevão.

FRANCA - SP

2007

LAVADEIRA DE ASSOCIAÇÃO

Lava roupa bem limpinha como elas são unidas
Em suas reuniões discutem seus problemas
E quer uma solução.

Lavadeira da Associação
Como canta alegremente
Lavadeira da associação
Quer ser independente

Quem dera que a nossa Associação
Pudesse lavar as mágoas do coração
Lavadeiras da cidade, por favor,
Junte a nós por caridade

Vamos fazer as coisas em favor da sociedade.
(Edith Goulart)

Dedico aos:

Meus queridos pais e irmãos,
alicerce fundamental em minha
história;

Jairo, companheiro de todas as
horas e amor sem medidas na
realização dos sonhos e
esperanças!

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a você que é parte deste trabalho! VOCÊ:

Pai, Mãe, irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, amigas, amigos, sentido profundo de minhas motivações e superação das dificuldades!

Coordenador, professores, funcionários e colegas do Mestrado da UNESP, pessoas de energia intelectual e sabedoria humana!

Reitor e professor da UNILINS, João Carlos de Campos, valeu pelo apoio e atenção!

Apoio e incentivo financeiro da UNILINS, na pessoa do professor Sadi, acreditando no valor da capacitação profissional!

Professor e Coordenador do Curso de Serviço Social, Milton Nizato, Colegas de trabalhos, funcionários e alunos da UNILINS, valeu pela acolhida e compreensão durante este tempo de aperfeiçoamento profissional.

Professor Pascoal divido com Você, a beleza técnica deste trabalho!

Maria Emilce, sua atenção e dinamismo, levam este trabalho para além dos horizontes da língua portuguesa: Obrigada!

Ana Maria, Orientadora e amiga! Mulher guerreira e humana, sempre defensora da causa. Em todos os momentos ensinou-me que o aprendizado se constrói no dinamismo do cotidiano e na solidariedade!

Professor Hamilton, valeu pela força na organização técnica do trabalho!

Reginaldo e Ricardo, vocês são especiais e competentes! Obrigada de coração!

Mulheres da associação das lavadeiras que com seu depoimento deram VIDA a este trabalho. Sua história de luta confirma que a experiência de organização popular, é possível: cresce a autonomia; qualifica as ações; dá sentido à vida e pode mudar a realidade.

O tempo não para e “Há um momento para tudo e para todos”! Importante é acreditar nos sonhos e fazê-los tornarem-se realidade! Sem vocês este trabalho não teria o mesmo brilho! Também a você que contribuiu direta ou indiretamente com este trabalho!

Que Deus, o MESTRE dos Mestres, abençoe a todos!

Lourdes Passaura

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo, a intensificação da qualidade de sujeito das mulheres que participaram da experiência da Associação das Lavadeiras, em Lins, no Estado de São Paulo, na década de 1980. Suas aspirações, valores, autonomia, dignidade demonstram essa qualidade. Perceber o processo de organização e mobilização social voltado para a valorização do trabalho coletivo e das experiências do cotidiano, como meio de participação e busca de melhorias para sua vida e de sua família. Partimos da hipótese de que, essa forma de participação das mulheres aumentou o prazer, a felicidade, melhorou a auto-estima originando uma história de inserção e protagonismo. A nossa pergunta é: até que ponto o Serviço Social contribuiu para a inserção, protagonismo e melhoria da qualidade de vida das mesmas? Na dinâmica da pesquisa documental, bibliográfica e empírica, a Faculdade de Serviço Social de Lins, revelou-se comprometida com as lavadeiras em seu processo de organização e mobilização por meio de uma proposta de estágio, em que as estagiárias participavam ativamente através da concretização do PEOP. A pesquisa de campo colheu o depoimento de quatro lavadeiras, residentes em Lins. Seus depoimentos foram gravados, transcritos e analisados. A nossa conclusão é que houve de fato, uma intensificação da qualidade de sujeitos nas mulheres que participaram deste processo.

Palavras – chave: sujeito; intensificação; associação das lavadeiras, serviço social.

ABSTRACT

This work aims to study the quality improvement of the women, as subjects, who took part of the Laundresses Association in Lins, São Paulo State, in the 1980's. Their longings, values, autonomy, dignity show this quality. To realize the process of organization and social mobilization concerned to the team work and the daily experiences valorization, as a means of active taking part and searching of some improvement to their own lives as well as to their families'. The beginning is based on the hypothesis that this way the women participated, increased their pleasure, happiness, some better self-esteem- a history of social insertion and leadership arising from them. Our question is: at what extent has the Social Service contributed to those women social insertion, leadership and life quality improvement? During the dynamic documental, bibliographical and empirical research, the Social Service College of Lins demonstrated it was compromised with the laundresses in the process of organization and mobilization by means of training periods for professional practices when the training students took active part of them through the PEOP made real. During the field research we collected four laundresses' testimonies, living in Lins. Their testimonies were tape-recorded, transcribed and analyzed. Our conclusion is that there was an intensification of the quality as subjects, of those women who took part of that process, indeed.

Key – words: subject; improvement; laudresses association; social service.

LISTA DE SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
CACAL	Casa de Apoio à Criança e ao Adolescente de Lins
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
COOPERLINS	Cooperativa de Lins
COMDAPS	Coordenadoria Municipal da Promoção Social
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DDM	Delegacia de Defesa da Mulher
FMI	Fundo Monetário Internacional
FSS	Faculdade de Serviço Social
FPTE	Fundação Paulista de Tecnologia e Educação
FUL	Federação Universitária de Lins
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONGs	Organização Não Governamental
PAAMP	Projeto de Apoio e Assessoria aos Movimentos Populares
PEOP	Projeto de Educação e Organização Popular
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
UNILINS	Universidade de Lins
SABESP	Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SFIC	Sociedade Feminina de Instrução e Caridade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1 MULHERES FAZENDO A HISTÓRIA EM LINS NA DÉCADA DE 1980.	15
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A CIDADE DE LINS E A INSERÇÃO DAS LAVADEIRAS	15
1.2 PERCURSO HISTÓRICO DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE LINS	23
1.3 FASE DE TRANSIÇÃO DA FACULDADE E O PROJETO DE ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO POPULAR - PEOB	38
CAPITULO 2 RUMOS DA PROFISSÃO NA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE LINS (1970/1980).	54
2.1 ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS: MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES E SERVIÇO SOCIAL	54
2.2 PEOB E A ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS	60
2.3 ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS E O SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	79
LIVROS.....	79
REVISTAS	84
DOCUMENTOS DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE LINS.....	84
OUTROS DOCUMENTOS	84
APÊNDICES	86
APÊNDICE A	87
APÊNDICE B	88
APÊNDICE C	89
ANEXOS	98
ANEXOS BOLETINS DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS DE LINS, DÉCADA DE 1980.	99
BOLETIM Nº 1 – JUNHO/1982	100
BOLETIM Nº 2 – MARÇO/1983	104
BOLETIM Nº 5 – MARÇO/1984.....	107

INTRODUÇÃO

“Tudo foi muito válido em seu tempo! Somos mulheres e carregamos com orgulho a história feita em todas as passagens da vida”.

Entre os movimentos sociais populares com expressão reivindicatória assinala-se o movimento de mulheres das décadas de 1970/1980. Conforme Lobo (1991), a mulher foi buscando seu espaço emergindo como sujeito coletivo¹, na dinâmica de sua organização.

No engajamento político social dos movimentos sociais populares é que se situa a Associação das Lavadeiras, inseridas no Projeto de Educação e Organização Popular (PEOP) da Faculdade de Serviço Social de Lins em 1980. Segundo a Faculdade (relatório nº. 03 de 1993, p. 8), essa associação nasceu com o objetivo de *“organizar e mobilizar as lavadeiras em vista das necessidades e interesse da categoria”*, aqui definidas por elas como classe trabalhadora.

Dentro da categoria de lavadeira não me lembro bem. Eu lavava e passava para as repúblicas de estudantes. Elas juntavam o dinheiro e a responsável pagava para nós. A diferença nessa mudança foi que a gente era mais valorizada e o trabalho era organizado. Todas recebiam um valor igual conforme o combinado. Eu sentia uma sensação que a sociedade via a gente diferente como mulheres que sabiam o que queriam. Contribuir com as despesas em casa dava o direito pra gente de ter nossas coisas e decidir o que fazer com nosso dinheiro, mesmo que às vezes não chegava pra tudo que a gente queria (Entrevistada M. V.).

Esta pesquisa traz como tema o PEOP implantado pela Faculdade de Serviço Social como prática de estágio, que se caracterizou com uma ação profissional interventiva de Educação popular, caracterizada pela ação de organização e mobilização junto aos movimentos populares, mais especificamente, junto às lavadeiras numa prática que se fundamenta na articulação de saberes construída a partir de experiências concretas do cotidiano.

¹ Entendendo-se aqui, o sujeito coletivo, aquele possuidor de autonomia, participação, onde os sujeitos são os protagonistas, como pessoas envolvidas no ideário e direcionamento de suas ações junto aos movimentos sociais de forma organizada e participativa.

Conforme levantamento bibliográfico inicial, a associação das lavadeiras foi crescendo, constituindo-se formalmente em 08 de março de 1980 e permanecendo até 1984, depois as participantes atuaram como militantes em partidos políticos e outras organizações de esquerda².

Um grupo significativo de mulheres participou do projeto de organização das lavadeiras. O contato com as estagiárias contribuiu com a motivação das lavadeiras, para que elas pudessem se reunir e falar de problemas comuns além de se conhecerem. Houve a primeira reunião e assim sucederam-se outras. As lavadeiras de Goiânia contribuíram com sua experiência e, por ser um grupo já bem estruturado, deu apoio às lavadeiras de Lins, participando de seus eventos.

Sua organização inicial contava, mais ou menos, com 50 filiadas. Dessas, efetivou-se um grupo de 35 lavadeiras que se estruturam ao redor dos anseios e lutas por melhorias para sua categoria.

O objeto de estudo deste trabalho é a intensificação da qualidade do sujeito das lavadeiras, que participaram da experiência. Suas aspirações, valores, autonomia, dignidade compõem essa qualidade. Perceber o processo de organização e mobilização social focado na valorização do trabalho coletivo e nas experiências do cotidiano é o nosso objetivo. As perguntas que nos orientam são: essa forma de participação aumentou o prazer e a felicidade, melhorou a auto-estima em sua história de inserção e protagonismo?

Interessa, na pesquisa, considerar a Faculdade do Serviço Social como contribuidora do processo de autonomia e melhoria de vida das lavadeiras, o que significou essa inserção social junto às lavadeiras e o seu significado para os dias atuais, uma vez que a mesma esteve integrada ao trabalho popular além de ser um marco histórico caracterizado por sua intervenção junto ao poder local, com influência de uma prática de Serviço Social expressivo como referência para outras escolas de Serviço Social do Brasil. A pesquisa teve como objetivo compreender melhor como as lavadeiras articularam-se e mobilizaram-se para a superação dos problemas vividos no seu cotidiano doméstico e o trabalho remunerado.

² Alguns deles participavam da luta em partidos clandestinos. Foram presos e exilados como é o caso da militante política e professora Nobuco. Nascida em Lins, graduada pela Faculdade de Serviço Social de Lins. Foi diretora Geral do Instituto Paulista de Promoção Humana-IPPH com sede em Lins e responsável por uma série de estudos sobre a Região. Ficou exilada na França, entre 1968-1978. Assumiu a direção da Faculdade de Serviço Social de Lins, no período entre 1979 a 1984. (REVISTA Cultura de Vozes, agosto de 1969, nº. 8, p. 673).

A pesquisa está direcionada à percepção desta experiência, suas dificuldades e avanços. Busca-se também o significado simbólico do ato de tornar-se sujeito através da participação.

Metodologicamente trabalhou-se com levantamento bibliográfico e documental, conversas com informantes e pessoas que viveram a experiência da Associação das Lavadeiras além das estagiárias, hoje profissionais do Serviço Social.

Num segundo momento utilizou-se do método qualitativo. Foi elaborado um roteiro de questões que serviram como orientação para colher o depoimento das lavadeiras³. Estes foram gravados e transcritos. Sua análise e interpretação realizou-se através de metodologia qualitativa.

A intenção era entrevistar do universo total de 35 lavadeiras, 5 a 10 mulheres, o que não foi possível, uma vez que muitas delas já faleceram, outras não foi possível o contato. Das 5 que foram contatadas para o depoimento, uma não participou por estar acamada e sem condições de falar, permanecendo assim 4 mulheres como sujeito de nossa pesquisa.

As entrevistadas são mulheres residentes em Lins e que participaram ativamente desse projeto, elas contam suas histórias de engajamento nos acontecimentos das mulheres e outros desse período. Sua faixa etária está entre 55 a 75. Ocupam hoje a liderança na administração da casa, no trabalho e cuidado com os filhos. A entrevistada M. V., trabalha como agente de saúde municipal. Quanto ao estado civil das depoentes: 2 são casadas, uma viúva e aposentada, a outra separada, com um número de filhos entre 2 a 10. Nos depoimentos, as mulheres estão identificadas como: depoimento 1, entrevistada F.C.G (68 anos); depoimento 2, entrevistada M.Z (63 anos); depoimento 3, entrevistada M. L. (75 anos) e no depoimento 4, entrevistada M.V.,(55 anos).⁴

Foram contatadas também, 5 estagiários da Faculdade de Serviço Social dessa experiência com as lavadeiras, hoje profissionais de Serviço Social. Estes haviam concordado em responder um questionário, objetivando a prática do Serviço Social e sua inserção junto às lavadeiras, mas, infelizmente não devolveram os

³ Ver na íntegra - Apêndice A

⁴ Cf. apêndice 3. Transcrição dos depoimentos.

questionários, o que justifica a ausência dos mesmos nesse trabalho.

A pesquisa com as lavadeiras realizou – se em setembro /outubro de 2005, a sua transcrição e análise foram feitas entre junho a dezembro de 2006.

O trabalho divide-se em 2 momentos. Primeiro a abordagem histórica política econômica e social da realidade de Lins e do Brasil, objetivando o surgimento do povoamento de Lins e região. Paralela a essa história a trajetória do Curso de Serviço Social de Lins. Na segunda parte trata-se dos Movimentos Sociais Populares da década de 1970/1980 situando nele o surgimento do PEOP onde se insere o surgimento da Associação das Lavadeiras sujeito da pesquisa. Por fim, o trabalho foca para a história das lavadeiras, objetivando ouvir o relato de suas experiências e suas respectivas análises.

Este trabalho pretende contribuir para um repensar da questão social aqui entendida como a causa principal de sua luta, a dos movimentos sociais e ou grupos que se constituem em prol de sua emancipação e autonomia política. Tais procedimentos poderão oferecer elementos à reflexão teórico - prática da realidade junto ao Curso de Serviço Social e militantes em geral e compreender o papel do protagonismo das mulheres junto ao poder local, quando essas se colocam em marcha assumindo e fazendo a história da dignidade acontecer na resistência aos desafios, “sem perder a ternura jamais” e com muita história para contar.

É nossa intenção, daqui para frente, além de ouvir e relatar as experiências da militância das lavadeiras de Lins, oferecer aos alunos um espaço acadêmico que reconheça e valorize a voz das mulheres lavadeiras.

CAPITULO 1 MULHERES FAZENDO A HISTÓRIA EM LINS NA DÉCADA DE 1980.

1.1 Breves considerações históricas sobre a cidade de Lins e a inserção das Lavadeiras

Carrego comigo o orgulho de ser parte dessa história de luta do grupo das mulheres lavadeiras, onde sempre batalhei e tive a satisfação em ser trabalhadora independente da classe que pertenci. Sou mulher, sou gente, sou humana, sou negra, tenho dignidade e muita história pra contar desde o início em que tudo aqui era sertão (Entrevistada M. Z., 63 anos) ⁵.

A memória acima remete rever a história da luta das lavadeiras de Lins e seu processo de inserção na classe trabalhadora assalariada. Buscam-se alguns elementos históricos políticos, econômicos e sociais da cidade de Lins e como essa realidade perpassa a vida das mulheres participantes da Associação das Lavadeiras neste mesmo período.

Conforme o historiador BEOZZO⁶, até 1905, a região Noroeste, onde situa-se a cidade de Lins, lugar este das experiências concretas e solidificação dos valores como a organização, solidariedade e companheirismo das lavadeiras, foi considerada como um lugar de sertão, sem grandes lavouras, coberto pela floresta tropical e tida como região “desconhecida e habitada por índios”. Uma realidade populacional marcada pela abertura e construção da estrada de ferro Brasil-Bolívia e a marcha do café. A Construção da estrada de ferro começou a ser desbravada pelos trabalhadores, oriundos de Minas Gerais e do Nordeste, mais especificamente da Bahia, os conhecidos como “abridores do Sertão”. O principal motivo do processo migratório foi a estrada de ferro, tornando-se essa região em vinte anos, um “formigueiro humano e um mar de café”.

As dificuldades na migração, desde o início, sempre estiveram presentes, a começar pelos conflitos violentos com os índios Caingangues que se concentravam em aldeias espalhadas por toda a região. O desbravamento para o

⁵ Moradora de Lins, Integrante do grupo das lavadeiras de 1980 a 1986, depoimento colhido em setembro de 2005.

⁶ Cf. livro BEOZZO, José Oscar. Noroeste Paulista: Aspectos demográficos (ou, um caso típico de povoamento), Revista de Cultura Vozes, Petrópolis: Vozes, 63(9) p. 771-787, set.1969.

desenvolvimento agrícola representou para os nativos, uma situação de mudança brusca de seu modo de ser e viver. Sua presença, de certa forma foi vista como um entrave à chegada dos fazendeiros como dos migrantes em geral.

O crescimento da “civilização” e o desenvolvimento da produção do café na ocupação da Noroeste foi um processo um tanto conflitivo. De um lado, interessava ao Estado unir o Brasil a outros países por meio da Estrada de Ferro; enquanto que para os fazendeiros do café, as terras da Noroeste tornavam-se fonte de lucro garantido na venda dos produtos das plantações. A presença dos migrantes fugitivos de regiões difíceis foi outro aspecto de conflito. Estes migrantes encontravam aí expectativas de melhorias e estabilidade para a sua família. Por fim, os índios que ali existiam, sentiam-se ameaçados em sua própria cultura, por causa da invasão, a construção das estradas, das queimadas e doenças. Por parte dos trabalhadores da construção da estrada, houve muitas dificuldades e sofrimentos. Muitos deles morreram de malária, ataques nos conflitos com os índios caingangues. “Abandonar o serviço nem pensar, quem entra no inferno não sai” (BEOZZO, 1969, p.772).

Na história do povoamento da Noroeste onde se encontrava o município de Lins, a terra, fonte de vida, tornou-se mercadoria e o resultado foi a intensificação do conflito; os índios tentando resistir e os demais procurando as mais variadas formas para vencer os obstáculos. Esta situação de violência contra a resistência indígena levou ao extermínio dos nativos.

A transformação do índio em proletariado” ⁷, expressa determinada realidade do capitalismo, para o qual não interessa o índio como força de trabalho, pelas experiências já vividas em outras regiões do país, por sua dinâmica de organização objetivando apenas as atividades que garantissem a sua sobrevivência e não ao crescimento do lucro.

Mesmo com a criação do decreto de 1910, sobre o Serviço Social de Proteção aos Índios, as medidas de mudança nos cenários de conflito não foram suficientes para impedir o avanço indiscriminado dos fazendeiros e migrantes sobre as terras, beneficiando esse decreto muito mais à realidade do capitalismo e seu desenvolvimento do que aos próprios índios.

Nota-se que a colonização da Noroeste segue a ordem de um plano estatal que

⁷ Entende-se por proletariado a classe dos assalariados modernos, que não tendo os meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. (Nota de Engels, F. à edição inglesa de 1888 apud MARX, K, 2005, p.40).

deveria garantir a integração à economia capitalista, favorecendo a expansão da cultura cafeeira, forte propulsora da penetração do capitalismo nas novas regiões e, ao mesmo tempo, atender às exigências do Estado, objetivando consolidar e incentivar a exportação para as regiões da Bolívia e Paraguai, tornando essa realidade cafeeira favorável ao processo de urbanização interiorana.

Desde o início da história estão presentes os problemas de luta de classe dos trabalhadores frente à pressão da classe dominante. Sempre existiu um jogo de forças fundada em interesses pessoais. Nossa história não é diferente da vivida pelos primeiros habitantes dessa região (Entrevistada M.Z., 63 anos)⁸.

O processo de formação histórica do povo constitui-se em meio às dificuldades, o que não foi diferente para o grupo das lavadeiras conforme verifica-se no depoimento acima. As relações de poder vão constituindo as classes movidas por interesses próprios e da produção do capital, aqui reforçada pela cultura cafeeira. Nota-se uma relação de trabalho calcada na exploração da mão de obra assalariada. Em contrapartida, grupos e organizações, como o das lavadeiras buscam seu espaço de organização na luta pela garantia de sua sobrevivência. Importante observar na fala, o grau de consciência dessa entrevistada, a visão que a mesma tem da relação de poder constituída, o que contribuirá para a intensificação de sua qualidade de sujeito.

Kameyama identifica essa relação de causalidade entre o cultivo do café e o povoamento, explicando-a por duas razões principais: o café era fonte segura e estável de riqueza; e as lavouras cafeeiras exigiam muitas famílias de colonos para o trabalho, a mão – de – obra necessária fixava-se na empresa agrícola (1969 p. 693). Importante lembrar aqui que as lavadeiras têm sua história centrada no segundo aspecto, em que suas famílias somavam-se ao povoamento objetivando o trabalho agrícola e, algumas delas, também anos mais tarde trabalharam como bóias frias nas lavouras de café.

⁸ Depoimento gravado em entrevista, setembro de 2005, por uma componente do grupo das lavadeiras de 1980, moradora de Lins.

A agricultura cafeeira expandiu - se de tal modo que, a população mesmo crescente, não foi suficiente para atender à necessidade de mão-de-obra. Essa realidade de insuficiência humana para o trabalho levou o imigrante a exercer um papel fundamental e necessário na cultura cafeeira. No período de 1926 a 1930, a região Noroeste tornou-se o maior pólo de imigração, atraindo portugueses, espanhóis, alemães, italianos e japoneses.

Todas as possibilidades de enriquecimento atraíram para os setores recém-desbravados todos os elementos disponíveis da população cabocla, boa parte dos melhores imigrantes (Kameyama, 1969, p.685).

Estudos históricos realizados por Beozzo (1981), revelam um crescimento demográfico acelerado da região, passando de 136.000 habitantes em 1920, para 608.000 em 1935. O município de Lins está localizado em um ponto estratégico para a produção e escoamento dos produtos. Em 30 de dezembro de 1914, torna-se conhecido como Distrito da Paz de Albuquerque Lins. No ano de 1919 com o surgimento da Diocese de Botucatu, criou-se a Paróquia de Albuquerque Lins. Em 27 de dezembro de 1919, torna-se então município de Lins. A instalação do município deu-se aos 21 de abril de 1920, juntamente com a posse da primeira Câmara Municipal. Aos 29 de dezembro de 1926, passou a denominar-se apenas Lins.

Ainda segundo o mesmo autor, o município localiza-se à Noroeste do Estado de São Paulo compreendendo toda área entre Bauru e a Barranca do Rio Paraná, na divisa de São Paulo e Mato Grosso, com fácil conexão rodoviária, para a cidade de Araçatuba, Bauru, Marília e São José do Rio Preto, consideradas cidades de grande vigor.

Lins surge no início do séc. XX no cruzamento de uma trilha de Índios, nas proximidades do Rio Tietê e Douradinho, hoje conhecido por Campestre, que circunda a cidade pelo lado Oeste e da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Ali tudo começou como povoado Santo Antônio do Campestre.

Da mesma forma que muitos municípios do Estado de São Paulo, Lins desenvolveu-se tocado pela estação ferroviária criada, que motivou uma homenagem ao então governador da época Albuquerque Lins, sendo esse o nome da cidade.

Como outras cidades da região Noroeste, a história de Lins possui estreita ligação com a estrada de ferro Noroeste do Brasil, como caminho de passagem ao desenvolvimento da região surgindo, ao longo de seus trilhos, quase todos os povoados. Essa Ferrovia ganhou significado ao ligar o estado de São Paulo ao estado de Mato Grosso do Sul e que interliga o Brasil com o Paraguai, Peru, Chile, Argentina e Bolívia (Baeninger& Vidal, 1994, p.49).

Destacamos alguns elementos significativos da cidade de Lins e da região sobre a qual a Faculdade do Serviço Social de Lins teve sua abrangência ao longo da história aqui retratada e por ser esta cidade e faculdade, lugares de experiências de organização e inserção das lavadeiras no mundo do trabalho de forma articulada. Como lembra uma das entrevistadas:

Tudo começou em Lins, motivado com o trabalho das alunas estagiárias da Faculdade de Serviço Social. A gente tinha uma coordenadora que preparava as reuniões para as mulheres se encontrar e conversar sobre tudo de nosso interesse: trabalho, casa, salário, lazer, saúde, política e outros e até sobre a história da cidade (Entrevistada M. L.75 anos)⁹

Retomando, a história de Lins e toda região que a influencia, são de um povoamento recente, não existindo nenhuma cidade nas vizinhanças com mais de cem anos. O homem branco chegou à região a partir do início do século XX. Essa região habitada por índios, inclusive, antes de 1905, era tida como uma floresta natural. Antes desse período, a tentativa de povoamento foi sem sucesso algum.

O velho Anhembi (Tietê) era caminho de penetrações. (...) Martins Barros, em cartas datadas de 1776, sugeria ao Capitão General de São Paulo que a Povoação de Piracicaba viesse à Barra do mesmo Rio ou nas suas vizinhanças. (...). Em 1842, famílias mineiras, procedentes de Piumby (...) alcançaram o Tietê pelo Ribeirão dos porcos e pelas barras de seus afluentes, foram fazendo posses (...) Santa Cruz do Avanhandava (Penápolis) foi um dos pontos de penetração, como em 1888, foi Pirajuí (...) aos 13 de maio de 1858 foi fundada a colônia militar de Avanhandava (...) Aos 26 de junho de 1858(...) criando o Estabelecimento Naval de Itapura. No entanto as terras da Noroeste já eram habitadas. Os aldeamentos dos Caingangues cobriam a região. O Itapura era visitado pelos Caingangues, Caiapós, que, com os Xavantes, pertencem ao grupo dos Tapuias. O tempo propício às visitas era a piracema (CINQUENTENÁRIO da Diocese de Lins, 1976, p.10).

No período de povoamento a Igreja Católica teve forte influência e avançou no

⁹ Depoimento gravado em entrevista, setembro de 2005, integrante do grupo das lavadeiras, uma das pioneiras, moradoras de Lins.

processo de evangelização da população indígena, surgindo nessa primeira tentativa de povoamento sinais de religiosidade, como os cruzeiros e as capelas. No Salto de Avanhandava, depois da ponte, na estrada que liga as cidades de São José do Rio Preto a Presidente Prudente ou Penápolis, na época, edificada por ordem do imperador, surgiu uma capela, dedicada a Nossa Senhora do Carmo, a qual recebera das mãos imperiais, sino e imagem (...). (Cinqüentenário da Diocese de Lins, 1976, p10-11).

As cidades e povoados foram crescendo e fixando-se junto às paróquias. Conforme publicação em comemoração ao Cinqüentenário da Diocese de Lins de 1976, aos 13 de Junho de 1919, é criada a Paróquia de Santo Antônio de Lins. Em 1925, as Paróquias de Pirajuí, Presidente Alves, Avaí, Reginópolis, Promissão, Cafelândia (Carmo), Avanhandava, Penápolis, Glicério, Birigui, Araçatuba. Aos 21 de junho de 1926 (...) cria-se o Bispado da Noroeste com sede em Cafelândia. (...) Aos 22 de agosto, tomou posse o terceiro bispo Dom Henrique Gelaim. (...) Aos 30 de agosto de 1950, a sede da Diocese foi transferida para a cidade de Lins (p.13).

Nesse período a presença da Igreja voltando-se mais à evangelização, teve grande influência no processo de organização popular oferecendo apoio, acolhida aos espaço de luta, colocando-se junto aos empobrecidos e injustiçados na defesa da vida.

Em meados dos anos de 1860, os índios reagiram e massacraram os brancos que invadiram suas terras, ocasionando um despovoamento da região e “até 1905, toda essa região (Noroeste do Estado de São Paulo) coberta pela floresta tropical era assinalada nos mapas como uma região desconhecida e habitada por índios” (BEOZZO, 1969, p. 771). Com o surgimento de instalação da ferrovia Brasil-Bolívia, os brancos retomaram o projeto de dominação e, a partir de então, começaram uma segunda etapa do povoamento da região, agora com sucesso.

O desmatamento e o assassinato dos índios já mencionados aconteceu do mesmo modo como no resto do país, no mesmo período: por meio de roupas contaminadas por doenças infecto-contagiosas, os índios contraíam doenças e sem conhecê-las não sabiam como combatê-las e acabavam morrendo, quando não, eram caçados como animais e expostos como troféus. Beozzo (1969) descreve uma carta – denúncia publicada em 1908 que ilustra a história de um casamento indígena interrompido, seguida de um massacre:

É horroroso o que praticam alguns trabalhadores da estrada de ferro Noroeste do Brasil, entre Bauru e Avanhandava, com os pobres índios Coroados. Aqui o assassinio de índio é uma espécie de esporte, chega a ser mesmo uma divertidíssima caçada para os referidos trabalhadores. Há dias, na ocasião em que os mesmos coroados realizavam casamento, segundo o seu rito, aos que afirmam os entendidos, foram vistos pelos trabalhadores da estrada que, a tiros de carabina, assassinaram homens, velhos, mulheres e crianças, poupando tão somente a vida de uma jovem índia, de quem abusaram de maneira mais indigna, cometendo em seguida uma série de cenas de vandalismo (BEOZZO, apud SILVA, 1992, p. 56 e 58).

Um fator a destacar o povoamento intensivo da região nesse período, foi o econômico:

A zona desconhecida de 1905, conta, 15 (quinze) anos depois, com uma população de 136.454 pessoas. A partir daí, nos 15 (quinze) anos seguintes, essa população passará para 608.000 pessoas (...). As plantações de café seguem o mesmo ritmo e os 722.119 cafeeiros de 1920 transformam-se em 12.544.045 em 1935 (BEOZZO, 1969, p. 774).

Por outro lado, “a população dos Caingangues e Coroados na região há ainda um pequeno grupo, no Município de Braúna, no Posto de Icatu” (CINQUENTENÁRIO, Diocese de Lins, 1976, p.10).

A região conheceu outro surto de desenvolvimento com a perspectiva da 2ª. guerra. A região de Lins foi uma das maiores produtoras de café do mundo na bolsa de Nova Iorque entre 1929 e 1940. Com o surgimento da crise da lavoura do café, a região transformou-se em área de outras culturas e pastagens.

“A decadência do café se deu depois de 1940, sucedendo assim outras culturas tornando a região uma grande produtora de algodão, batata e menta. Nos últimos 10 (dez) anos deu-se a radical transformação no panorama agrícola”. (KAMEYAMA, 1969, p. 696).

A década de 1940 foi de adaptação da região às novas culturas, junto ao plantio do café, permanecendo essa situação até o início da década de 1950, quando os grandes produtores de café buscavam integrar-se aos novos tempos e investirem em outras culturas como forma de resolverem os problemas sociais que aconteciam em relação aos colonos.

No final da década de 1950 e início de 1960, durante a fase inicial do período populista/desenvolvimentista¹⁰, nascia na cidade de Lins, a Faculdade de Serviço Social de Lins e outras escolas de nível superior. Lins havia se tornado um forte pólo de atração, significativo na época, vários fatores mostravam que o Município poderia crescer de forma ainda mais rápida. Entre 1940 e 1960, o município de Lins, passara então de uma população de 36.365 habitantes em 1940, para 47.629 habitantes em 1960¹¹. Apresentava-se uma economia sobre os moldes da produção agrícola, chegando perto de 25.000.000 pés de café, conferindo ao município o título de maior produtor da rubiácea no mundo.

O quadro a seguir demonstra a situação da população rural e urbana no período de 1950 a 1980. Mais especificamente chama atenção o aspecto da população rural que diminui a partir de 1960.

Distribuição da População Rural e Urbana entre 1950 e 1980

ANO	POP. URBANA	%	POP. RURAL	%	TOTAL	%
1950	20.376	50,9	19.591	49,1	39.967	100
1960	32.384	67,5	15.555	32,5	47.939	100
1970	38.115	83,6	7.440	16,4	45.555	100
1980	44.771	87,6	6.386	12,4	51.077	100

Fonte: BEOZZO, J. O. *Revista Novos Escritores*, nov. 1981.

No período de 1960 a 1970, Lins, passa a ter sua economia, essencialmente, agropecuária, para a prestação de serviços, nas áreas de comércio, educação, assistência médica - hospitalar, beneficiando toda região. Tal transformação possibilitou o surgimento de um setor urbano constituído por estudantes, professores, bancários, funcionários públicos e profissionais liberais. (PERIN, 1983, p.18).

¹⁰ O populismo possui três elementos essenciais: nacionalismo desenvolvimentista, o pacto das classes e a intervenção do Estado. O populismo é marcante a partir da II Guerra Mundial, vemos a partir daí a ascensão da burguesia industrial. Esta como forma de desenvolver sua política econômica, a industrialização, busca intervenção do Estado. O populismo continua presente no governo de JK, JQ e Vargas, permanecendo até o governo de Goulart. Nessa fase o Serviço Social assume no Brasil a postura desenvolvimentista. Na década de 1950 mais especificamente vemos surgir os primeiros escritores em Desenvolvimento de Comunidade no Brasil, entre eles, assistentes sociais. (AGUIAR, 1995, p. 84/85/86).

¹¹ Dados recolhidos por Nobuco Kameyama e José Oscar Beozzo, no Registro Civil da Cidade de Lins/SP (REVISTA DE CULTURA VOZES, v. 63, n. 9, p.781).

1.2 Percurso Histórico da Faculdade de Serviço Social de Lins

Na década de 1960/1970, Lins, é conhecida historicamente como grande centro educacional do Estado, com duas Faculdades Superiores: a de Filosofia e de Engenharia. A população estudantil dessa época era de 13.182 estudantes, somando-se: 7.287 no primário, o secundário em aproximadamente 5.500, e no nível superior, aproximadamente 350 alunos.

[...] num raio de 140 quilômetros, a Faculdade de Serviço Social, servirá a uma das mais vastas regiões do Estado abrangendo diversas cidades como Bauru, Marília, Garça, Penápolis, Araçatuba, Birigui, Pirajuí, Novo Horizonte e outras. Será a primeira faculdade do gênero a ser instalada no interior do Estado, nessa região, podendo ainda, servir parte do estado de Mato Grosso. (...) existe real necessidade de sua instalação (RELATÓRIO DO INSPETOR VERIFICADOR DE BAURU, da Diretoria do Ensino Superior, p.4-5, 02 out. 1958).

A fala da entrevistada a seguir, confirma a necessidade e o compromisso da Faculdade de Serviço Social junto aos grupo das lavadeiras como instrumento de organização e educação popular.

Naquela época havia o apoio da Faculdade de Serviço Social de Lins junto das lutas do povo. Ela sempre se colocava junto aos maiores problemas como desemprego, educação, moradia, exploração. Por todo canto tinha estagiárias e assistentes sociais como membros atuantes com a gente nos grupos e movimentos como idealizadores e mobilizadores de direitos dos trabalhadores em suas reivindicações. Ninguém tinha medo de arregaçar as mangas (Entrevistada M. Z, 63 anos).

Importante relacionar que a Faculdade de Serviço Social de Lins surgiu em meados dezembro de 1958, como consequência de vários fatores ligados diretamente à conjuntura da época: de um lado, a necessidade vista pela oligarquia rural que dominava a cidade de Lins e Região de entender a realidade local e as demandas no aspecto social, especificamente, como se dava a relação capital/trabalho no campo. Essa preocupação continua claramente presente no objetivo do Serviço Social da época. “Empenhar-se na promoção humana e por uma ordem social justa (...) e na integração do homem no processo de desenvolvimento” (FERRREIRA, 1982, p. 15).

Por outro lado, pela própria conjuntura econômica e política do país, quando a região de Lins, vivenciou a decadência do café e o expressivo êxodo rural. A

realidade de exclusão da população que veio do campo apresentou significativas ameaças ao poder dos latifundiários. Aí a necessidade então de profissionais e técnicos preparados para intervir e interagir na questão social.

Mesmo com o empenho de setores da oligarquia rural atrelada à classe média em criar e efetivar a Faculdade, anteriormente a 1958, de acordo com a ata da primeira reunião da Congregação, somente em dezembro deste mesmo ano pelo Decreto nº. 45.188 que a Faculdade de Serviço Social de Lins, foi autorizada e passou a existir.¹²

A Faculdade de Serviço Social de Lins foi a primeira de todas que as Missionárias de Jesus Crucificado fundaram, o que não dependeu apenas da vontade as Irmãs. Como afirma Madre Altiva¹³, a primeira diretora da Faculdade:

Nós já tínhamos Faculdades de Serviço Social em algumas capitais, principalmente no Nordeste. No interior de São Paulo, fora Campinas, foi a primeira e, assim mesmo, por solicitação da comunidade. A comunidade Linense já tinha colocado à nossa disposição um terreno. Não sabia ainda se aceitaríamos ou não fundar a Faculdade. Mas eles queriam uma Faculdade de Serviço Social, especificamente (...) junto com a igreja, junto com o bispo – que era D. Henrique Gelaim naquela época -, havia o Dr. Rato, um grande fazendeiro que, junto com pessoas da cooperativa de cafeicultores, da qual era presidente, juntou forças e deu condições para fundarmos a faculdade (PAIXÃO 1959, apud SILVA, 1992, p.80.).

Até que tivesse seu próprio espaço, a Faculdade funcionou no Círculo Operário, à Rua Regente Feijó nº. 52, oferecido pela Igreja Católica. “Em 04 de novembro de 1959, foi recebido do Serviço Social do Estado, um milhão de cruzeiros, para iniciar a construção do prédio próprio, à Rua D. Lúcio, 165”¹⁴ onde passou a funcionar até fins de 1990, quando transferida para a Fundação Paulista de Tecnologia e Educação.

É bem verdade que o discurso sobre a necessidade do surgimento da Faculdade teve uma relação direta com o momento político brasileiro, ou por desenvolvimento ou por ameaça política.

¹² Ver Ata de 26/01/1959 do Livro de Atas das Reuniões de Congregação, fl. 1.

¹³ Formada em Serviço Social pela Faculdade de Juiz de Fora, Religiosa da congregação das Irmãs da Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, conhecida popularmente, como Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Esta Congregação é de origem brasileira, fundada em 1928. Irmã Altiva atuou na como diretora do Curso de Serviço Social de Lins, no período de 1959-1966. Atualmente vive em Juiz de Fora com 85 anos de idade.

¹⁴ Cf. Ata de 04/11/1959, do livro de Atas das Reuniões de Congregação, fl.6).

Ao se tomar conhecimento das falhas da estrutura assistencial no Município e mesmo na Região no aspecto de assistência global e familiar pela Comissão Municipal (...) tomando contato com os problemas regionais, sentiu-se necessidade da criação da Faculdade de Serviço Social que, pelo menos seus técnicos poderiam enfrentá-los com métodos mais adequados para uma ação, não só na zona urbana, como na zona rural (...) Ou as democracias são capazes de promover o bem comum, a justiça social ou esse bem comum será instrumento de manejo para a conquista de regimes coletivistas ou totalitários (Ata de 26/01/ 1959 do livro de Atas das Reuniões de Congregação, fls. 2 e 3).

Destacou-se a importância dos esforços de todos nas mais diversas esferas políticas dominantes da cidade para criar a Faculdade: o comandante do 37º. (trigésimo sétimo) Batalhão de Infantaria Motorizada, a senhora Joceline Guimarães, irmã do Deputado Federal Ulisses Guimarães e, na época, Presidente da Comissão Regional da Legião Brasileira de Assistência - LBA, o Presidente da Cooperativa dos Cafeicultores, D. Henrique Gelaim, em conjunto, empenharam-se para o surgimento da Faculdade, de Serviço Social. O curso de Serviço Social, como dito antes, um dos mais antigos cursos no interior de São Paulo, obteve reconhecimento em âmbito nacional.

No período do surgimento da Faculdade destacou-se um forte vínculo com uma das primeiras instituições de nível nacional, estadual e municipal que era a LBA¹⁵ instituída no governo Vargas, a qual demandaria contingentes de profissionais assistentes sociais, oferecendo subsídios para expansão do Serviço Social.

A primeira instituição nacional de assistência Social é organizada em sequência ao engajamento do país na Segunda Guerra Mundial. Seu objetivo declarado será prover necessidades das famílias cujos chefes haviam sido mobilizados. (...) Surge a partir de iniciativa de particulares logo encampadas e financiadas pelo governo. (...). (IAMAMOTO, 1996, p. 256-257).

Em Lins, foi visível diante da conjuntura econômica, política e social, que a Faculdade contou com o apoio do Serviço Social rural e da LBA, segundo FERREIRA (1982), “o Serviço Social Rural, concedeu para as duas primeiras turmas quarenta e duas bolsas de estudos”. (p. 17).

¹⁵ Pelo Decreto-lei nº 4830, de 15-10-1942, a LBA é reconhecida como órgão de colaboração com o Estado no tocante aos serviços de assistência social. (IAMAMOTO, 1996, p. 257).

Através da Lei nº 2. 631, de 23/09/1955, criou-se o Serviço Social Rural que vai ser organizado e começa sua atuação a partir de 1959. Sua presença marcante será a partir de 1960. Este serviço receberá apoio do governo e de vários programas internacionais, bem como de órgãos patronais da área. Sua atuação implicará processar o desenvolvimento capitalista no campo. (AGUIAR, 1995, p. 89).

De acordo com o REGIMENTO, da Faculdade de Serviço Social de Lins, nesse período, a Faculdade por meio da aplicação de métodos e técnicas próprias tinha a finalidade de possibilitar uma formação de pessoal técnico e capacitado para ação do Serviço Social em qualquer de seus campos; aperfeiçoar e divulgar técnicas e conhecimentos de acordo com o Serviço Social; propiciar ambientes adequados à resolução de problemas. (apud FERREIRA, 1982, p.16).

A ênfase dada à formação profissional nesse período baseou-se na bibliografia americana, objetivando a preparação dos alunos para, desde o primeiro ano do curso, estagiarem nas mais diversificadas experiências e campos tais como: LBA, berçários, Centros Sociais, creches, junto à população rural, em funções educacionais e intensificando o desenvolvimento dessas comunidades no nível regional.

A partir dos anos 1960 a Faculdade ganhou nome e projetou-se na vida da cidade e teve o seu apogeu nesse período. O primeiro desafio do curso foi a necessidade de uma bibliografia básica, pois, a que existia no Brasil era escassa. Conforme a Diretora Irmã Altiva, “só havia livros americanos que eram traduzidos, entre esses, Simone PARÉ, Gordam HAMILTON e Arthur DILLMAN”.

Mesmo com dificuldades em avançar na estruturação do curso, esse foi um período rico em várias articulações junto aos demais cursos existentes na cidade, principalmente, com a Faculdade de Filosofia, intencionando a criação de uma Universidade cujo campus seria toda a cidade de Lins, transformando-a de “cidade das escolas” cidade universitária como Lins era conhecida. Essa idéia permaneceu apenas como possibilidade, pois não se concretizou.

Tanto no processo de formação de professores como na expansão do curso de Serviço Social de Lins, a faculdade buscava uma intervenção e inserção mais direta junto à vida da cidade, procurando expandir os campos de estágio por toda a região. Por meio do Desenvolvimento de Comunidade, os professores ministraram cursos na zona rural em interação com as outras instituições já mencionadas. A forma de atuação dos profissionais trouxe um bom resultado, pois a prática da Faculdade era

também de interesse dos grandes latifúndios, isto é, a de buscar soluções dos problemas de uma região que, de grande produtora de café, transformava-se em área de plantio de outras culturas como algodão, batata e menta e ansiava, futuramente, tornar-se área de pastagens.

No período de 1959-1968, conforme depoimento de uma ex-aluna:

A Faculdade foi pioneira na criação, incentivo e organização de várias entidades e obras existentes na comunidade, por meio do trabalho das Irmãs de Jesus Crucificado e das alunas estagiárias na abertura de campos de estágio. Marcando muito na época o Serviço Social Rural com a criação dos clubes agrícolas do Tangará e Guapiranga (EX-ALUNA apud SILVA 1992, p. 87).

Irmã Altiva lembra como um fato histórico que “o surgimento da Faculdade de Serviço Social de Lins, organizou o Serviço Social na região, inclusive em Bauru, onde, depois, nasceu outra Faculdade de Serviço Social”, o que revela que a Faculdade de Lins era um pólo de forte influência para outras Instituições tendo sido convidada, na época, para ajudar na organização da Diocese de Bauru. Os alunos, a pedido de D. Pedro Paulo Koop, então Bispo de Lins, fizeram um levantamento para o Vaticano, objetivando conhecer o que era necessário saber para organizar uma Diocese.

Ainda na fala da Diretora o relacionamento da Faculdade com a Igreja Católica, com a Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social - ABESS e as relações estabelecidas com as Instituições locais e até nacionais, contribuíram para o bom relacionamento com o Ministério de Educação e Cultura. A Faculdade de Serviço Social de Lins chegou a ser indicada como inspetora de outras Faculdades de Serviço Social (PAIXÃO apud, SILVA, 1992, p.88).

Considerando o empenho desse período e os bons resultados do Serviço Social, não se pode esquecer que esse foi também um tempo de intensificação dos conflitos marcado pela política de repressão do governo militar de 1964. A partir do AI-5 (1968), a Faculdade viu-se coagida a romper com todos os projetos de cunho social articulados com a população rural. Destacou-se ainda dessa fase a perseguição à professora da faculdade de Serviço Social e ex-aluna da escola, Nobuco Kameyama:

(...) nos anos de 67, 68 e início de 1969 fizemos ainda, um bom trabalho de organização da população rural (...) que desenvolveu cooperativas, atividades coletivas que a comunidade assumia a venda de produtos em conjunto (...) e coisas nesse sentido. Mas acontece que naquela época

começamos a sentir que a região começava a sofrer processo de proletarização (...). Nessa época tivemos que enfrentar uma luta em Santa Fé do Sul, Região de São José do Rio Preto (...). Entrou aí polícia, jagunço, tudo... E (...) nós tivemos que deixar a área. Foi por isso que pagamos o preço do AI-5 (...). Depois tivemos que sair do país também (KAMEYAMA apud SILVA, 1992, p.93).

A Faculdade de Lins não ficou alheia aos acontecimentos protagonizados pela Ditadura Militar no contexto nacional e, impedida de contrapor-se ao regime, buscou uma prática institucionalizada como forma de atender às demandas de acordo com o regime, acabando com o caráter interventivo organizacional popular.

A dissertação de Mestrado do professor Matsuel Martins da Silva (1992), sobre a história da Faculdade de Serviço Social de Lins, remete-nos à trajetória política do período de 1958 a 1988, no qual se insere a história da Associação das Mulheres Lavadeiras tema de nosso estudo e da intensificação da qualidade de sujeito destas mulheres, nosso objeto.

A cidade de Lins teve forte característica de uma oligarquia rural dominante, reforçando cada vez mais o mandonismo local¹⁶ e direcionou os rumos da política institucional local. Estes formavam o grupo dominante e colocavam no poder os representantes de seus interesses de classe.

No período, 1960 a 1963, Lins foi governada pelo prefeito do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, em substituição ao líder político anterior da União Democrática Nacionalista - UDN, que havia renunciado em 02 de agosto de 1959. Segundo registro da Câmara Municipal de Lins desta mesma época, este renunciou em março de 1963, objetivando candidatar-se a cargo legislativo. De janeiro de 1964 a Janeiro de 1969 fica novamente a política local nas mãos da UDN, partido de estrutura urbana conservadora, passando para os quadros da ARENA, com uma prática política reforçadora do golpe militar de 1º. de Abril de 1964.¹⁷

A realidade autoritária da Ditadura Militar impôs às pequenas e médias cidades, entre elas Lins, a exigência de uma acentuada dependência em relação ao

¹⁶ Apresenta-se como uma forma de estruturação social baseada no latifúndio, ou seja, nas grandes propriedades de terra, no que se poderia chamar de "grande família". É o modo pelo qual se processara a ocupação do solo, desde o início da colonização. As grandes propriedades centradas nas mãos de alguns senhores. Aquele que chegava ali numa zona qualquer era condenado a ficar sob a sombra do mandão local e ligá-lo fortemente a si se quisesse ter seu apoio e ali permanecer. É a escravidão reforçando o poder local do proprietário rural. Essa realidade de uma relação de dominação versus dominado trouxe à tona o nódulo duro e resistente do mandonismo local no Brasil, que fazia os homens se definirem em termos de posse em relação uns aos outros (QUEIROZ, M. I. P. de. **O mandonismo local na vida Política brasileira e outros ensaios**, São Paulo, Alfa - Omega, 1976, p. 19 e 33).

¹⁷ Cf. Câmara Municipal de Lins. Relação de Prefeitos, 1920/1989, Fls. 6-7.

poder central¹⁸ do ponto de vista político e econômico, além das intervenções nos aspectos sociais e culturais. De um lado a cidade cresceu e o município recuperou sua expansão no período de 1980, e a realidade do êxodo rural mudou a característica da região. Conforme estatística do quadro anterior, Lins teve um acréscimo em sua população urbana diminuindo assim a população rural. Há um crescimento em geral da população do município.

O fenômeno da urbanização é o reflexo da expulsão do trabalhador rural do campo dando lugar às transformações da lavoura de café, às pastagens e ao gado. População essa que segundo BEOZZO, vivia refratária à urbanização, e residindo muitas vezes, na periferia da cidade, conservava os hábitos e a mentalidade do campo.

Esta população que abandonou o campo criou um fluxo migratório para as regiões do Norte do Paraná, Sul de Mato Grosso e região da grande São Paulo. Em parte, porém, veio instalar-se em pequenas comunidades de 1.000 a 1.500 habitantes, continuando a viver uma vida tipicamente rural. E um contingente mais importante partiu ainda em demanda das cidades médias do interior, sem ser, no entanto absorvido na sua estrutura de trabalho. São rurais habitando na cidade onde constituem um novo homem e inauguram uma nova forma de relações de trabalho e de recrutamento de mão-de-obra (BEOZZO, 1969, p. 784- 785).

O inchaço da população urbana criou a aglomeração e provocou uma série de mudanças à população que necessitava de melhorias para a superação de sua miséria. A falta de interesse político da classe dominante local e do poder central provocou, ainda mais, o aumento da pobreza, o desrespeito por parte dos patrões, quanto as leis referentes ao pagamento do salário mínimo. As políticas sociais dessa época, no nível local, refletiam as nacionais e, visavam mais, prolongar a situação, do que a prevenir com medidas alternativas. Permanece como função do poder local, de um lado a organização das velhas oligarquias, e de outro, os donos do poder visando meramente a manutenção do poder e, de outro, os setores populares em busca de melhores condições de vida.

Frente ao embate político, surgiu uma postura de resistência e articulação dos políticos engajados na prática partidária de oposição e por parte da Igreja Católica,

¹⁸ Paralelo ao mandonismo que se afirma em todas as ocasiões como o poder mais forte, veio se desenvolvendo também um poder central. Durante a primeira República o poder central principia a se desvencilhar do coronelismo e a construir uma força independente com o qual é preciso contar; chegam mesmo a um equilíbrio de forças, governo central e mandões políticos trata-se de potência a potência (QUEIROZ, M. I. P. de. **O mandonismo local na vida Política brasileira e outros ensaios**, São Paulo, Alfa - Omega, 1976, p 33).

como foi o caso de alguns padres e do Bispo de Lins, na época, D. Pedro Paulo Koop¹⁹, na tentativa de romper com poder executivo das mãos dos militares e de seus aliados. O bispo em muitas situações de conflito enfrentou o 37º. Batalhão de Infantaria Motorizada, buscando informações sobre os leigos e religiosos presos e exigindo a liberdade dos líderes políticos e cristãos engajados na prática progressista da Diocese de Lins, presos pelos militares.

Em janeiro de 1967, a Irmã Neli da Conceição²⁰ assume a direção da Faculdade na ausência de Irmã Altiva que necessitou deixar o cargo em meio aos conflitos do período da Ditadura Militar, com perseguição dos militares aos idealistas e militantes.

No período de 1968 a 1970, a Irmã Nair Donzellini²¹ assume a Direção, sem ter muito conhecimento das causas internas dos conflitos anteriores. A ditadura instalou-se por definitivo, mais precisamente a partir de dezembro de 1968, reprimindo qualquer tentativa de mudança no regime de governo.

No período de 1968, mais especificamente, a repressão foi um marco na atuação da Faculdade de Serviço Social. Essa realidade causou em alguns professores e direção medo e insegurança, o que dificultava, de certo modo, discutir questões ligadas ao processo de formação da consciência crítica ou sobre o momento político ou social e econômico vivido no país.

A Faculdade passou pela dinâmica de retrocesso à prática institucional interna, limitando sua intervenção junto às outras instituições, como mencionado anteriormente, permanecendo apenas a presença dos alunos para seu estágio curricular. Frente às situações de dificuldade, é importante afirmar que, tanto o Documento de Araxá como o de Teresópolis, foi o referencial usado na Faculdade de Serviço Social de Lins, como tentativas de reflexão do Serviço Social, focado nas

¹⁹ Dom Pedro Paulo Koop - Missionário do Sagrado Coração de Jesus - MSC, nasceu na Holanda. Trabalhou no Brasil desde 1931. Por 18 anos foi vigário da cidade de Bauru e Bispo de Lins, SP, 1960 – 1970. Fundador do Instituto Paulista de Promoção Humana - IPPH, Autor do projeto de reforma do costumeiro clerical, permitindo a ordenação de homens casados, surgidos e educados nas comunidades de base – CEBs. O projeto tornou-se mundialmente famoso e aceito por 70% do episcopado. Foi um Bispo da Teologia da Libertação. REVISTA DE CULTURA VOZES, 1969,v. n.9, p.788).

²⁰ Mineira, vinda de Campinas, Missionária de Jesus Crucificado, formada em Serviço Social, assumiu a direção da Faculdade de Serviço Social de Lins, provisoriamente no ano de 1967, coma saída de Madre Altiva.

²¹ Paulista formada em nível superior, Irmã Missionária de Jesus Crucificado, assumiu a direção da Faculdade de Serviço Social de Lins, no ano de 1968 a 1970. Hoje vive em São Paulo, é Provincial da Região de São Paulo, com 80 anos de idade.

discussões do Serviço Social do Brasil mesmo que ainda numa linha um tanto conservadora. Esta perspectiva influenciou a formação de um grande grupo de profissionais de Serviço Social, formados sob a ótica modernizadora, ocasionando mudanças do conteúdo programático curricular do Serviço Social de Lins e demais faculdades do Brasil, que de acordo com AGUIAR (1995), apresentava uma forte influência tomista²².

A partir da década de 1970, com o Movimento de Reconceituação²³, a Faculdade começa uma nova fase. Procurando dar respostas às interrogações dos alunos e de uma parcela de professores que questionavam a ausência de uma ação integrada à realidade vivida pela população, começa então, a busca por uma formação profissional fundamentada em aspectos teóricos e práticos da profissão que faziam a leitura crítica da realidade.

De acordo com Ferreira (1982), “as mudanças são frutos de conflitos que nascem de idéias divergentes, que ao serem refletidos e analisados podem voltar-se a uma ação comum”. Ainda segundo essa autora, houve discordância, demissões de alguns professores, na sua maioria os da área de conhecimentos profissionalizantes do Serviço Social e também admissões de outros professores considerados por consenso entre os já efetivados, mais abertos e aptos as mudança do momento (p. 29).

O Movimento de Reconceituação no Brasil estava preocupado em focalizar aspectos teóricos que respondessem de forma adequada à realidade Latino-Americana, uma vez que os problemas até então solucionados, eram fundamentados na teoria americana, desvinculada da realidade brasileira subdesenvolvida. O início desse movimento de reconceituação surgiu com o lançamento da Revista Debates Sociais em outubro de 1965 editado pelo Congresso Brasileiro de Serviço Social - CBCISS. No 1º Seminário de Teorização de Serviço Social em ARAXÁ-MG de 19 a 26 de Março de 1967, e contou com a participação de 38 (trinta e oito) Assistentes Sociais, que em estudos e reflexão elaboraram o Documento de Araxá.

²² Corrente filosófica baseada no princípio de que o “homem é naturalmente um animal social”. Necessita viver para os outros e não somente para si. AGUIAR, 1995, p. 64.

²³ Esse movimento tal como se expressou em sua tônica dominante na América Latina, representou o marco decisivo no desencadeamento do processo de revisão crítica ao Serviço Social no continente (IAMAMOTO, 2003, p. 205).

Conforme o Documento de Araxá, os participantes afirmaram “ser esta reformulação do Serviço Social em novas linhas de teoria e de ação para servir à pessoa humana e à sociedade. O serviço Social, como agente intervém na dinâmica social no sentido de orientar e levar a população à tomada de consciência dos problemas sociais de forma a colaborar nos modos de integração popular no desenvolvimento do país” (DEBATES SOCIAIS, Documento de Araxá, 1965, p.13).

Quanto ao ensino de Serviço Social no preparo técnico dos profissionais na forma de intervenção havia uma preocupação frente à realidade posta. De 10 a 17 de Janeiro de 1970, nasce o Documento de Teresópolis, elaborado no II Seminário de Teorização do Serviço Social. Nessa década salienta-se que havia um clima de intensificação da discussão política, com uma correlação de força bem diferenciada da década anterior.

O Estado exercia o papel de controlador das forças políticas de direita, garantindo pela repressão as condições de estabilidade econômica e social a “paz trabalhista” exigida pelo capital estrangeiro e controladas pelo arrocho salarial e leis anti-greve.

As classes dominantes na América Latina, aliadas às multinacionais garantia os interesses do capital e a implantação da modernização capitalista reforçando o crescimento dos problemas sociais, a inflação desenfreada, oriunda da expansão capitalista e da produtividade econômica, sob os moldes intensivos de acumulação do capital.

O período entre 1973 e 1976, apoiado por parte da Igreja Católica, de Lins, a resistência ao governo militar de Médici teve o apoio do movimento estudantil. A organização contou com caminhadas universitárias, promovidas pelo clero local, convocando à participação da população envolvida e originando discussão sobre os problemas sociais de dominação política e a exploração do trabalhador.

Mais da metade do nosso povo vive condições infra-humanas, em estado permanente, não de pobreza, mas de miséria, de fome, de doença, ignorância, desemprego, ou com profissão instável e mal remunerada. Prevalece uma sociedade mal estruturada, na qual impera o individualismo e o egoísmo, sendo o homem, considerado mero instrumento no processo de produção econômica e não seu beneficiário. Urge eliminar as causas que impedem a realização do homem como pessoa. (KOOP, D. Pedro Paulo, 1969, apud REVISTA de Cultura Vozes, v.63, n.9, p.788).

A experiência de organização levou ao crescimento da tomada de consciência dos estudantes Linenses e da população que a cada dia tornava-se solidária em defesa da opressão do povo em reação as atitudes de dominação por parte da

classe dominante.

No que se refere ao poder local, a mesma oligarquia rural do período anterior, continuou na liderança política e governou a cidade até 1976, quando foi eleito o prefeito do Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Com a eleição de um candidato da oposição, ventos novos de abertura política sopraram por Lins, pois sua eleição contou com o apoio das camadas médias e pobres da população e articulação do movimento estudantil da Faculdade de Serviço Social de Lins e Engenharia, da qual o mesmo foi professor. A cidade de Lins foi beneficiada com os reflexos da melhoria política. O município resistiu às investidas do governo central e às perseguições políticas do período da Ditadura Militar.

Com os primeiros sintomas da abertura política, em 1977, realiza-se o Concílio de Jovens, objetivando discussões emergentes da realidade como organização política e participativa, envolvendo grande parcela da população organizada, da Pastoral Universitária - PU²⁴.

A cidade de Lins ao mesmo tempo em que lutava por sua particularidade, crescia com os espaços de abertura aos eventos nacionais. Apoiado nas experiências de grupos das lavadeiras de Goiânia, a organização do grupo das lavadeiras contribui para abertura de novos empreendimentos de suas organizações e melhorias para o município e, ao mesmo tempo, expandiram suas experiências de luta a outros movimentos sociais como, aos trabalhadores rurais, às empregadas domésticas, e à associação amigos de bairros.

O Serviço Social era nosso apoio, os alunos e professores incentivavam as comunidades a se juntar, orientavam como defender e brigar pelos nossos direitos. Tinha mulheres que trabalhavam muito para suas patroas e ainda encontrava força para cuidar de sua casa e de seus filhos. Tudo era mais difícil desde os tempos da ditadura. O maior orgulho da gente era não desistir mesmo nas dificuldades. Eu sempre vi que as mulheres e os demais grupos que existia e a faculdade lutavam, pois, queriam ter a sua vida e cuidar dela do jeito que acreditavam ser melhor para si para sua família e para a comunidade (Entrevistada M. L., 75 anos, moradora de Lins).

A partir de 1977 a Irmã Nilce²⁵ assume a direção da Faculdade de Serviço Social com a tarefa de preparar um grupo de leigos e entregar a eles a direção, que,

²⁴ Cf. INFORMANDO, Boletim da Diocese de Lins, Agosto de 1977, p.1.

²⁵ Paulista da região de Bauru, formada em Serviço Social pela Faculdade Universidade de Campinas. Assume a direção do Curso da Faculdade de Serviço Social de Lins entre os anos de 1977 e 1978, fase esta de transição do mesmo para a direção leiga, sob a nova direção de Nobuco Kameyama. Ir. Nilce mora e trabalha numa Cooperativa de agricultores em Inhumas, cidade de Goiânia, com 87 anos de idade.

nessa época, já se manifestavam em atividades de cunho pedagógico. Ainda em clima de repressão, havia por outro lado, uma tentativa de modificar o processo.

Foi um período crítico para a Faculdade. Não havia ninguém querendo assumir... Foi colocado para a Congregação: Alguém quer assumir? E ninguém se manifestava, então apelaram a mim que fosse para assumir. Fui para ver o que estava acontecendo. Ver e ficar. E percebi uma insatisfação muito grande por parte dos professores e alunos e tudo. E eu fui para essa missão de passar a direção adiante. (Ir. NILCE, 1977)

Conforme o depoimento, percebia-se um clima de apatia e confusão. Algo precisava ser revisto.

Com a nova direção, muitos profissionais afastaram-se da Faculdade ou foram demitidos por não aderirem à nova orientação. Conforme afirma em depoimento uma ex-aluna formada em 1978:

Havia muito respeito com relação aos alunos da Faculdade de Serviço Social, isso na época, depois sente que algumas instituições ficaram descontentes com a atuação profissional dos alunos recém-formados. Muitos são só teóricos esquecem da realidade na qual estão inseridos, negando toda uma ação prática ainda necessária (Ex-aluna, 32 anos, formada em 1988).

De acordo com SILVA alguns aspectos de luta nesse processo histórico de abertura política e democratização dos anos 1979 a 1988 merecem destaque, uma vez que este é considerado o mesmo período do surgimento da luta do grupo das lavadeiras de Lins.

Motivados pela abertura política e sua efetivação, os estudantes continuaram com as manifestações e lutando por seus interesses. Usando a infra-estrutura cedida pela própria faculdade de Serviço Social de Lins. Até fins de 1978 e início de 1979 organizavam-se nos Diretórios Acadêmicos da Universidade e no período de maio a dezembro de 1979, foram para as ruas da cidade exigindo a devolução do prédio da Federação Universitária de Lins-FUL, (local de reuniões e mobilização e assembléias, dos estudantes e suas representações Universitárias). A primeira eleição e posse da Diretoria da Federação Universitária de Lins surgiram ainda nas dependências da Faculdade de Serviço Social de Lins. Casadei, prefeito atual, pressionado pelo Movimento Estudantil, devolveu o prédio da FUL aos estudantes que retomam o local de suas lutas em 1980²⁶.

²⁶ Cf. ATAS da FUL, fls. de 1-9 do livro de atas da entidade, 1980.

No Brasil, acontecia no governo de João Batista Figueiredo – PDS (1979-1984) a intensificação no processo de abertura democrática que de forma administrativa, lenta, gradativa e segura consolidasse-se, revigorado pelas forças da oposição de vários grupos, organizações populares e novos sindicatos que, desde a década anterior, buscou constituir-se como base social de suma importância frente ao governo.

Com a consolidação da abertura democrática e as lutas populares eliminaram-se os poderes especiais do presidente nas tomadas de decisões, os denominados Atos Institucionais; foi decretada uma anistia geral em 1978 e o estabelecimento a possibilidade legal para a fundação de vários partidos exigindo-se a eficiência do bipartidarismo, Aliança Renovadora Nacional-ARENA²⁷ e do Movimento Democrático Brasileiro - MDB. A partir de então, o MDB permanece conhecido como Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB.

As determinações governamentais de acordo com Hellman (1993) objetivaram desarticular a oposição que pretendia realizar uma profunda democratização, iniciado para garantir as eleições diretas para o governo Estadual em 1982, abrindo caminho para futuras eleições presidenciais.

Este processo culminou quando com o lançamento de uma campanha pela oposição gerando uma das maiores mobilizações cívicas do Brasil: a campanha pelas “Diretas - Já!” Esse processo desembocou com a eleição indireta do candidato do PMDB, Tancredo Neves, que após seu falecimento, deixou o poder para o seu Vice, José Sarney, em 1985.

Apesar da transição política, de um governo de ditadura militar para um governo civil que significou um avanço da democracia para o futuro político do país, não se pode desconsiderar que o modelo econômico, com suas estratégias, continuou beneficiando o capital nacional e internacional, e a concentração da riqueza do continente. O apogeu da organização da população intensificou-se de 1978 a 1988, período esse considerado a democratização em todo país que se concretizou na Assembléia Nacional Constituinte.

Por parte dos movimentos sociais, esse momento de transição, definiu o caráter central e viabilizou o desenvolvimento do processo de luta que desembocou na Constituição de 1988.

²⁷ A direita organizou-se no PDS que agrupou todos os militares da ARENA, antiga base política do governo militar.

Conforme Wanderley:

Vários são os fatores que explicam essa nova conjuntura. Com a democratização dos processos eleitorais, lideranças populares, militantes de esquerda e assessores de movimentos populares passam a integrar o poder, tanto para o voto direto, como na gestão de órgãos públicos. O partido dos trabalhadores (PT) ascende ao poder em vários municípios, alterando a correlação de forças no interior da sociedade política (WANDERLEY, 1998, p.61).

Os movimentos sociais se fortaleceram, cresceram as organizações e as associações na luta pela terra. No empenho da luta pela conquista da terra, agrupam-se as forças de homens, mulheres, crianças, jovens e idosos que buscam formas concretas de participação política, visando à transformação social. As suas vontades se tornam desejos, transformados em sonhos, o que leva à ação coletiva na busca de um tipo de vida centrado na perspectiva da “mãe - terra”, considerada de grande valor para a existência humana, como por exemplo o MST e a CPT

Nesse período o processo de desenvolvimento capitalista baseado na urbanização intensificou ainda mais o êxodo rural, com uma relação de trabalho vinculada à subordinação, mudando assim, a proposta do trabalho familiar e de parceria. Os trabalhadores, os sindicatos, os estudantis, os professores e intelectuais, trouxeram à tona um novo elemento: o sujeito social, definindo para si políticos que os representaram

Na conjuntura política da época manifestaram-se as forças sindicais, tendo como indicador de avaliação o envolvimento e a participação da sociedade civil no processo da Constituinte, por meio das discussões para as emendas populares.

A política agrária da ditadura militar incentivou os latifúndios,

Investindo no processo de agravamento da concentração de terra, os governos ditatoriais dirigiam as questões fundiárias, reprimindo brutalmente as lutas por terra. Para os militares era fundamental desmobilizar toda e qualquer forma de organização política dos trabalhadores rurais, criando um vazio político necessário para tornar viável seu projeto de reforma no campo. Este foi um fator estratégico da elaboração e aplicação do Estatuto da Terra. (FERNANDES, 1996, p. 36).

Há uma supervalorização dos investimentos fundiários feitos pela burguesia em tecnologias agrícolas, criando assim, uma enorme reserva de força de trabalho que teve como contrapartida o crescimento das organizações dos trabalhadores rurais sem – terra. Os agricultores expulsos de sua terra migraram para a cidade. Outros continuaram mesmo assim, seu trabalho no campo, desta vez, como empregados,

assalariados, bóias-frias e arrendatários.

Pequenas organizações começaram a criar estratégias alternativas, com o objetivo de reverter este quadro e reconquistar a terra apropriada pelos capitalistas. Destacou-se se, como importante nessa ação, as Comunidades Eclesiais de base (CEBS), organização ligada à Igreja Católica, proporcionando espaço de reflexão na busca de soluções para os problemas vivenciados pela comunidade, relacionando a experiência de fé como compromisso com as questões políticas. A luta pela terra torna-se resistência contra o monopólio e a não distribuição da renda, passando essa mudança pela distribuição da terra e por uma política agrícola capaz de assegurar o incentivo e a sobrevivência, caracterizando-se pelo aspecto coletivo de produção na forma de organização. Consciente de que a luta pela conquista da terra não é algo novo, o MST nasceu para provocar mudanças e rupturas frente ao sistema excludente de possibilidades, de participação e do exercício da cidadania.

Almeida & Sanches (1998), destacam três processos de expressões significativas que se completam, apresentadas pelo MST:

A modernização Capitalista com fortes traços conservadores, dominadores da agricultura brasileira nas décadas de 1960 e 1970, estimulando os conflitos agrários; A ação pastoral-teologia da libertação, com ideários de setores da esquerda marxista. A origem do MST vincula-se estreitamente à emergência do “novo capitalismo”, dos movimentos sociais urbanos, das CEBS, do PT (final dos anos de 1970). O terceiro processo baseia-se nas experiências organizativas acumuladas pelos trabalhadores rurais nas décadas anteriores ao golpe de 64, incorporadas ou não, aos sindicatos posteriormente (ALMEIDA & SANCHES, 1998, p.80).

A Faculdade de Serviço Social torna-se um referencial de luta e engajamento no processo histórico político integrado ao Curso de Serviço Social para Lins e região, deixando reflexos significativos para todo o Brasil, por sua história de compromisso e mudança social. Desse empenho e compromisso social com as classes populares de Lins e região, o corpo docente idealiza e concretiza o Projeto de Educação e Organização Popular - PEOP, a partir de 1979. Interessa-nos esse assunto, por ser ele o tema de nosso trabalho de pesquisa²⁸. Sobre o qual trataremos no momento oportuno de nossas discussões.

²⁸ O tema o projeto de educação e Organização popular implantado pela Faculdade de Serviço Social de Lins, no período de 1979 - a 1990, como prática de estágio que caracterizou-se como uma ação profissional de intervenção.

1.3 Fase de Transição da Faculdade e o Projeto de Organização e Educação Popular - PEO

Em 1979 a Faculdade foi transferida para a coordenação dos leigos, assumindo a direção a Professora Nobuco Kameyama. Um grupo de professores organizados foi o responsável pela efetivação desse processo, entre esses, destaca-se o “professor de filosofia e antropologia, Antônio Geraldo de Aguiar, o qual implementou o Trabalho de Conclusão de Curso –TCC, específico na área de Serviço Social”. (VITÓRIO, 2005).

O TCC teve formalmente duas modalidades: desde a fundação da escola até 1977, os TCCs tinham o caráter de um relatório da prática realizada no campo de estágio. A partir de 1978, assumiu a perspectiva de um trabalho monográfico. (AGUIAR, 1983, p.3).

Importante considerar que a Faculdade de Serviço Social nesse período enfrentou os desafios da abertura política e assumiu novos caminhos da profissão. A ruptura com uma ação prática desvinculada da teoria crítica, e a importância dada à pesquisa, foram marcos históricos para a Faculdade, com seu reconhecimento a nível nacional.

Este foi um período importante na história do Serviço Social em Lins, expresso nas discussões necessárias entre professores, para romper com os ideários conservadores e implementar novas propostas para o curso.

Em 1979, os professores criam um novo plano curricular tendo como objetivo geral “formar profissional, cultural e humanamente o Assistente Social, proporcionando uma fundamentação filosófica, científica e técnica para uma intervenção crítica e transformadora na realidade brasileira”.

Os objetivos específicos voltavam-se “à pesquisa da realidade local e regional; desenvolver uma ação própria com serviços prestados à comunidade na área social e inserir-se de forma ativa na vida acadêmica”. (ATA da Septuagésima sétima Reunião da Congregação, 13/02/79, p. 104, apud FERREIRA, 1982, p. 30-31).

A realidade de mudança levou a pensar uma reestruturação necessária em todas as áreas:

No campo do ensino, a revisão do currículo e modificação das ementas bem como a carga horária; na extensão, com um estudo possibilitando mais tarde a promoção de um curso de especialização e na pesquisa, o incentivo a um grupo de professores a assumirem trabalhos práticos junto à população que tornou-se mais tarde, na implantação e implementação do Projeto de Ação Comunitária, depois configurado no Projeto de Educação e Organização Popular – PEOP.

Desse trabalho desenvolvido pelas estagiárias, é que nasceria a Associação do grupo das Lavadeiras de Lins - tema de nossa pesquisa.

É Importante ressaltar a efetivação do PEOP e sua relevância no momento da redemocratização da sociedade brasileira, onde vários grupos se organizavam em busca de melhorias salariais.

Foram realizadas pelos alunos, várias pesquisas para o seu TCC, sobre esse projeto, que serviria como uma espécie de campo piloto oferecido pela faculdade aos alunos que desejavam intervir na época, junto ao movimento sindical e popular.

A concretização do PEOP, enquanto proposta e campo de atuação do Serviço Social em Lins e Região, atingiu direta e indiretamente todos que estavam em contato com a instituição: alunos, professores, supervisores e funcionários.

Esse período foi marcado por fatos da conjuntura nacional, regional e local como a campanha pelas eleições “diretas – já” para presidente tornando-se significativo o envolvimento da Faculdade com o Movimento Popular, deixando aos alunos e professores a marca de seu engajamento.

O PEOP inicia-se na gestão da professora Nobuco Kameyama, num período compreendido entre 1979 -1990, quando da mudança do curso de Serviço Social para a mantenedora Fundação Paulista de Tecnologia e Educação.

O processo de inserção da Faculdade junto aos movimentos populares revela que, além do preparo teórico – metodológico, é fundamental a mudança de postura ideológica dos professores e alunos, o que exige na intervenção uma nova postura diante do novo.

Essa realidade de mudança levou os professores e alunos ao engajamento direto na organização, participação política e sindical, dos alunos caracterizando essa nova relação com a sociedade de forma a assumir o compromisso social na

busca pela transformação da realidade. Conforme relatório apresentado:

Foram formados grupos de interesses da população e de algumas categorias profissionais. Esses grupos de forma organizada junto aos trabalhadores rurais e urbanos reivindicavam melhorias referentes às necessidades e interesses dos bairros como água, esgoto, luz, asfalto, creches e reivindicações conforme as necessidades e interesses de categorias sociais como, melhores salários, condições de trabalho e de transporte bem como as melhorias de prestação de serviços, como melhor atendimento nos serviços de saúde, creche e outros. A articulação sempre acontecia de forma grupal para execução de atividades conjuntas, para um bom atendimento das necessidades de interesses comuns. (RELATÓRIO nº. 2 - agosto de 1981 a julho de 1982).

O nosso grupo de mulheres o das lavadeiras começou depois de várias visitas e reuniões feitas nos bairros organizadas pelo Serviço Social. A gente se encontrava para falar da realidade da política da nossa cidade e dos nossos direitos. A gente fazia tudo isso por meio do teatro, pois assim, todo mundo entendia o recadinho sobre a situação da realidade do que estava acontecendo. Além de discutir o assunto a gente levava junto com a faculdade o teatrinho para os bairros. As peças de teatro eram escritas conforme a necessidade dos grupos (bóias-frias, empregadas domésticas e lavadeiras...) (Entrevistada M. Z. 63 anos, casada, moradora de Lins).

Outro aspecto da organização política e inserção do Serviço Social a destacar-se desse período foi o nascimento do Partido dos Trabalhador-PT:

No dia 24 de janeiro de 1979, sindicalistas reunidos no IX Congresso dos Metalúrgicos, Mecânicos e eletricitários do Estado de São Paulo, em Lins, aprovaram a tese já elaborada pelos metalúrgicos de Santo André sobre a necessidade de criação de um Partido dos Trabalhadores. Surgindo essa tese como reação contra os partidos tradicionais, já que não havia condições para a criação de um novo partido político, mesmo porque seria difícil levá-lo à frente (...) O IX Congresso, representando mais de um milhão de metalúrgicos, reconheciam que o bipartidarismo não ia ao encontro de todos os segmentos da sociedade (...) O PT deveria nascer de um programa feito sem interferência dos Patrões (...) (GADOTTI & PEREIRA, 1989, p. 28).

As lavadeiras quando entrevistadas referiam-se também como participantes ativas do PT, praticamente o grupo das lavadeiras e demais organizações desse período nasceram junto com o PT, uma vez que os trabalhadores e ou desempregados formavam a maioria na sua organização e as necessidades eram as mesmas. Como diz uma das entrevistadas: “nos grupos tinha também muitos conflitos, pois nem todos trabalhavam pelos mesmos interesses, havia os interesses particulares. A gente respeitava as outras classes, mas queria que respeitassem a classe das mulheres” (Entrevistada Z, 63 anos).

Esses grupos ao mesmo tempo em que eram apoiados pelo Serviço Social,

traziam sempre novos referenciais teóricos para a reflexão da práxis social, aqui voltando-se a uma discussão que nasce da experiência concreta do cotidiano do povo.

Ao discutir sobre o cotidiano, retomamos Heller (1977), a qual fundamenta que este espaço genérico flui de forma concreta assegurando que na vida cotidiana do homem particular aparecem as necessidades que o levam à superação da simplesmente particularidade (p.108). Essa experiência do particular ao coletivo é explícita na organização das mulheres lavadeiras.

A gente se reunia para conversar nossos interesses pessoais e ao mesmo tempo, combinar o quanto valia o nosso trabalho e não trabalhava por menos que o combinado. Com esse dinheiro eu comprava as coisinhas de necessidade pessoais, mas ao mesmo tempo estava consciente de o que eu recebia era o combinado a pagar a toda nossa classe. Cada uma tinha suas necessidades, mas ao mesmo tempo nossa união fortalecia no trabalho nas dificuldades (Entrevistada F.C. G)²⁹.

Ainda conforme estudos históricos do professor Matsuel Martins da Silva, a história política, em sua trajetória, apresenta conflitos e posicionamentos políticos diferenciados. Com a eleição do sucessor de Casadei³⁰ em 1982, o prefeito Luiz Antônio Melges Tinós³¹, assume a liderança política desvinculada dos ideais progressistas. A população linense um tanto decepcionada com a postura do novo prefeito, continua sua luta. O nível de organização dos trabalhadores nas periferias da cidade e em alguns grupos organizados pelo movimento Sindical e Popular dificultou e impediu um retrocesso político ainda maior.

Ainda deste período de 1982 como fato importante, a candidatura política da Diretora Nobuco a Deputada Estadual pelo Partido dos Trabalhadores – PT. Muitos alunos e militantes apoiados pela Faculdade saem em campanha. Nobuco obteve mais de 16.000 votos, mas não conseguiu se eleger. Este fato de inserção política marcou a vida da escola e dos alunos que participou da campanha.

Após as eleições de 1982, a faculdade retomou os trabalhos de articulação e assessoria. O PEOP buscou cada vez mais fortalecer e ampliar as lutas no nível local e regional.

²⁹ Moradora de Lins, 68 anos, casada com 10 filhos, integrante do grupo das lavadeiras de 1980 a 1986, depoimento colhido em setembro de 2005.

³⁰ Waldemar Sândoli Casadei, Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, governou a cidade de Lins, no período de 1977 a 1981

³¹ O Sucessor do prefeito Waldemar, eleito em 1982, partido do PMDB, governou a cidade vinculado aos partidários da Nova República, fugindo do ideário progressista.

O relatório de nº. 3 menciona como sendo as áreas de ação do PEOP:

1. O início do processo de organização dos trabalhadores rurais a nível regional;
2. A consolidação do Movimento de Mulheres, (aqui ressalta-se o grupo das lavadeiras);
3. A capacitação dos agentes Sociais da região e a assessoria à Comissão da Pastoral da Terra da Micro – Região- CPT de Lins, Jales e Marília (CF RELATÓRIO, nº 3, p. 1-3, 1983).

A Sociedade Civil de Lins participou de todo o processo de abertura política: o movimento pelas Diretas-Já que sacudiu o país em 1984, teve em Lins uma forte repercussão. Várias manifestações foram realizadas com apoio das Faculdades, entre elas, a de Serviço Social, possibilitando espaço para reuniões e atos públicos pelas Diretas Já! Crescia a cada dia o número dos estudantes que se uniam na participação e compromisso daquele momento histórico, rico de esperanças, de sonhos e utopias.

Mesmo a campanha pelas Diretas - Já sendo derrotada pela manobra das elites conservadoras, em Lins a Sociedade Civil, após esse golpe, foi rearticulando – se: novos partidos foram surgindo e a população cada vez mais dividida, pôde escolher entre as várias opções político-partidárias.

Em 1985, surge uma grande mobilização pública contra as altas taxas que a SABESP cobrava pelos serviços de água e esgoto. Na liderança do movimento organizado contra tarifas de preços da taxa de água e esgoto destacou-se o grupo das lavadeiras por sua importância e influência da organização do grupo das lavadeiras como elemento dinamizador da sociedade civil de Lins.

Houve uma passeata no dia 1º de fevereiro em que o povo apresentou suas reivindicações e deu um prazo até o dia 1º de março para que a SABESP atendesse aos pedidos. (...) estão sendo enviadas cartas e convidando os grupos organizados para uma grande reunião do dia 31 de março (domingo), às 09hh. da manhã na Faculdade de Serviço Social de Lins, onde mais de 200 (duzentos) municípios estão sendo convidados (...) (BOLETIM, Voz do Povo, mar. 1985, p.5).

A Dra. Nobuco permaneceu no cargo de diretora da Faculdade e na coordenação do PEOP, até fins de 1984. Havia interesse por parte da maioria que ela fosse reeleita, mas em 1985 assume a direção da Faculdade, o professor Manoel Antônio Neto, dando continuidade ao trabalho iniciado na década de 1978. Havia certa predominância da literatura e ideologia marxista na escola, sempre com

espaço de discussão para todos. A preocupação da Faculdade continuou sendo a relação com os movimentos populares e a luta junto à população além da assessoria aos Movimentos Sociais. Esse período marca o rompimento com a mantenedora e o curso de Serviço Social passa a ser assumido definitivamente pelos professores, que de acordo como SILVA (1982), enviaram um documento a mantenedora a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade - SFIC intitulado "Alternativas de continuidade das atividades pedagógicas administrativas e financeiras da Faculdade de Serviço Social de Lins", destacando a importância da continuidade dos projetos desenvolvidos, considerando a nova conjuntura.

Entre 1986 e 1990, assume a direção o professor Matsuel Martins da Silva³² tendo como vice a Prof^a. Rosângela Jasinkevicius. Apesar de este ser um tempo de muitas lutas e apoio aos projetos de Organização Popular, o PEOP não respondia mais às demandas da conjuntura local e regional.

A Faculdade passou a intervir com assessoria. Dava-se um novo enfoque às atividades com os grupos populares e criava-se, então, o Projeto de Apoio e Assessoria aos Movimentos Populares – PAAMP .

O PAAMP passou por algumas dificuldades para impor-se como projeto, pela falta de subsídios, uma vez que, as instituições financiadoras de tais projetos até 1986, com o advento da abertura política e sua efetivação, investiam diretamente nas Instituições controladas pelos próprios trabalhadores organizados em cooperativas e afins.

Mesmo assim, até o final de 1988 alguns trabalhos de Assessoria, permaneceram, entre esses, os de articulação regional para a formação de uma Central de Movimentos Populares, que não se efetivou.

A Faculdade por meio do PAAMP participou da luta pela reforma agrária como integrante do Comitê Regional de Apoio à Reforma Agrária, criado para articular as lutas dos trabalhadores sem terra da região, que ocupavam a área de Promissão, cidade vizinha, área que pertencia a Fazenda Reunidas.

Esse momento foi decisivo para direcionar os rumos da Faculdade de Serviço

³² Mestre em Serviço Social, pela PUC de São Paulo, no ano de 1992, foi diretor do curso de Serviço Social de Lins, no período de 1986 a 1990, assumiu a Secretaria da Assistência Social de São José do Rio Preto em 2001; atua como professor do Curso de Serviço social de Lins, UNILINS/SP.

Social. Seu engajamento teórico - prático tinha sempre a finalidade de partir do concreto como meio de descobrir a realidade vivenciada pela população inserida nos projetos (bóias-frias, empregadas domésticas, grupo de lavadeiras), oportunizando a tornarem-se sujeitos capazes de mudar a realidade.

O Curso de Serviço Social esteve sob a coordenação da Professora Rosângela³³ Ferreira que concordou em mantê-lo e os professores elaboraram um anteprojeto de Transferência da Faculdade de Serviço Social de Lins para a Fundação Paulista de Tecnologia e Educação³⁴, como garantia da visibilidade dos propósitos educacionais desse curso.

Este documento, que provisoriamente estamos denominando de Anteprojeto, tem por objetivo, possibilitar à Superintendência da Fundação Paulista de Tecnologia e Educação o mínimo de informação (...) da questão Pedagógica e dos Projetos que sempre nortearam o processo de formação profissional dos alunos desta Escola, com a realidade da comunidade local e de toda a região Noroeste (ANTEPROJETO apud SILVA, 1992, p.123).

Em continuidade ao processo e para implementar as mudanças entre 1994 e 1996, novamente assume a responsabilidade da coordenação do Curso o Professor Matsuel Martins da Silva. Nos anos seguintes coordena o Curso o professor Milton Batista Nizato. Após esse mandato o Professor Luís Carlos Pires Montanha³⁵, é eleito como coordenador. Nesse período, segundo ele: antecede a criação do Centro Universitário de Lins - UNILINS.

Existiam três Faculdades isoladas mantidas pela FPTE: Faculdade de Engenharia, de Informática, de Serviço Social. Cada Faculdade tinha sua direção própria. Na Faculdade de Serviço Social o Diretor e o Vice-Diretor, eram eleitos, com voto direto, entre os professores. Para aquele mandato havia sido o Prof. Matsuel Martins da Silva e como Vice-Diretor o Prof. Luiz Carlos Pires Montanha. Como no início do ano de 2001, o Prof. Matsuel assumiu a Secretaria de Assistência Social de São José de Rio Preto e pediu afastamento do cargo de Diretor da Faculdade de SS.

³³ Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Marília. Foi aluna estagiária de Serviço Social atuando no PEOP, mais efetivamente junto ao grupo das empregadas domésticas. Atuou na direção do Curso de Serviço Social de Lins, no período de transição para a Fundação Paulista de Tecnologia e Educação - FPTE de 1991/1993. Assumiu a coordenação do Estágio dos Cursos da UNILINS do ano de 2002 a junho de 2005. Atualmente, é professora do Curso de Serviço Social e outros cursos da UNILINS, membro integrante do conselho de Curso de Serviço Social.

³⁴ Entidade Jurídica sem fins lucrativos, é Mantenedora do Centro Universitário de Lins, constituído pela transformação das escolas de Engenharia, Serviço Social e Informática de Lins. (Manual dos Professores, Lins, 2004, p.4).

³⁵ Mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Marília. Foi coordenador do Curso de Serviço Social de Lins-UNILINS de fevereiro a setembro de 2001. Atualmente atua como Professor supervisor acadêmico de Estágio e Professor de várias disciplinas, e membro do Conselho de Curso do Serviço Social.

Naquela ocasião eu trabalhava, também, no Banco do Estado de São Paulo (BANESPA) e tive que assumir a Direção da Faculdade até o final do mandato. Para mim foi uma experiência muito importante. Além de participar da Direção da Faculdade e me envolver, de forma direta, com os assuntos do curso, foi também importante o relacionamento com o quadro docente, o relacionamento com os discentes e a luta pelos interesses do curso do ponto de vista estrutural e pedagógico. Outra experiência importante foi minha participação da Diretoria Executiva da FPTE, juntamente com os Diretores dos outros cursos e com o Diretor Administrativo-Financeiro. Foi nessa Diretoria que lutei para que o Setor de Serviço Social fosse reativado na FPTE. Luta difícil, mas vitoriosa. Hoje o Setor conta com boa estrutura e duas Assistentes Sociais. Enfim, analiso que foi uma boa experiência profissional e de vida, apesar da dificuldade que tive em adequar o horário de trabalho do banco com o horário de dedicação à Faculdade. (Depoimento do professor Luiz Carlos Pires Montanha, Lins, SP, março de 2006).

Após este trabalho, a Professora Josimeire Leandro Jordão³⁶ assume a coordenação do Curso de Serviço Social por um curto período de transição. Em seu mandato provisório continua as atividades administrativas do Curso e prepara a eleição posterior Quando é reconduzido à segunda eleição consecutiva, em 2002, do professor Milton Batista Nizato³⁷ atual coordenador.

Continuando a história do município de Lins, de 1987 a 1988, a população linense envolveu-se com a Assembléia Nacional Constituinte conforme Boletim “A Voz do Povo” de abril de 1988, nº. 37. A Central única dos Trabalhadores - CUT cresceu e o movimento sindical ganhou autonomia. Outros sindicatos de trabalhadores atuaram na cidade juntamente com o trabalho de organização das mulheres que se fortaleceu, bem como, o engajamento de parte da Igreja Católica que se intensificou.

De acordo com os dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados-SEADE, (2001), Lins possuía em 1991, uma população de aproximadamente, 54.547 habitantes e, considerando-se os dados da Região de Governo de Lins, neste mesmo período esta cidade foi classificada como a cidade sede de uma região estagnada em seu desenvolvimento: com apenas 5% de crescimento populacional na última década; apresentando uma realidade caracterizada pela insuficiência

³⁶ Especialista em Serviço Social, e Mestra em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília. Assume a coordenação do Curso do Serviço Social, num curto período de outubro a novembro de 2001. Atualmente, é professora do Curso de Serviço Social e outros cursos da UNILINS.

³⁷ Mestre e Doutorando em Serviço Social pela PUC-SP, atual coordenador do Curso de Serviço Social e Secretariado, membro da Comissão avaliativa dos Cursos de Serviço Social, é professor no Curso de Serviço Social e outros cursos da UNILINS e da UNICERES em São José do Rio Preto /SP.

de leitos especializados para atendimento médico-hospitalar da rede pública; pela precariedade na educação com grande evasão escolar da rede pública.

De acordo com SILVA (1982), o pólo educacional já mencionado nas décadas anteriores continua a ser um dos mais antigos sonhos. Quanto à educação superior ressalta um aspecto preocupante: as Faculdades existentes na cidade (década de 1990) formavam aproximadamente 15.000 profissionais nas mais diversas áreas, só que em Lins viviam e trabalhavam, cerca de 1.669 habitantes com nível superior, o que retrata que a cidade não oferecia possibilidades de vida e trabalho para os que ali estudavam e ou estudaram.

Permanece o desafio de que o sonho possa tornar-se realidade: que a situação sócio-política e econômica possa melhorar e possibilitar condições de vida e trabalho à população, sem necessariamente, que esta tenha que migrar, o que seria para o município uma perda de profissionais qualificados formados pela própria comunidade, para atender as suas necessidades. As informações a seguir, baseiam-se nos dados do IBGE de 2004.

População em geral	65.954
População Urbana	64.222
População Rural	1.732
População Masculina	31.984
População Feminina	33.970
População da Região	152.248
Altitude do nível do mar	438m

Dados disponíveis na secretaria da Prefeitura Municipal de Lins, 20 de agosto de 2004.

A Região de Lins é composta hoje por 10(dez) cidades: Cafelândia, Getulina, Guarantã, Guaimbê, Lins, Sabino, Pongaí, Promissão, Guaiçara e Uru. Situa-se a 455 (quatrocentos e cinquenta e cinco) km da capital paulista, 110 (cento e dez) km da cidade de São José do Rio Preto, 108(cento e oito) km da cidade de Bauru, 93 (noventa e três) km da cidade de Araçatuba, 85 (oitenta e cinco) km da cidade de Birigui, 51 (cinquenta e um) km da cidade de Penápolis, 70(setenta) km da cidade de Marília.

O município possui ainda 18 (dezoito) hotéis; 16 postos de serviço e

combustível; 19 (dezenove) restaurantes; 195 (cento e noventa e cinco) estabelecimentos comerciais. Esta cidade dispõe de 11(onze) estabelecimentos bancários e 11(onze) instituições financeiras.

Quanto à Assistência médico-hospitalar é servida por 3(três) estabelecimentos: Hospital Antônio A. Gellis com 32 (trinta e dois) leitos, Hospital e Maternidade São Lucas com 44(quarenta e quatro) leitos e a Santa Casa de Misericórdia com atendimento regional, com 110(cento e dez) leitos. Sendo que esta última encontra-se em crise financeiro - administrativa.

No atendimento público municipal, a cidade conta com 5(cinco) postos de saúde e 3(três) Unidades Básicas de Saúde-UBS, contando com profissionais das mais diversas especializações para o cuidado e atendimento da saúde: Serviços Cirúrgicos,ambulatorios, UTI, adulto e Neonatal, Raio X, Ultra-som, Internação, Mamografia, Eletrocardiograma, Banco de Sangue, Berçário, Pronto Socorro e Hemonúcleo.

Foi implantado em agosto de 2000, o Programa de Agentes Comunitários de Saúde, o que ajudou a melhorar a saúde pública, objetivando levar a saúde mais próxima da comunidade, o que lhes é de direito. Este programa é um convênio estabelecido entre a Prefeitura de Lins, Ministério da Saúde e Pastoral da Criança que objetiva um atendimento de orientação e devidos encaminhamentos quanto ao cuidado e direito à saúde da população em geral. Por meio das agentes de saúde e líderes da Pastoral da Criança, busca-se uma ação efetiva de crescimento e desenvolvimento integral da criança.

A preservação do Meio Ambiente é também parte da preocupação das autoridades e da população de Lins. O Conselho Municipal de Meio Ambiente foi empossado no dia 05 de junho de 2000, composto pelo Poder Executivo, Legislativo, Empresas, Fundações, Escolas superiores, Associação Comercial e Industrial de Lins, Missão Salesiana de Mato Grosso e Sociedade Civil em geral.

Lins possui uma Agência de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico-ADETC³⁸, como o ponto de partida para o desenrolar do desenvolvimento sócio-

³⁸ Sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por objetivo promover o desenvolvimento econômico e tecnológico do município, procurando harmonizar o crescimento com exploração racional de seus recursos físicos, humanos e naturais, promover o crescimento das oportunidades de negócios, a melhoria da qualidade de vida da população e o aumento da renda "per capita" do município. Esta junção o econômico e social possibilitará a otimização dos recursos disponíveis, utilizando-se dos meios existentes de qualificação, capacitação e organização de conhecimento em prol de melhorias para o município.

econômico de Lins e região.

Foi criada por meio de um trabalho com empresários locais, regionais e de São Paulo uma Cooperativa dos Produtos do Pólo Hidroindustrial e Turístico de Lins visando mais a utilização do terminal de cargas e desenvolvimento do Turismo no Rio Dourado. Contou com um total de 20(vinte) sócios empresários e uma área de 472.003, 20 metros quadrados ou 19, 50 alqueires decretada de utilidade pública.

Há uma Cooperativa de Laticínio Linense desde 1940, onde um grupo de produtores de leite industrializa e comercializa 17(dezessete) tipos de produtos, como, pasteurização de leite B e C, queijos prato, mussarela, minas, ricota, gouda, estepe, provolone, reino, gorgonzola, parmesão, manteiga, bebidas lácteas em dois sabores, soros reidratantes em vários sabores.

A marca Linense é conhecida em vários Estados, através do consumo de queijos. A COOPERLINS gera empregos diretos e indiretos, desde o manejo inicial de produtos até a venda. É composta de 227(duzentos e setenta e sete) cooperados (produtores de leite), 64(sessenta e quatro) funcionários, 15(quinze) transportadores e 16(dezesseis) vendedores.

O potencial industrial da região encontra-se em momento privilegiado, além da descoberta da localização geográfica, também pelos recursos investidos que poderão trazer respostas mais ágeis e impulsionar o reinvestimento, potencializando o crescimento da cidade. Lins conta hoje com indústrias de grande porte internacionalmente conhecida como: o grupo e Frigorífico Bertin, Concretex e Parmalat (unidade de captação) e, recentemente, com a instalação da Companhia Brasileira de Lata, do Grupo Matarazzo, o que abriu novas perspectivas para o futuro da cidade nesse campo.

Quanto à agricultura e agropecuária há uma forte tendência de geração de renda e entrada de divisas. Após levantamento realizado pela Secretaria de Agricultura do Município, junto ao Escritório de Defesa Animal e Casa da Agricultura, que têm como objetivo trazer de volta a condição do grande celeiro de importantes produtos do setor.

Empresas de transformação e beneficiamento estão investindo em produtores rurais, com assistência técnica no campo e através de eventos práticos sobre a melhor forma de aproveitamento de espaço, tempo e matéria-prima. Com métodos modernos há a expectativa de serem criados, nos produtores da região, novas formas e costumes de produção com maiores expectativas de maior lucratividade.

A idéia é transformar os métodos práticos de produção rural em critérios mais apurados e científicos de extração da produção e recursos econômicos viabilizando-os.

A Divisão de Agricultura do Município está organizando planos de integração de projeto de transformação e produtos embalados, como meio de valorização e incentivo de produção de qualidade pelos produtores da cidade.

Conforme os dados da Prefeitura Municipal de Lins de agosto de 2004, a cidade localiza-se em região com fluxo rodoviário para as várias cidades de economia estável ou com tendências bem definidas.

Encontra-se hoje em período de transição econômica, com o desenvolvimento de seu potencial turístico, sua facilidade de escoamento de produtos e serviços em fase de organização comercial.

A tendência econômica predominante ainda está ligada ao setor primário com gado leiteiro, de corte e produção de grãos. Mesmo estas atividades passam por um processo de aproveitamento, adequação dos resultados e reestruturação socioeconômica.

Com o crescimento do setor industrial avançado pela produção de embalagens, carne tipo exportação e outros produtos de pequeno volume, o ritmo de produção e geração de renda de forma direta e indireta aumenta.

Cresce com essa realidade a confiança na região em especial, na cidade, favorecendo seu poder de competitividade.

Outra característica relevante da cidade de Lins, é que ela continua a ser conhecida como a Cidade das Escolas, compreendendo várias Faculdades entre elas: a Faculdade Salesiana; Centro Universitário de Lins – UNILINS; Faculdade Auxílium - UNISALESIANOS.

Essa experiência ao mesmo tempo que tem seu valor educacional profissional, por outro lado, torna-se um desafio para o município em oferecer condições de vida adequada aos estudantes e pensar outras atividades que contemple a realidade do de sua vida acadêmica e inserção ao mundo do trabalho e na busca da sobrevivência de todos os cidadãos em geral.

Quanto às escolas estaduais o número de estudantes total de Lins e Região, é de:

Lins	1 2.500
Cafelândia	3.000
Getulina	1.850
Guaiçara	1.950
Guaimbê	800
Guarantã	1.400
Pongaí	720
Promissão	5.850
Sabino	650
Uru	280
Total	29.000

(Dados da Prefeitura Municipal de Lins, agosto de 2004, apud, REAL, 2004, p.43).

Escolas de Ensino Médio e Fundamental: 10, sendo que 6 (seis), são Estaduais e 4 (quatro), são Particulares.

Escolas Municipais e de Ensino Fundamental: 455 alunos distribuídos em 18 (dezoito) classes.

Escolas Municipais de Ensino Infantil: 935 alunos em 38(trinta e oito), classes.

Escolas Particulares de Ensino Infantil: 13 (treze) estabelecimentos somando em média, 330 (trezentos e trinta) alunos.

Quanto aos projetos sociais desenvolvidos pela assistência Social de município, destacam-se:

1. COMDAPS (Coordenadoria Municipal da Promoção Social) é o órgão gestor da política de assistência social do município que desenvolve programas de Assistência e atendimento à população em estado de extrema pobreza, por meio de ações emergenciais; Programa da Infância e Adolescência de prestação de serviços através dos Centros de Educação Infantil para crianças de 0(zero) a 6 (seis) anos e às crianças e adolescentes de 7(sete) a 18 (dezoito) anos, com projetos sócio-educativos de liberdade assistida e de prestação de serviços à comunidade; Programa de Enfrentamento à Pobreza, com investimento econômico - social nos grupos populares para melhoria das condições de subsistência, da qualidade de vida, a preservação do meio ambiente e sua organização social; Fortalecimento à

Família: programa financiado pela Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social – SEADS- em parceria com a Prefeitura Municipal de Lins.

A COMDAPS vem executando esse Programa por meio do Projeto “Família Cidadã”, desde 1.999, com as famílias que trabalham no “garimpo” do lixo, com a finalidade de investir em sua melhoria sócio-econômica e alteração do contexto social em que as famílias atendidas encontram-se inseridas, oportunizando, por meio dos trabalhos realizados em grupos e atividades sócio-educativas, nas discussões de assuntos de seu cotidiano, meios de administrar os problemas sociais e melhorar sua autonomia financeira;

2. CACAL (Casa de Apoio à Criança e ao Adolescente de Lins), conhecida como abrigo. O abrigo é um tempo transitório, que oferece proteção à criança e ao adolescente até que seja encontrado um lugar seguro à sua permanência. Este espaço de convivência atende uma faixa de 30 (trinta) crianças e adolescentes de 3(três) à 18 (dezoito) anos, em regime de abrigo, sendo que estes na sua maioria sofreram abusos sexuais, e foram ameaçados em seus direitos básicos.

De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a prestação dos serviços de abrigo objetiva” assegurar à alimentação, à educação, ao esporte ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária” (art. 4º).

Além da equipe administrativa e operacional, o atendimento às crianças e adolescentes conta com o trabalho de educadores, assistentes sociais e outros profissionais, quando necessários, de forma a garantir-lhes uma melhor qualidade de vida nos aspectos físicos, emocional, social e assegurar-lhes seus direitos. Há uma prática de inserção da criança e adolescente nos programas comunitários possibilitando o surgimento de formas de sociabilidade e de novos vínculos que contribuem para a auto-estima e autonomia da criança nessa fase tão importante da vida.

Deste trabalho de ação social, importante destacar que os mesmos são campos de estágios para os alunos do Curso de Serviço Social com supervisão de campo e acadêmica. Projetos, convênios e parcerias são realizados para o estabelecimento de uma prática de estágio que possibilite ao aluno estagiário estabelecer uma relação teórico- técnica e operacional das ações.

A inserção da Faculdade de Serviço Social de Lins, sempre representou à população ser uma instituição de ensino que participa de forma ativa e integradora

de fatos e acontecimentos que caracterizam a cidade, como formadora de lideranças em diversas áreas do saber. Importante relatar que toda história construída e vivida junto aos movimentos populares entre estes, o da associação das lavadeiras, marcaram a história de Lins e expandiu-se por onde quer que as militantes estabeleceram suas raízes. As lavadeiras por muito tempo continuaram empenhadas nas associações, sindicatos, grupos de moradores de bairro, CEBs, partidos políticos e outros.

Em relação ao corpo docente e direção da Faculdade também continuaram sua militância participando ativamente na história política e social por sua inserção, protagonismo e contribuição teórica da prática do Serviço Social objetivando mudar a realidade. Por essa história, a Faculdade de Serviço Social, hoje componente do Centro Universitário de Lins - UNILINS tornou-se referencial para experiências e práticas inovadoras do Serviço Social no Brasil. Possui uma biblioteca riquíssima, e bem conceituada como curso de graduação e de pós graduação, nas mais diversas áreas, além de uma ótima infra-estrutura organizacional. Há um corpo docente especializado para atender às demandas e exigências da comunidade e Região. A Faculdade de Serviço Social além de apoiar o movimento com abertura de espaço para organização contribui na assessoria das lideranças na consciência política e na formação profissional dos assistentes sociais comprometidos e críticos. De acordo com os depoimentos:

O Serviço Social foi muito importante nesse período e arregaçou as mangas para a luta, correndo risco e até sofrendo ameaças políticas, ele foi muito importante para nossa luta, nos faziam ver a realidade e despertar na comunidade a luta comum para todos. Havia a presença da escola em todos os acontecimentos das lavadeiras e dos outros movimentos populares. Tenho saudades daquele tempo do trabalho social que fazíamos juntos com o Serviço Social na Catedral de Lins. Ali era nosso espaço de vida comum, onde todos eram tratados com igualdade. Na minha opinião Serviço Social sem comunidade, não é Serviço Social (Entrevistada M.V.)³⁹

Gostaria de dizer que hoje algumas dessas mulheres lavadeiras, já se aposentaram, como eu e minhas colegas. O grupo como tal não existe mais. Tudo foi válido em seu tempo. Somos mulheres e carregamos com orgulho a história já feita em todas as passagens da vida. Desde o direito para a luta, o engajamento que levou cada uma a procurar seus direitos e outras categorias para seu trabalho (Entrevistada M. V).

³⁹ Moradora de Lins, uma das integrantes mais nova do grupo. Sempre acompanhou sua mãe junto às lavadeiras e ali aprendeu a gostar da vida em grupo. Depoimento colhido em outubro de 2005.

Atualmente o Curso de Serviço Social da Unilins em vésperas de comemorar os seus 50 anos, orgulha-se pela história de luta, companheirismo e coragem daqueles e daquelas que fizeram e marcaram a história. Destaca-se aqui Nobuco Kameyama lutadora incansável e ainda hoje militante na causa do Serviço Social.

Permanece o desafio de continuar essa história onde o curso de Serviço Social possa contribuir significativamente na inserção junto à comunidade, intervindo nos processos de mudança da sociedade na efetivação dos direitos do cidadão.

CAPITULO 2 RUMOS DA PROFISSÃO NA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE LINS (1970/1980).

2.1 Associação das Lavadeiras: Movimentos Sociais Populares e Serviço Social

Este capítulo destaca a relação existente entre a prática do Serviço Social e a história da Associação das Lavadeiras de Lins, à luz dos movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980. O objeto de nossa pesquisa é o processo de intensificação da qualidade de sujeito no grupo dessas mulheres. Aqui entendeu-se por intensificação da qualidade de sujeito o perceptível alargamento de suas aspirações, valores, sentimento de pertença ao grupo, capacidade de organização, a felicidade, o prazer auferido com a consciência de sua autonomia e a extensão para o coletivo das realizações subjetivas humanas. As lavadeiras em sua forma de ser solidificaram sua história alicerçadas nos valores da coletividade que estavam inseridas no cenário sócio-político da época, marcaram a história por seu significado, compromisso social e influência nas mudanças sócio-políticas e econômicas, de acordo com a fala de uma depoente:

Sinto saudades do prazer que a gente tinha de poder sentar junto e ter o que discutir algo como um bem maior para todos. Havia muita amizade e companheirismo. Era gostoso demais, porque além de dispersar um pouco das preocupações individuais do trabalho a gente se unia para falar das situações local e global. Lutar por melhorias de vida direito à dignidade de todos, dá prazer, deixa a vida mais leve. Isso eu sentia nas peças de teatro que a gente fazia e apresentava para a comunidade (Entrevistada M. Z).

O discurso acima aponta para a ótica da perspectiva de vida das mulheres e sua valorização. O sentido da luta para as lavadeiras devolvia-lhes a dignidade da vida e alargava o conhecimento vivido no cotidiano. Cotidiano esse que de acordo com Maffezoli (s/d), é o conhecimento empírico cotidiano ao redor do “saber fazer, saber dizer, saber viver, com implicações múltiplas e diversas” (p. 152).

Nesta afirmação coloca-se a valorização do objeto desse trabalho com as lavadeiras num “saber fazer, dizer e viver” coletivo. Experiência esta, que nasce da base organizada com aspirações pessoais e de grupo organizado com objetivos comuns. Vê-se interagindo as realidades do particular e genérico, uma vez que o ser

humano é um ser social com suas individualidades.

O depoimento da lavadeira M.Z, citado apresenta o compromisso social emergindo como espaço concreto de realização pessoal e garantia de melhores condições de vida. Essa ação vai intensificando ao mesmo tempo a qualidade de vida dos sujeitos em sua forma de organização, na medida em que as lavadeiras encontram-se para discutir a categoria trabalho⁴⁰ e como este torna-se necessário como fonte de vida, esperança e dignidade.

O Brasil assim como outros países da América Latina, registrou a partir dos anos de 1970 o renascimento de um grande número de movimentos sociais⁴¹. Foram realizadas várias discussões envolvendo os movimentos sociais tendo como foco central, a participação popular no meio urbano.

Entre os principais movimentos sociais, destacou-se, pela sua participação e organização, as Associações Amigos de Bairros, de mulheres, movimentos dos trabalhadores rurais sem terra, movimento negro, movimento indígena com forte apoio da Igreja Católica pós Concílio Vaticano II em pleno auge da Teologia da Libertação e também as Comunidades Eclesiais de Base, CEBs.

Para Gohn (1991), “os movimentos populares são os mais numerosos, do ponto de vista político, os que têm gerado transformações sociais substantivas dando o conteúdo de suas demandas, as relações que mantém com o Estado e o papel que desempenha na luta de classes mais geral” (p.9).

Para os objetivos propostos neste trabalho, a associação das lavadeiras, sujeito da pesquisa, configura-se como movimento social popular urbano, haja vista que,

A maior luta dos grupos desta época como também do nosso movimento, era pela garantia dos direitos entre eles o da sobrevivência. Destaco o direito ao trabalho, como o 13º., descanso aos domingos; passe coletivo

⁴⁰ Categoria esta definida por elas como a profissão que ocupam na atividade de lavar e passar roupa.

⁴¹ Estes são vistos pelos neopositivistas como comportamentos coletivos originados de períodos de inquietação social, de incertezas, onde ações são frustradas e ou reprimidas. Os primeiros cientistas sociais sob a ótica dos positivistas viam nos movimentos sociais, esforços para promover mudanças; os movimentos sociais urbanos diferem de uma série de outros movimentos sociais, tais como os feministas, ecológicos, negros, homossexuais, os quais têm sido tratados erroneamente como movimentos sociais urbanos. Os movimentos sociais urbanos são as manifestações que dizem respeito à habitação, ao uso do solo, aos serviços e equipamentos coletivos de consumo. (GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Luta pela moradia**, 1991, p.31; 34). Destaca-se a década de 70 como o período do surgimento de numerosos movimentos sociais. Marco histórico que coincide com o início de uma reflexão e alteração na correlação de forças significativas das lutas por reivindicações democráticas e marcha da sociedade no período transitório da ditadura militar (1964). Os movimentos sociais organizavam-se na tentativa de recuperação da democracia como forma de governo e modo de vida. (TROTTA, 2002, p.87).

para trabalhar;carteira assinada;creche para os filhos e salário justo para todas as categorias (Entrevistada M.Z).

Nas discussões de Sader (1984), sobre movimentos populares urbanos, trata-se da idéia dos “novos movimentos sociais”, fundamentados nos padrões que definem suas relações sociais, as formas de organização e as lutas.

A característica dos novos movimentos sociais referida pelo autor chama à nova sociabilidade. Há um padrão de comportamento caracterizado de maneira simples. Parte-se do pressuposto de uma relação interna de auto-ajuda, de constituição e uma experiência comunitária interna. A vivência dessa relação de solidariedade pelo próprio movimento implicará em uma nova relação com o Estado. Para esses movimentos, suas lutas em busca de melhorias são atribuídas a um projeto de auto-afirmação das classes populares. Nele as pessoas expressam seus desejos e pensamentos, a partir de uma situação particular.

Embasado nas experiências de reflexão e articulação dos movimentos sociais, o processo de conscientização nasce geralmente do controle entre um determinado valor, como por exemplo, a dignidade do trabalhador e a realidade vivida no sentido de crescimento da visão crítica sobre ela. Na capacidade de apreensão crítica da realidade, as lutas por água, creches e outras vão estruturando-se não apenas como trocas de favores, mas, com uma identificação de luta por direitos inerentes aos direitos à vida e dignidade, como expressa a lavadeira:

A mudança da vida doméstica de casa para a experiência de mulher trabalhando fora de casa de forma assalariada, recebendo meu dinheirinho foi de grande aprendizado. Antes aprendi que só trabalhava por questão de necessidade e que a mulher devia cuidar da casa, dos filhos e da roça. Depois com a vida na cidade, muda a visão que a gente tem do mundo, as necessidades são outras. Era preciso lidar com a tal da tecnologia para desenvolver o mesmo trabalho para as patroas, só que agora de outra forma. A gente sempre aprende daí a importância da vivência e discussão em grupo (Entrevistada M. Z).

Percebe-se nesta fala a coerência interna que nos remete à intensificação da qualidade do sujeito, objeto deste trabalho, uma vez que as lavadeiras cresciam em sua capacidade de autocrítica, na sua compreensão de mundo e apreensão de novos conhecimentos, saber esse, que se fundamentava nas experiências cotidianas da associação.

Sader (1984) confirma essa caracterização da luta vinculada ao que lhe é de

direito, como uma mudança significativa de ótica em relação à determinada visão materialista dominante na esquerda dos movimentos pré-1964. A população reivindica algo em nome de um valor necessário à sua existência. Chama atenção, ainda, a importância do valor imperativo como revelou a história dos anos de 1970. Um valor que ultrapassa a força, revelando uma afirmação ética como suporte da atuação e sobrevivência do movimento. É uma expressão da luta de classes.

Apesar do grupo que está no poder e a força da dominação, não se pode negar que os movimentos organizados nesse embate são portadores de dignidade por sua própria condição humana. Sader exemplifica ainda tal situação, mencionando as greves do ABC e São Paulo. Essas lutas explicaram - se por uma dimensão que vai além da força, mas, como expressão do grito de que eles existem em face de uma enorme opressão. Há no movimento um grande desejo de auto-afirmação.

O dinamismo desses grupos favorece a maior percepção do significado dos novos movimentos sociais, implicando essa realidade várias consequências, como o modo de relacionar-se com a política, haja vista,

A intervenção do Estado nos movimentos sociais urbanos como condições gerais para acumulação do capital e reprodução da força de trabalho. Ele busca amenizar a contradição entre as necessidades de reprodução da força de trabalho e o interesse da acumulação do capital, via distribuição e ou salários indiretos, oferece ajuda econômica ao capital através da política social de benefícios, procurando reduzir os custos de reprodução da força de trabalho (p.35).

O Estado intervém por meio de políticas sociais de determinados governos, com a função de moderador das relações sociais, neutralizador do conflito, despolitizando assim, a própria luta dos movimentos.

Como afirma a entrevistada “(...) os políticos estão com seus interesses contaminados pela corrupção e interesses pessoais, na sua maioria sem qualquer perspectiva de compromisso com as lutas populares e melhoria de vida da população” (M.Z. 63 anos).

Nota-se conforme a fala acima que há uma realidade conflitual das lavadeiras, que se apresenta como resultado da luta de classes, ou seja, de um lado o Estado burguês busca em sua ação o controle e a dominação e de outro a ação dos sujeitos em luta.

O Estado reflete uma relação de dominação de uns sobre os outros calcado na força, por meio do domínio da lei, torna-se ele então uma organização especial de coerção. O governo constrói a ordem de cada dia, assegurando e legalizando a dominação. No cotidiano das lutas políticas, o governo vai fixando a orientação da política econômica e da política social⁴² (VIEIRA, 1992 p, 20).

Na relação de poder versus dominação a corrupção política esteve sempre presente na história. As lavadeiras em seu movimento de organização também enfrentaram conflitos ideológicos e políticos, pois nem todos lutavam da mesma forma empenhadas pelos mesmos interesses. Havia também interesse pessoal.

Hoje também os políticos estão com seus interesses contaminados pela corrupção, sem qualquer compromisso com as lutas populares e melhoria de vida da população. (...) A gente respeitava as outras classes e queríamos que respeitassem a nossa (Entrevistada M. Z, 63 anos).

Pode-se dizer que, no processo de intensificação da qualidade de sujeitos, das lavadeiras, surgiam também as divergências próprias da luta de classes. A vida de grupo fundamenta-se em valores existências e coletivos. Daí a necessidade de se ter clareza quanto aos objetivos na luta pela causa comum.

O jeito que a gente lavava e passava não era mole não. A gente ia lavar roupa no rio e bem longe, lavava em cima da pedra, batia, batia. Na hora de passar era com um ferro a moda da brasa. Hoje as coisas mudaram e as mulheres têm mais "mordomia". Tudo parece mais fácil no serviço. Mas é outro tempo. Por outro lado o salário de hoje continua sendo muito pouco para as mulheres, as coisas ficaram mais caras. A diferença é que as mulheres daquele tempo eram mais unidas e trocavam idéias nas reuniões. A gente ali com as lavadeiras aprendia a lutar e dividir o pão de cada dia e corria atrás de nossos direitos (Entrevistada F.C. G, 68 anos).

Na linguagem do Estado ao reivindicar algo, o movimento precisa conhecer o que é necessário fazer para aproveitar tal reivindicação, qual orçamento necessário? Já que ao pensar em um movimento fora do Estado, a linguagem tornou-se mais simples e natural. Por exemplo: Eu tenho um filho, preciso trabalhar, logo necessito de uma creche para ele o que chama-se de reivindicação pura.

⁴² A política social aparece no capitalismo construída a partir das mobilizações operárias sucedidas ao longo das primeiras revoluções industriais. É compreendida como estratégia governamental de intervenção nas relações sociais, unicamente pode existir com o surgimento dos movimentos populares do século XIX. Tanto a política econômica quanto a social constitui-se numa unidade e podem expressar mudanças nas relações entre as classes sociais ou nas relações entre distintos grupos sociais existentes no interior de uma só classe e vinculam-se à acumulação do capital (VIEIRA, E. **Democracia e política social**, 1992, p15; 19 e 21).

O Estado além de impor certa linguagem, impõe ao mesmo tempo certa discussão dos movimentos - prova disso, é a presença do mesmo sujeito nos mais variados movimentos. Como várias reivindicações são remetidas a diferentes ramos do Estado, os sujeitos acabam constituindo-se separadamente, uma vez que, a reivindicação da água é para um lado, a luz, é para outro, e o da moradia ainda para outro. O movimento social acaba dividindo-se conforme a divisão do Estado burguês. Na forma de constituir-se como movimento e seu desenvolvimento ele acontece de acordo com a forma como o Estado organiza a sociedade.

Nos movimentos sociais populares organizados destaca-se a presença das mulheres defensoras desta mesma causa. Elas sensibilizam-se em busca de suas necessidades pessoais que são também coletivas. Como assinalou Lobo (1991), criam seu espaço, emergindo como sujeito coletivo junto aos movimentos sociais; chama atenção o aspecto da participação feminina, como uma novidade no cenário político ao mesmo tempo que afirma ser o movimento operário, organizado durante os anos de 1970, o ator principal mais significativo desse cenário. (SOUZA, L. 1991, p.269).

A gente tinha uma coordenadora que organizava as reuniões para as mulheres lavadeiras se encontrar. Ali a gente conversava sobre tudo um pouco: trabalho, casa, salário, lazer, saúde, política e outros. Eu me recordo que uma instruía a outra naquilo que sabia mais sobre a situação da vida e da realidade. Eu gostava muito das músicas que a gente cantava no grupo, era muito animado, até tinha uma que tocava violão. Mas a vida era muito difícil. O trabalho de lavar e passar era tudo na mão, nada na máquina como hoje. O preço era por peça ou dúzia, mas a gente tinha que dar conta se não o dinheiro diminuía ainda mais. A gente lava. Mesmo assim, a luta tinha sentido e era muito bom a gente se encontrar para falar da vida da gente, nossas histórias, a dos filhos, nosso trabalho de cada dia, problemas e alegrias que a gente ia descobrindo no grupo. Tinha também as festas e encontro com as outras mulheres que lutavam como nós para melhorar o salário (Entrevistada M.L. 75 anos).

Valores como festa, encontro, coragem, companheirismo, luta, confiança, são essenciais ao processo de intensificação da qualidade do sujeito aqui representados na história das lavadeiras. O processo participativo e o conhecimento compartilhado dos saberes que lhes são próprios alimentavam-nas em suas dificuldades junto ao grupo e isso era passado à comunidade como forma de divulgar a importância de sua organização e melhoria de vida para todos.

Quando afirmam que através da música e ou teatro a comunidade era levada à

realidade concreta da vida, elas entendiam comunidade como o lugar do encontro das reuniões, manancial onde alimentavam sua força e refaziam energias para enfrentamento do conflito e ameaças do poder local constituído e outros poderes contrários à sua forma de engajamento político. Ali é que elas se auto-afirmavam em sua capacidade de organização e busca de autonomia. “O valor de tudo isso era a alegria de ser mulher com capacidade e direcionar a vida, sentir-se mais mulher e dona do meu pedaço. É uma sensação gostosa de cuidar da vida com dignidade” (Entrevistada, M.V).

De acordo com os estudos realizados, experiências como estas confirmam que as mulheres foram a espinha dorsal de muitas organizações da sociedade civil e dos partidos de oposição, desafiando assim, de forma bem sucedida, as regras do regime militar, desde os anos de 1970 e início de 1980.

No grupo das lavadeiras, notou-se a realidade do novo sujeito social que despontou como grupo, se organizou e se fundiu na mesma causa, transcendendo ao seu cotidiano doméstico em busca da sobrevivência e de sua autonomia política. O universo feminino com sua participação e capacidade de luta contribuiu na ampliação dos processos organizacionais, alargando os horizontes dos conflitos e as disputas ideológicas na sociedade, traduzindo-se na formação de movimentos sociais. A força destas manifestações segundo Godinho:

Não abriu mão de mobilizar milhares de pessoas e levá-las às ruas, de propor uma plataforma em torno da qual se organizar. Reafirmam a necessidade de se construir uma alternativa global ao capitalismo com projetos libertários em seus conteúdos e formas, refletindo a complexidade de desafio, capazes de compartilhar protagonismo e com a radicalidade necessária para enfrentar suas próprias contradições (2001, p.32).

A Faculdade de Serviço Social de Lins viveu profundamente essa experiência de organização e mobilização popular como referência de espaço político organizacional, junto à comunidade local por meio das atividades realizadas com professores e estagiários do curso, no qual foca-se a temática desse estudo.

2.2 PEOP e a Associação das Lavadeiras

Busca-se neste item apresentar a trajetória da Associação das Lavadeiras, seu processo organizacional, sua efetivação como grupo e a intensificação da qualidade

como sujeito ao interagir com o movimento social⁴³.

As condições adequadas para novas alternativas de intervenção social na realidade local levou os professores da Faculdade de Serviço Social de Lins, após 1979 a criar um projeto de atuação nos bairros da periferia de Lins.

Esse projeto buscava uma forma de intervir com uma metodologia pedagógica voltada às áreas de organização, mobilização e capacitação popular. Essa forma de organização dos grupos e movimentos populares assumidos pela Faculdade concretizou-se em 1980 na implementação do Projeto de Educação e Organização Popular-PEOP objetivando a formação de profissionais comprometidos com a transformação da realidade e ao mesmo tempo colaborar com o fortalecimento das organizações populares da Região, área de atuação correspondente à toda diocese de Lins (Araçatuba, Penápolis, Birigüi, Lins, Andradina).

Com a situação de subemprego e desemprego, a população da região que veio do campo para a cidade, continuava a buscar seu sustento no trabalho rural como trabalhadores rurais volantes, os chamados “bóias-frias”. São trabalhadores desprivilegiados, com péssimas condições de vida e baixos salários, sem qualquer qualificação profissional e ou equipamentos coletivos como creches, escolas, postos de saúde, transportes e outros.

Essa realidade justificava a necessidade de luta e organização das lavadeiras e demais grupos organizados para reivindicação em vista de melhoria para as condições de vida da população em geral.

Professores e Estagiários da Faculdade de Serviço Social de Lins assumem a concretização desse projeto realizando trabalhos de base investindo na organização popular por categorias profissionais assim denominadas: grupo de bóias-frias, lavadeiras e empregadas domésticas; organização por bairro: grupo de Bauru - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação Popular (C.E.P.E.P); organização por categoria Social⁴⁴ como grupo de Alfabetização e grupo de Mães da creche São Benedito; Trabalho de Capacitação e Articulação por meio dos

⁴³ Caracterizar este grupo como movimento social, significa incluí-lo na realidade vivida nas décadas de 1970 e 1980, na qual os movimentos sociais emergiam fortemente. Assim como grupo instituído, as lavadeiras foram se identificando como movimento social. Nos dias atuais elas se constituíram como Organização Não Governamental - ONGs.

⁴⁴ Esses grupos organizavam-se reivindicando a cidadania através da luta pela justiça social e econômica. Revelam que ser cidadão é ter e usar o direito de melhores condições de vida e trabalho, uma vez que as lutas de certa forma atribuíam uma crítica ao modelo econômico atual e ao Estado, que em muitas situações, exclui as classes populares.

encontros de Agentes Populares, Encontro Regional de Mulheres, de Trabalhadores Rurais e Seminário de Educação Popular, participação em reuniões, cursos, encontros promovidos por outras instituições.

De acordo com a diretora da época, Kameyama (1981), o surgimento das várias categorias organizadas dos grupos embrionários de Lins e Região, conduziu a equipe responsável pela PEOP a investir nestes grupos, canalizando melhor a força do povo, direcionando sua capacidade e motivando-os para valorizar a articulação entre os grupos e seu crescimento, enquanto categoria organizada na busca de sua emancipação (p 07).

A mesma autora afirma que, para esta realidade de engajamento junto aos movimentos populares, entre estes, o das lavadeiras, além de mudar a metodologia tornou-se necessária uma mudança de postura ideológica dos professores e alunos-estagiários, uma vez que estes vêm de um ambiente de classe média, com certa educação dominadora com tendências a reproduzir o paternalismo e a dependência frente às questões conflitivas de cunho social, deixando transparecer certo conservadorismo pacifista. A mudança para a prática inovadora exigia um contínuo processo de reflexão e ação tendo como meio a prática educacional, respeitando a autonomia e valorizando a cultura e saberes popular (p. 10).

Como proposta de investimento na capacitação profissional e formação dos alunos estagiários para intervirem junto aos movimentos sociais populares foram desenvolvidas atividades como: reuniões quinzenais com toda equipe da PEOP; participação dos membros da equipe em cursos, encontros e seminários da área; curso de Metodologia em Organização Popular; orientação e realização de relatórios sobre o trabalho realizado como forma de sistematização, e aprendizado da metodologia de intervenção junto aos grupos populares.⁴⁵

O Serviço Social sempre foi muito bom para nossa luta. Faziam enxergar a realidade como mulheres e irmos atrás de nossos direitos. Sempre a gente se comunicava com elas para não perdermos o contato. Havia a presença da escola do Curso de Serviço Social em todos os acontecimentos das lavadeiras” (Entrevistada M. V.)

Nosso grupo começou depois de várias reuniões feitas nos bairros. Quem dava as reuniões eram os estagiários do Serviço Social. A gente se encontrava para falar da realidade da vida e de nossa cidade, como também dos nossos direitos. A gente discutia e escrevia as peças de teatrinho conforme o contexto da realidade e a necessidade do grupo naquilo que era de seu direito. Como por exemplo, os do grupo de bóia-fria,

⁴⁵ REVISTA DE SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE, São Paulo, Cortez Ed., v.3, n.6, 1981,p.147-155.

das empregadas domésticas e das lavadeiras e assim o grupo foi aumentando até ficar bem grande e vários outros grupos foram nascendo. Eles nascem junto com o partido dos trabalhadores (Entrevistada M. Z. 63 anos).

Conforme as depoentes acima, alguns valores são fundamentais à organização e efetivação dos movimentos sociais populares em sua dinâmica de organização, estes valores propunham a necessidade de reunirem-se em grupo, discutir a realidade e lutar por sua sobrevivência enquanto indivíduo e enquanto grupo. A criatividade que usavam para retratar a realidade emergente através do teatro tornou-se um componente integrante para a conscientização da Associação das Lavadeiras e comunidade em geral.

A Faculdade teve um papel significativo ao inserir os estagiários na prática que desafiava a buscar alternativas que ajudasse a mudar a realidade. Dessa forma, colaborou na constituição o seu papel para uma profissão interventiva, junto aos movimentos e organizações.

A pesquisa de campo, o levantamento bibliográfico, conversas informais com pessoas conhecedoras da experiência do grupo das lavadeiras e as experiências das estagiárias do curso de Serviço Social desse período, contribuíram para facilitar o registro dessa história.

Assim o trabalho do profissional do Serviço Social começou após visitas de contato e aproximação, da realidade das lavadeiras e percebendo que elas desconheciam qualquer experiência de participação e organização popular, as estagiárias viam possibilidades de começar a reunir o grupo, o que dependeria muito da vontade e disposição das lavadeiras, uma vez que, tal organização era de interesse da categoria para discussão de seus problemas e melhoria de vida.

O ponto de partida da necessidade de organização das mulheres nasceu iluminado pela experiência das lavadeiras de Goiânia, por meio de encontros onde elas colocavam suas experiências, motivando também a possibilidade de organização e articulação das lavadeiras de Lins.

Essa fase de organização possibilitou aos poucos uma relação interpessoal, aumentando a confiabilidade na discussão dos problemas comuns em relação à família, ao bairro, ao trabalho e outros. Junto com o conhecimento mútuo da realidade, partilhando os problemas e aspirações, alicerçou-se a consciência de uma realidade comum tanto nos problemas como na história de vida do grupo. É importante ressaltar, neste estudo, como se deu o surgimento do núcleo básico

como um pequeno grupo que se organizou em função de objetivos, interesses e valores comuns. O pequeno grupo foi suficiente para o conhecimento necessário à confiabilidade sobre idéias comuns e diferentes. Fortalecido pelas discussões e experiências de vida, o grupo refletiu e direcionou os passos, planejou as ações, adquiriu novas experiências e partiu para suas reivindicações.

No começo, a organização das lavadeiras contou com mais ou menos 30 (trinta) lavadeiras. Aos poucos o grupo cresceu e fortaleceu a participação das mulheres moradoras da Vila Amália. Chegou assim, a 50 (cinquenta) lavadeiras que se estruturou ao redor de seus objetivos de lutas e conquista de seus direitos, enquanto mulheres trabalhadoras assalariadas⁴⁶.

Conforme experiência das estagiárias de 1979/1980, essa atividade profissional como lavadeiras, foi exercida por mulheres casadas ou viúvas, em poucos casos, solteiras, com idade de 35 (trinta e cinco) a 55 (cinquenta e cinco) anos, com uma média de 3 (três) a 6 (seis) filhos cada uma. A faixa etária das viúvas, era de 60(sessenta) a 70 (setenta) anos que, por conta de uma mísera aposentadoria, necessitavam trabalhar nessa atividade como complementação de sua renda e garantia de sobrevivência.

As famílias das lavadeiras, eram do campo, com a difícil experiência do êxodo rural, deslocaram-se para a cidade ainda entre os 13(treze) e 18 (dezoito) anos, sem qualquer qualificação profissional, com baixo nível escolar.

Como as mulheres não possuíam qualquer profissão qualificada, restou para elas fazer da profissão de empregadas, lavadeiras e passadeiras, o sentido para suas vidas.

Em relação às viúvas, que, além da realidade da não qualificação profissional, agravou-se a situação por estarem sós e com filhos pequenos, o que as impedia de assumir qualquer serviço fora do lar. Tornarem-se lavadeiras foi a forma encontrada para conciliar a atividade profissional com as domésticas. Entre as mulheres que trabalhavam fora como empregadas domésticas, assim que se casavam, acabavam saindo e integrando-se ao grupo das lavadeiras.

O trabalho das mulheres foi necessário como complementação da renda familiar, uma vez que, houve uma constante queda salarial do marido que trabalhava como pedreiro, guarda - noturno, motorista, funcionário público, sem contar, os

⁴⁶ Entende-se por assalariadas, segundo as lavadeiras, o trabalho com remuneração discutida e aceita por todas. Um salário correspondente ao trabalho de lavar e passar.

desempregados e aposentados. Os filhos contribuíam com a renda familiar em atividades como ajudante de pedreiro, enfermeira, comerciário, entregador, bóia-fria e empregada doméstica.

Nunca tive preguiça de ir para o trabalho e às vezes a gente trabalhava até de domingo, mas sabia que vinha sempre um dinheirinho para comprar as coisas em casa. Pois o dinheiro do marido era muito pouco e família com bastante criança pequena, tinha que botar o pão na mesa. Sabe que a gente dava conta de tudo, não ficava doente e não reclamava. (Entrevistada F.C.G. 68 anos).

Essas mulheres viviam em locais situados nos bairros periféricos de Lins com uma infra-estrutura precária, falta de equipamentos e investimentos urbanos já mencionados. O trabalho de lavadeiras realizou-se com maior freqüência em seu domicílio e ou na residência da patroa⁴⁷, quando necessário. Mas, preferiam trabalhar em sua própria casa por terem autonomia sobre o trabalho, pois ir à casa da patroa significava fazer o que elas determinavam, fazendo outros serviços além de lavar e passar. Este tipo de trabalho foi desenvolvido com maior freqüência com famílias, estudantes universitárias, militares, em alguns casos, prestavam serviços aos moradores de seu próprio bairro, mantendo certa relação de amizade o que dificultava a elevação do preço.

As relações de trabalho foram estabelecidas verbalmente, sem qualquer vínculo empregatício. As lavadeiras prestavam serviços a várias pessoas esperando aumentar sua renda.

O fato de trabalhar para várias pessoas em seu domicílio impedia criar um vínculo de empregada e patrão. Assim, a profissão passou a ser denominada como trabalho autônomo. Esta estrutura acabou isentando a patroa dos encargos sociais, criando uma relação de exploração da força de trabalho.

Com esta situação de exploração, vários problemas de ordem social e econômica pioraram a realidade de vida das lavadeiras, geraram para essas mulheres uma instabilidade financeira e como alternativa, deveria haver o pagamento dos encargos previdenciários na qualidade de autônomas. Mas por não terem como contribuir, elas não usufruíam dos serviços previdenciários, como, assistência médica, aposentadoria, auxílio-doença e outros. A categoria não possuía

⁴⁷ Termo usado pelas lavadeiras, em relação à mulheres com as quais trabalhavam.

uma legislação específica, o que dificultou seu enquadramento nas Consolidações das Leis do Trabalho – CLT, que poderiam ser utilizados na reivindicação de seus direitos.

A categoria lavadeiras atribuída às mulheres se deu por sua característica de lavar e passar roupas, sendo esse trabalho realizado por mês, dúzia ou por dia de serviço. Quando por dúzia, o preço era cobrado por peça/dúzia. Nota-se que os critérios de cobrança adotados eram diferentes, por dúzia em relação às peças. Como por exemplo, um lençol poderia corresponder de 8(oito) a 10(dez) peças, uma colcha de 10(dez) a 12(doze) peças e assim por diante. Elas preferiam essa modalidade, por serem delas a decisão quanto à quantidade/peças e assim, não serem tão exploradas.

As lavadeiras não eram muito favoráveis ao serviço prestado por dia, uma vez que as patroas achavam que por elas estarem em sua residência deveriam realizar outras funções além de passar e lavar.

A forma mais comum de trabalho da categoria era por mês, quando a cobrança dos serviços era estabelecida pela quantidade de vezes por semana. O serviço era feito por semana e o pagamento por mês.

A categoria profissional de lavadeiras era classificada na situação de subemprego, pois sua renda não atingia 50% (cinquenta por cento) do salário mínimo regional. Com o aumento gradativo do custo de vida e a dificuldade de estabelecerem preços compatíveis com suas necessidades, o salário recebido pelas lavadeiras cobria apenas o consumo das despesas como água, luz, sabão. As lavadeiras sujeitavam-se à dupla jornada de trabalho de forma isolada, exercendo atividades em sua própria casa.

A dupla jornada de trabalho atrelada à necessidade econômica familiar agravou ainda mais o problema para as mulheres que viviam sozinhas e precisavam sustentar a casa e os filhos. Confinadas ao espaço doméstico, as lavadeiras eram limitadas numa efetiva atuação política e social.

A realidade de trabalhar de forma isolada e a divergência de preços quanto aos serviços profissionais, dificultavam as lavadeiras a perceberem o grau de exploração a que eram submetidas em seu trabalho cotidiano.

Sensibilizadas por esta situação, e motivadas pelos projetos sociais da Faculdade, as estagiárias do Serviço Social, no período de 1979 a 1981, inseriram-se junto às lavadeiras, contribuindo para a motivação das mulheres a reunirem-se e

falarem de seu cotidiano⁴⁸, seus problemas comuns e particulares.

A realidade vivida no grupo dessas mulheres mostrou a necessidade de ampliar as discussões. Algumas temiam perder o emprego ou serem pressionadas pelas patroas e por isso, acabavam desistindo do grupo. Mas a resistência de algumas e a necessidade de desenvolver uma ação concreta de mudança da realidade dessa categoria em relação às condições de vida e de trabalho deram energia à resistência a permanecerem no grupo.

Como estratégia de organização realizou-se em março de 1980, uma entrevista com o grupo das lavadeiras publicada no Jornal “Voz do Povo” (meio de articulação popular de distribuição gratuita), colocando nessa redação os problemas da categoria e convidando as lavadeiras a somarem-se no grupo e participarem das reuniões.

Em 1983 a Faculdade de Serviço Social destacou algumas das atividades realizadas por esse grupo através das reuniões mensais, ou quinzenais quando necessário. Os assuntos que discutiam em suas reuniões tinham como temáticas:⁴⁹

- A valorização do trabalho, o baixo preço para lavar e passar, a variedade dos preços cobrados por dúzia, por dia, por mês;
- A tabela única de preço e a padronização da contagem de peças que saiam trimestralmente nos boletins informativos, criados pela associação;
- preço da luz e água, já que a maioria das lavadeiras lavava e passava em suas próprias casas e ainda pagava uma quantia muito alta, com as despesas de sabão, pregador, ferro e outros;
- Os problemas de saúde relacionados à profissão: reumatismo, problemas da coluna, resfriados, bronquites, etc. Sem qualquer vínculo empregatício formal, não tinham direito à assistência médica e previdência social obrigatória;
- As discussões foram em torno do salário, desemprego, custo de vida, infraestrutura do bairro, problemas da mulher, e outros.

Em conversas e leituras feitas, tornou-se evidente a situação de exploração que sofriam as lavadeiras, pelo tipo de trabalho que realizavam, como: as patroas que

⁴⁸ O cotidiano das mulheres reflete-se na fala de Heller ao afirmar que: “A vida cotidiana é a vida do homem por inteiro: ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, nela colocam em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias” (HELLER, 1992, p. 17).

⁴⁹ Cf. anexo, boletim da associação das lavadeiras, n. 1, Lins, Junho de 1982.

mandavam roupas da filha para lavar e com as dela mandavam as cortinas, tapetes e cobertores e não pagavam a mais por essas peças.

Nas reuniões, além das discussões, preparavam também promoções como: excursões, encontros locais e regionais, festas juninas, confraternização, bazar da pechincha, rifas. Todas as atividades foram realizadas como forma de despertar a participação, a organização e o engajamento. Essa experiência fortaleceu o espírito de solidariedade, compreensão e união das lavadeiras; desenvolveu a capacidade de autocrítica; despertou-as para a percepção dos mecanismos de exploração aos quais eram submetidas e que, numa ação conjunta lutavam para melhoria de tal situação e autonomia de sua luta em defesa de seus valores e interesses comuns.

É importante ressaltar ainda do mesmo relatório, algumas das principais propostas concretizadas pelo grupo no período de 1983 a 1984, como avanços da categoria organizada:

- Estabelecimento de uma padronização de contagem de peças de roupas para quem lava por dúzia e elaboração de uma tabela única de preço reajustada semestralmente;
- Legalização da Associação das Lavadeiras como órgão de utilidade pública e obtenção de uma sala de reuniões;
- Elaboração de Boletins Trimestrais que, além de informações, apresentava tabela única de preço. Sendo esse boletim um mecanismo pelo qual a Associação atingia maior número de lavadeiras;
- Encaminhamento da luta contra o alto custo da água e do esgoto. Toda população de Lins discutiu esta problemática, contra o sistema utilizado pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo-SABESP, no tabelamento do preço da água e do esgoto.

Segundo o relatório, essa luta contra o alto custo de água e esgoto, encerrou-se em junho de 1984, sendo encaminhado um abaixo - assinado com 5.000 (cinco mil) assinaturas, contendo reivindicações no sentido de mudar o sistema utilizado pela SABESP.⁵⁰

As lavadeiras reivindicavam uma redução do preço da água, uma vez que esta constituía seu principal instrumento de trabalho. As mulheres lavadeiras realizavam ainda outras atividades como articulação com outros grupos da região através dos

⁵⁰ Cf. Boletim n.1 Associação das Lavadeiras, carta ao Sr. Presidente da SABESP, em abril de 1981.

Encontros Regionais de Mulheres.

Dessa forma o grupo das lavadeiras teceu sua história de luta e organização por meio de reuniões, sendo num primeiro momento, uma participação mais de ouvir e decidir no que lhe dizia respeito. Por conta da sua realidade de trabalho e consumo, elas expressavam – se mais, opinando sobre questões como: salário e assistência médica, problemas de seu cotidiano, saúde e sobrevivência, realidade vinda de suas precárias condições de trabalho.

Eu participava do grupo das lavadeiras lavava e passava para mais de 15 (quinze) donas de casa, às vezes fazia também outros serviços, como limpar a casa, fazer comida e cuidar dos filhos. Nas reuniões a gente conversava para que ninguém aceitasse trabalhar por pouco salário e nossos direitos fossem respeitados, pois naquele tempo não tinha para nós o tal do INPS. (Entrevistada M.L. 75 ANOS).

Nota-se por meio da fala das lavadeiras que a participação social no mundo do trabalho, apesar de exploração, intensificou para nelas o compromisso de lutar e reivindicar coletivamente melhores condições de vida e salário.

Enquanto mulheres trabalhadoras elas rompem com a idéia de que a mulher é socializada apenas para os serviços domésticos ou privados. A vida social em grupo contribui para torná-las autônomas e ampliar sua auto-estima levando-a a sentirem-se úteis participando ativamente da renda familiar.

O importante de tudo isso, é sentir-se gente com capacidade de ganhar o pão de cada dia. A experiência do grupo das mulheres valeu a pena, por ter ganhado nele uma maior visão da realidade do mundo, do ser mulher e das relações de trabalho. Foi nele que vivi grandes possibilidades de mudança em minha vida e consciência de classe organizada. Percebi que não era nada fácil para a classe trabalhadora, manter-se firme frente à pressão da classe dominante (Entrevistada M. Z. 63 anos).

A fala acima identifica a necessidade do ser social em sua capacidade de ser e interagir na vida social. As lavadeiras na medida em que viviam a experiência da valorização de suas potencialidades, intensificavam sua qualidade de sujeitos tornando-se merecedoras de prazer, de satisfação pelo significado do trabalho no cotidiano de sua luta. A felicidade traduzia-se na intensificação da participação do grupo e na coragem de superação dos conflitos existentes no embate com as forças dominantes.

Havia de fato um conflito interno da Associação frente às condições de trabalho e a forma como as patroas lidavam com elas. Era uma relação quase tranqüila

enquanto as lavadeiras ficavam “quietinhas” em seu trabalho, mas, a partir do momento que estas tomavam posição frente à melhoria dos salários e direitos trabalhistas, as coisas tomavam outro rumo.

Uma coisa eu digo de verdade: as patroas tratavam muito bem a gente. É certo que a gente nem sabia o que era um registro em carteira, mas elas ajudavam e quando a gente ficava doente, elas levavam até o hospital. Eu pra falar a verdade, não ia em muito nas reuniões das mulheres, porquê a patroa não gostava. Eu tinha medo de perder o emprego. Mas quando eu ia eu gostava muito, ali no grupo tinha umas mulheres “briguentas” e animadas. (Entrevistada F.C.G. 68 anos).

Mesmo entre as lavadeiras, havia divergências, expressa pela necessidade de manter-se no emprego. “Então, é melhor manter a imagem de “uma empregada boazinha”, pois ainda assim ela me ajuda quando preciso”. Era uma relação de troca e dependência que desqualifica o valor do trabalho enquanto realização pessoal.

Mesmo que sua experiência se voltasse mais ao setor secundário de produção, elas participavam da vida econômica como parte do processo nas relações de produção. Fundamenta-se que a realidade desse grupo das lavadeiras do período de 1980 a 1984 fundou-se e criou forma, no contexto histórico-político-econômico-social dos movimentos sociais e populares de embate com o capitalismo.

A existência do grupo das lavadeiras tida como movimento social popular, pode ser caracterizada nos dias atuais como uma ONG, uma vez que ele foi composto por um grupo de cidadãs que se organizavam em defesa de seus direitos e interesses públicos. São organizações com estatuto jurídico de entidade privada, sem fins lucrativos.

Conforme a Faculdade de Serviço Social no relatório nº. 03, 1993, p.8, essa associação nasceu com a preocupação de defender os interesses, criar união e laços de solidariedade entre a categoria, surgindo assim, como primeira preocupação, a Legalização da Associação, que tinha como objetivo geral: “organizar e mobilizar as lavadeiras, visando ao atendimento das necessidades e interesses das categorias”.

Aprofundar a reflexão sobre a experiência do grupo das lavadeiras evidencia a construção de um sujeito coletivo, que segundo SADER (1984), fundamenta-se na construção de um grupo, seus valores, a troca de experiências, bem como, os desafios, na concretização da melhoria da vida cotidiana.

A constituição do grupo como sujeito coletivo, resulta das mais variadas

realidades encontradas pelos elementos do mesmo grupo vividos em seu cotidiano. Cada momento de encontro, neste grupo, fortalecia a intensificação da qualidade de sujeito agindo com o saber que lhes são próprios a partir de experiências do cotidiano.

Para compreender a constituição desse sujeito coletivo, utiliza-se o conceito de THOMPSON, para o qual, a experiência é uma categoria que se apresenta “mesmo não sendo perfeita toda ela, torna-se indispensável (...), uma vez que a mesma compreende a resposta mental e emocional de um indivíduo e do grupo social com acontecimentos que se interrelacionam e/ou repetições de um mesmo tipo de acontecimento” (1981, p. 15).

Considerando a experiência de grupo fundamentada no cotidiano destas mulheres Netto afirma que o que está em jogo nessa abordagem do cotidiano contemporâneo, é a universalização do mistério que Marx localizou em forma de mercadoria: “a específica objetividade imediata instaurada no processo da formação econômico-social onde o modo de produção capitalista consolidou de forma conclusiva e desenvolvidamente sua dominância” (1996 p. 89-90).

Aprofundar a temática da associação das lavadeiras significou desvelar a capacidade de organização e mobilização desse grupo de mulheres; seu empenho e dinamismo em busca de valores que as fortaleciam em suas estratégias de luta para mudar a realidade política e social, bem como, a forma como organizavam e administravam sua vida na esfera doméstica e agora, como trabalhadoras organizadas e autônomas em suas decisões.

As lavadeiras discernem a percepção do significado que tem para si esta experiência quando alicerçadas em realidades que extrapolam o particular para o coletivo.

O ser humano necessita de algo concreto para prosseguir em suas motivações. Para as lavadeiras, as motivações principais de sua luta e a descoberta para cuidarem de si mesmas foi a questão da valorização salarial, o que, para elas perpassa a dinâmica da auto-estima, que se instala ao valorizar a satisfação das suas necessidades e de sua família dando-lhes o que há de necessário e melhor para o ser humano viver com dignidade.

Percebeu-se com este trabalho que o aspecto da cidadania é parte da intensificação da qualidade do sujeito, uma vez que as lavadeiras descobriram a força que tem e que nasce de dentro para fora. “Posso estudar e aprender novas

coisas, o que é de direito como cidadã e ser respeitada...” Essa expressão é de uma entrevistada que coloca a experiência das lavadeiras como um tempo que mudou sua vida e a mesma a guarda com saudade e desejo de que ainda hoje essa experiência continuasse.

Na minha opinião se o povo de hoje tivesse a conscientização dos grupos e movimentos populares organizados, de como se forma um cidadão livre e possuidor de direitos e deveres e se este soubesse a força que tem uma organização assim, não haveria tanta exploração da força de trabalho, preconceito, pobreza e exclusão das pessoas em geral (Entrevistada M. Z. 63 anos).

Analisa-se a importância da participação como elemento que marca a vida para sempre. De fato, permanece o desafio de como hoje pode-se intervir com respostas à contemporaneidade quando parece que há um vazio na vida das pessoas.

O capitalismo tenta absorver as potencialidades do ser humano ampliando o individualismo e nem sempre o Serviço Social consegue motivar respostas de superação ao problema que se apresenta na realidade.

2.3 Associação das Lavadeiras e o Serviço Social na Contemporaneidade

É importante discutir o objeto de estudo de nosso trabalho, confrontando-o com a prática profissional do Assistente Social, uma vez que a experiências das lavadeiras deu-se no espaço da Faculdade de Serviço Social, como instituição de suporte ao movimento.

Em se tratando da profissão do Serviço Social, Iamamoto (2003), chama atenção para uma compreensão mais detalhada da profissão que apresenta o Serviço Social como processo de trabalho, na divisão sócio-técnico, o que significa compreendê-lo como uma prática integrada ao processo de produção e de reprodução da vida material, numa visão de totalidade.

Pensar a profissão como fruto dos sujeitos que a vivenciam e constroem é rever os conceitos de uma prática embasada no conhecimento da realidade apresentada e vivenciada pelos sujeitos de forma a contribuir de forma significativa às mudanças sociais.

É visível na experiência de organização e mobilização das lavadeiras

enquanto sujeito na dinâmica interativa da Associação contribuíram para a discussão e inovação da prática do Serviço Social.

As Diretrizes curriculares definem o Serviço Social “como uma especialização do trabalho e sua prática uma concretização de um processo de trabalho⁵¹ que tem como objeto as múltiplas expressões da questão social”. (DIRETRIZES CURRICULARES, 1996).

O Assistente Social, mesmo que assalariado, como força de trabalho especializada é competente para atuar nas expressões da questão social⁵² e este é solicitado em seu trabalho. O Serviço Social é necessário socialmente, pois atua sobre questões ligadas à sobrevivência social e material dos setores majoritários da população trabalhadora, tendo papel importante no processo de reprodução material e social da força de trabalho.

O Assistente Social tem efeitos na sociedade como um profissional que atua no campo do conhecimento dos valores, dos comportamentos, da cultura. Valores estes que as lavadeiras vivenciaram como expressão da intensificação da qualidade de sujeito e que alimentou o grupo em suas metas e objetivos, o direito à dignidade ao reconhecimento a valorização pessoal e coletiva e sua auto-estima. A função social da profissão vincula-se à organização e implementação de políticas sociais por meio dos fundos públicos oriundos de impostos, tributos e outras contribuições, na distribuição da riqueza socialmente produzida.

Os valores que lembro eram os da organização da luta. A preparação do teatro como o jeito de conscientizar as pessoas e todas nós da importância de viver em grupo. A comunidade é o grande valor. Nela ninguém vive só e nem sente necessidade. Outro valor significativo, é que quando a gente tem pessoas de luta com a gente e que apóiam como as estagiárias do Curso de Serviço Social e pessoas da comunidade em geral, dá uma alegria muito grande e vontade de continuar na luta e até de “brigar” se for preciso” (Entrevistada M. V.).

De acordo com Yazbek (2003), a política em geral no Brasil apresenta propostas contraditórias quanto à perspectiva de acomodação da relação Estado e Sociedade Civil. As políticas sociais no âmbito governamental são marcadas por sua

⁵¹ Implica uma matéria prima ou objeto sobre o qual incide a ação; por meios ou instrumentos de trabalhos que potenciam a ação do sujeito sobre o objeto; e a própria atividade, ou seja, o trabalho direcionado a um fim, que resulta num produto (IAMAMOTO, 2003, p. 61).

⁵² Expressão discutida por Iamamoto como “um conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por parte da sociedade” (IAMAMOTO, 2003, p. 27).

ineficiência e subordinação aos interesses econômicos.

Nessa conjuntura o Serviço Social na contemporaneidade é desafiado a romper com a visão focalista, seletiva e ampliar os horizontes com um olhar para os movimentos sociais das classes sociais populares e da própria relação Estado e Sociedade. Iamamoto referencia o olhar dos Assistentes Sociais para a “capacidade de decifrar a realidade e construir propostas criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir da demanda emergente no cotidiano, como um profissional propositivo e não apenas executivo” (IAMAMOTO, 2003, p.20).

Historicamente o assistente social caracteriza-se como um dos agentes profissionais que trabalham na implementação das políticas sociais, mais especificamente nas políticas públicas, como executor dessas políticas este vai agir diretamente com a população usuária. Atividade esta exigida pelo próprio mercado de trabalho em que os profissionais de Serviço Social além de trabalharem na esfera da execução, atuam na formulação das políticas públicas e na gestão das mesmas. Para o bom desempenho destas atividades, faz-se necessário que o profissional coloque certo limite, ou seja, capaz de romper com aquelas tarefas apenas burocráticas e rotineiras voltadas apenas para os papéis.

Conforme entrevista as lavadeiras confirmam o valor de uma ação de Serviço Social engajada no compromisso social quando este vai junto aos bairros para colaborar com a melhoria de vida da população. “Tenho saudades de quando a gente se encontrava, pois foi um tempo gostoso, de muitas lutas e alegrias através do Serviço Social” (Entrevistada M.V.).

As políticas sociais brasileiras... embora aparentem a finalidade de contenção da acumulação da miséria e sua minimização através da ação de um Estado regulador das diferenças sociais, de fato não dão conta deste efeito. Constituídas na teia dos interesses que marcam as relações de classe, as políticas sociais brasileiras tem conformado condições de reprodução da força de trabalho, como favorecimento, ao mesmo tempo, da acumulação da miséria social (SPOSATI apud YAZBEK, 2003, p.37).

Na atualidade as políticas sociais focalistas e seletivas do Estado Mínimo, com um investimento precário nas políticas sociais e máximo para a produção do lucro, rompem com o que se consolida na Constituição Federal no que se refere à garantia do que lhes é direito do cidadão e dever do Estado. A compreensão do que se entende por direitos e deveres do cidadão e do Estado necessita ser feita de forma integrada entre ambas as partes, uma vez que esta é da responsabilidade de

todos. Assim evita-se uma concepção de política assistencialista baseada na compaixão e benemerência.

São necessárias exigências de aprimoramento constante dos profissionais fundamentado no código de Ética profissional, na competência teórico, ético - política, operacional que dê respostas às demandas dos sujeitos como portadores do direito de um atendimento com qualidade, eficiência, liberdade, dignidade, autonomia e valorização humana.

A intensificação da qualidade de sujeito, objeto de nossa pesquisa foi um elemento contribuinte para a inserção das lavadeiras na sociedade e sua motivação para constituírem-se como grupo organizado.

As necessidades básicas de sobrevivência e melhoria para sua vida e de sua família foi a força motora para o compromisso social e o apoio do Serviço Social permitiu a construção de um espaço próprio para as organizações e ações coletivas para estas mulheres que as ajudou a superar conflitos e obstáculos na realização de seus objetivos.

A associação das lavadeiras confirma que a experiência de felicidade e auto-estima passa pelo significado que fazemos e damos à própria vida. O prazer e o encanto de viver se constroem em meio às lutas, aos conflitos e às experiências do cotidiano quando vivido coletivamente.

Quanto a ser parte do grupo das lavadeiras, deixo meu recado de que o mesmo me dava muita alegria e convicção em ser lavadeira, uma profissão digna como uma outra e merecedora de valorização e respeito. Pois ali buscava o pão e a realização pessoal por meio de um trabalho. Havia alegria em dividir momentos e luta e reivindicação junto às companheiras com o mesmo objetivos (Entrevistada M. Z. 63 anos)

Na sociedade atual onde predomina a realidade do capitalismo, essa experiência do valor que tem as pequenas ações organizadas, passa a ser insignificante, uma vez que este considera apenas o individualismo, o consumismo e o lucro.

Para as lavadeiras, valores como o prazer, a satisfação em fazer de sua vida uma ação duradoura para si e para a comunidade e ou grupo, alimenta o sentido de toda luta e superação das dificuldades; anima-as a estar em um grupo que sonha tem um porquê trabalhar e lutar.

Minha alegria de trabalhar era por que com o dinheiro eu podia comprar as coisinhas de casa que mulher sempre gosta de ter e dar para os filhos, como uma comidinha, um doce diferente, uma roupinha, um cheirinho e aquelas coisinhas de mulher se arrumar bem. Eu sentia prazer de ver a alegria dos filhos e como mãe isso era muito bom. Meu marido sempre dizia que o trabalho era difícil, mas não tinha muito que escolher (Entrevistada F. C. G. 68 anos).

Como profissionais do Serviço Social devemos estar atentos para a realidade concreta do cotidiano e o valor das pequenas ações. Sonhar com um futuro melhor faz parte sim do que fazer profissional, mas sempre na perspectiva de construir-se o presente alicerçado na força que tem as pequenas organizações e ações, quando fundamentadas nos valores existenciais da vida e da comunidade a qual se escolheu.

Aprendemos com as lavadeiras que o saber passa pela capacidade da socialização do cotidiano da vida e que a reflexão necessita ter alicerce sólido para evoluir enquanto conhecimento. Intensificar a qualidade de sujeitos é resultado da participação nos movimentos sociais para àqueles que conseguem superar a particularidade e tornarem-se sujeitos de sua própria história. No processo de mudança da realidade pequenas ações⁵³ ganham novos significados, colorindo o cinzento da vida cotidiana e atribuindo novos significados aos gestos necessários à produção e reprodução das relações sociais.

Para a profissão do Serviço Social permanece a ousadia de continuar na luta pela justiça social e acreditar que, no embate com os padrões de produção capitalista, é necessário colocar-se junto “à questão social e apreender a lidar com suas múltiplas expressões, experienciadas pelos sujeitos em suas vidas cotidianas” (IAMAMOTO, 2003, p. 62).

Hoje podemos contar essa história e dizer que somos mulheres com capacidade e a realidade nos faz sonhar sempre e acreditar nas histórias escritas e vividas como sinal de esperança de dias melhores. “Lutar não foi em vão” (Entrevistada M. V).

⁵³ Cf. anexo Boletim da Associação das Lavadeiras, n. 05 Lins, março de 1984.

Considerações Finais

Este trabalho tratou da realidade da organização, mobilização da Associação das Lavadeiras de Lins na década de 1980. Refletiu-se sobre seu processo de luta inserido na experiência da PEO, projeto este assumido pela Faculdade de Serviço Social de Lins, no período. Considerou-se ser este período com suas determinações político, econômico e sociais vinculado aos movimentos sociais populares urbanos de Lins, da região e também no Brasil.

Concluiu-se que os movimentos sociais populares urbanos, como a associação das lavadeiras surgiram com o principal objetivo de luta pela conquista de seus direitos em especial, na garantia da sobrevivência e qualidade de vida e trabalho.

Verificou - se que a responsabilidade pelas melhorias de vida e trabalho da população, é de todos. O trabalho buscou apresentar em sua discussão o conflito interno, quando na organização e articulação das lavadeiras, apontando em alguns momentos as dificuldades e desafios vivenciados por elas, de um lado, nos conflitos internos à própria classe trabalhadora e de outro, as patroas e as relações estabelecidas frente ao trabalho.

Ficou claro neste trabalho que na Associação das Lavadeiras da mesma forma que em outras organizações e movimentos similares, foi fundamental a experiência da motivação, o respeito às individualidades, o compromisso social e a coragem de unirem-se pela garantia de uma melhor qualidade de vida. Para o grupo das lavadeiras, defender e lutar pela conquista dos direitos exige confronto político e ao mesmo tempo, prazer no que se faz.

Conforme a hipótese do trabalho confirmou - se que a experiência da Associação das Lavadeiras para aquelas participantes que assumiram ser parte do grupo, foram movidas por suas energias internas, valores, além do prazer em fazer algo que desse sentido às suas vidas e de sua família. Elas viveram suas experiências de forma a intensificar a cada dia de sua luta, a sua qualidade de sujeito e aqui de forma coletiva, na busca de uma vida de autonomia e dignidade.

Destacou-se o valor e o compromisso do Serviço Social e como os Assistentes Sociais deveriam continuar interagindo numa perspectiva sócio educativa onde o profissional reconhece nas pequenas ações como os “teatrinhos, as rodas de conversas, a recreação”, citados pelos sujeitos, a importância do seu

trabalho onde o significado do processo ultrapassa os resultados.

Conclui-se o trabalho com alguns desafios para a prática do Serviço Social nos dias atuais, como o de rever que o Movimento Social (associações, sindicatos grupos da periferia), é o espaço sócio-ocupacional do Assistente Social, que para muitos profissionais das Prefeituras, acumulados por outras atividades, foi deixado para um plano menos relevante ou até, muitas vezes, esquecido. Aqui importante rediscutir a proposta do **CRAS**, do **SUAS** com atividades expressivas sócio-educativas e ações que ajudem a mudar a realidade.

O Serviço Social pode aprender que esse tipo de ação Sócio-educativa precisa ser desenvolvido privilegiando os espaços de tempo que a população tem disponível em horário não comercial, para poder atender e privilegiar o trabalhador com reuniões no início da noite, final de semana, como faziam as lavadeiras.

Era gostoso demais, a gente se reunia no final de semana ou à tardinha para os nossos teatrinhos e músicas. Isso dava prazer e deixava a vida mais leve, além de dar nosso recadinho a toda comunidade. (Entrevistada M.Z 63 anos).

Hoje, parece que as pessoas estão muito sozinhas, cada uma buscando um jeito de não passar fome. Ninguém se encontra. Até nas faculdades, antes os alunos estavam em tudo. As estagiárias iam nas casas convidar a gente para as reuniões e explicar as coisas. Hoje eu não sei se eles ainda ajudam o povo a se reunir. Parece que as coisas mudaram, mas acho que também as mulheres estão mais na frente em seus direitos. Já estão até na política, o que antes é muito mais difícil (Entrevistada F.C. G 68anos).

Quanto ao desafio posto às Faculdades de Serviço Social e o Novo projeto Societário do Projeto Ético – Político, faz-se necessário uma formação que direcione ao engajamento de luta e inserção junto aos movimentos e organizações populares. Segundo Iamamoto (2003), essa deve ser uma prática realizada de forma coletiva. A equipe de trabalho deve atuar com um conjunto de especialistas que integre a totalidade do ser social, como um profissional propositivo, criativo e viabilizador de direitos.

Parece que a faculdade de Serviço Social está escondida e ausente da luta do povo. Eu acho que a faculdade precisa estender os braços para alcançar as causas e ajudar a mudar a realidade das classes sociais. Isso também poderá ajudar ao próprio curso de Serviço Social nas discussões da realidade e a ter maior influência junto às comunidades (Entrevistada M. Z 63 anos).

Confirma-se a idéia de que a Faculdade inserida junto aos grupos, associações e movimentos sociais populares leva o próprio curso a inovar-se em sua teoria quando engajado na concreticidade das experiências cotidianas.

REFERÊNCIAS

LIVROS

AGUIAR, A. G. **Serviço Social e Filosofia: das origens a Araxá**. São Paulo: Cortez, SP, 1995.

AGUIAR, A. G. (coord.). Faculdade de Serviço Social de Lins. **CADERNO DE TCC**. Lins: nº 1, 1983.

AGUIAR, A. G. (coord.). Faculdade de Serviço Social de Lins. **CADERNO DE TCC**. Lins: nº 2, 2002.

ALMEIDA, Lúcio Flávio de. & SANCHES, Félix Ruiz. Um grão menos amargo das ironias da história: o MST e as lutas sociais contra o neoliberalismo. In: **Lutas Sociais**. São Paulo, n. 5, 2º sem., 1998. p.77-96.

ALVES, Giovanini. **Trabalho Subjetividade e Lazer**: estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global 2005, mimeo.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICA. **NBR 6023**: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo, Cortez/Unicamp, 1985.

_____. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 1999.

BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social**: Fundamentos ontológicos. São Paulo, Cortez, 2001.

BEOZZO, José Oscar. Noroeste Paulista: Aspectos demográficos (ou, um caso típico de povoamento), **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis: Vozes, v. 63, n.9, 1969, p.771-787.

_____. Continuidade e Ruptura **Revista Momento**: Revista Linense de Cultura, n. 6, Lins, SP, 1977. p. 3.

BRITES, Maria de Fátima. **O Serviço Social na Fundação Paulista de Tecnologia e Educação**: limites e possibilidades na implementação de uma prática profissional. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social de Lins - Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 1994. 56ffls.

CONCEIÇÃO, Antônia. **A organização dos movimentos populares em Andradina**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) –

Faculdade de Serviço Social de Lins - Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 1983. 86 fls.

CINQUENTENÁRIO DA DIOCESE DE LINS, Edição da Diocese de Lins, Lins, São Paulo, 1976, 117 p.

ESTANQUE, Elísio. Movimentos sociais, classe e comunidade: reflexões sobre a sociedade portuguesa. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 22, n.65, mar.2001, p. 54-74.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Saber profissional e poder institucional**, 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

FARIA, Maria Neuza de et al. **Serviço Social e participação popular**. São Paulo, SP: Loyola, 1980.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST formação e territorialização**. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.

FERREIRA, Rosângela. **Processo de reestruturação do ensino na Faculdade de Serviço Social de Lins**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social de Lins - Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 1982. 113 fls.

FIORINO, V. Ser cidadã francesa: uma reflexão sobre os princípios de 1789. In: BONACCHI, G. & CROPPI, A. (orgs.). **O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres**. São Paulo: Unesp, 1994.

GADOTTI, M. & PEREIRA, O. **PRA que PT - Origem, Projeto e Consolidação do Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, 1989- 370p.

GIAFORMAGGIO, L. Igualdade e diferença: são realmente incompatíveis? “. In: BONACCHI, G. & CROPPI, A. (orgs.). **O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres**. São Paulo: Unesp, 1994.

GODINHO, Tatau. Irreverência e criatividade: os movimentos sociais renovam a cena política. **Revista Inscrita**, São Paulo, v.4, n.7, maio, 2001, p.32-35.

GOHN, M. da G. **Classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, 1979.

_____. **Movimentos Sociais e Luta pela moradia**, São Paulo, Brasil, Loyola, 1991.

GOUVÊA, Maria das Graças de. **Educação popular junto aos movimentos sociais: o centro de direitos humanos e educação popular** - CDHEP. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, 1997, 220 fls.

GROPPI, A. “As raízes de um problema”. In: BONACCHI, G. & CROPPI, A. (orgs.). **O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres**. São Paulo: Unesp, 1994.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HELMAN, M. “Democratização e movimentos sociais no Brasil”. In: PAOLLI, M. C. & all. **Movimentos sociais e democracia no Brasil: sem a gente não tem jeito**. São Paulo: Marco Zero- Idelfess- Labor, 1993.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1996. p. 288.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Renovação e conservadorismo no serviço social: ensaios críticos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

IAMAMOTO, M.V.; CARVALHO, R. de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico metodológica**. 11ª. Ed. São Paulo: Cortez; (Lima, Peru): CELATS, Brasil, 1996.

LOWY, M. **Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista**. 16ª. Ed. São Paulo, Cortez, 2003.

JACOB, Pedro. **Movimentos sociais e políticas públicas**. São Paulo, SP: Cortez, 1998.

KAMEYAMA, Nobuco. A Prática Profissional do Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, v.3, n.6, p.147-155, 1981.

_____. **Relatório preliminar de avaliação da caminhada do ensino reconceituado do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social de Lins**. 1981- mimeografado.

_____. Problemas do Oeste Paulista. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis: Vozes, v.63, n.8, 1969.

KOOP, P. P. Problemas do Oeste Paulista. **Revista de Cultura de Vozes**, Petrópolis: Vozes, 1969. v, 63, nº 9, p. 787.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

KOWARICK, L. (org). **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**, Clara Ant (et al.), 2ª. ed. RJ: Paz e Terra, 1994.

LARANJEIRA, S. (org). **Classes e movimentos sociais na América Latina**. Hucitec, São Paulo, 1990.

MAFFEZOLI, M. O conhecimento do cotidiano para uma sociologia da compreensão. Coleção Vegas, V.801 035 6 (sd).

MARX, K. & ENGEL, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Lisboa; Edições 70, 1975.

MATTOS, Isabel Cristina. **Educação popular e o projeto de educação e organização popular da Faculdade de Serviço Social de Lins**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social de Lins - Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, Lins. 1984. 67 fls.

MOURA, T.M. S. de. **Momento vivenciado pelo Serviço Social na Faculdade de Serviço Social de Lins - Projeto de Educação e Organização Popular-PEOP - 1979-1986**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo /PUC, 1990, 128 fls.

NETTO, J. P. Para a crítica da vida cotidiana. In: **NETTO, J. P. & CARVALHO, M.C.B. Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

PAOLLI, M. C. **Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político**. São Paulo: CEDEC, 1989.

PERIN, Ivanice Gelli. **A associação das lavadeiras: instrumento de luta ou de acomodação?** Faculdade de Serviço Social de Lins. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social de Lins - Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 1982.114fls.

QUEIROZ, M. I.P. de. **O Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo, Alfa - Omega, 1976.

REAL, J. C. **A concepção de violência contra a criança e o adolescente numa perspectiva social**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) Faculdade de Serviço Social de Lins. Centro Universitário de Lins/ UNILILNS, 2004, 65 FLS.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SADER, E. **Movimento popular urbano**. São Paulo: FASE, 1984.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Renata, C. Gonçalves. **Lutas sociais e relações de gênero: o processo de constituição do grupo de mulheres de São José.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicada - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, 1999. 135 fls.

SILVA, Matsuel Martins. **A História da Faculdade de Serviço Social de Lins, de 1958-1988: diferentes conjunturas, diferentes caminhos.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo /PUC, 1992, 127 fls.

SKRZYPZAY, Miria Aparecida. **Cidadania e MST: a conquista dos direitos.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social de Lins. Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 1999, 57 fls.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TROTTA, Miguel Edgardo Vicente. **Lãs concepciones de Crisis Y Refluxo de los movimientos sociales urbanos a lus dela dinâmica sócio-política de la união dos movimientos de moradia de São Paulo, 1989-2000.** Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

VIEIRA, E. **Democracia e política social.** São Paulo, Cortez, 1992. - (coleção polêmicas de nosso tempo; V. 49).

VITÓRIO, C. S. S. de. **Serviço social é uma profissão feminina?** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social de Lins. Centro Universitário de Lins/UNILINS, 2005. 118 fls.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. **Metamorfose do desenvolvimento de comunidade e suas relações com o serviço social,** 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1998.

_____. Formação Profissional no contexto da reforma do sistema educacional. **Cadernos ABESS/CEDEPSS,** São Paulo, 1998, n. 8, p.1-18

YASBEK, M.C. O Serviço Social e o movimento histórico da sociedade brasileira. Legislação Brasileira para o Serviço Social. São Paulo: **CRESS,** p.13-29, 2004.

_____. **Classes Subalternas e assistência social.** São Paulo, Cortez, 1993.

REVISTAS

Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo, v.3, n. 6, 1981. p.147-155.

Revista de Cultura Vozes, Petrópolis: Vozes, v.63, n.8, 1969, p. 673.

Revista de Cultura Vozes, Petrópolis: Vozes, v. 63, n.9, 1969, p. 771-787.

Revista Novos Escritores, Petrópolis Vozes, nov. 1981.

DOCUMENTOS DA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE LINS

LINS, Faculdade de Serviço Social. Reuniões da Congregação: atas do período de 1959 – 1972, fls. 1-50.

LINS, Faculdade de Serviço Social. Reuniões da Congregação: atas do período de 1972 a 1990, fls1-72.

LINS, Faculdade de Serviço Social. Reuniões da Congregação: atas do período de 1954, fls. 1-28.

LINS, Faculdade de Serviço Social. Centro Universitário de Lins – UNILINS . Projeto de Supervisão Acadêmica de Estágio do Curso de Serviço Social Lins, São Paulo, 2003.

LINS, Faculdade de Serviço Social. Centro Universitário de Lins – UNILINS. Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social, São Paulo, 2006.

LINS, Faculdade de Serviço Social. Centro Universitário de Lins – UNLINS. Relatório do Inspetor Verificador de Bauru, da diretoria de Ensino Superior - 02/10/1958.

OUTROS DOCUMENTOS

Boletim da Associação das Lavadeiras, n. 1, Lins, junho de 1982.

Boletim da Associação das Lavadeiras, n. 2, Lins, março de 1983.

Boletim da Associação das Lavadeiras, n. 5, Lins, março de 1984.

Boletins da Federação Universitária de Lins, 1976/1982.

Boletim Informando da Diocese de Lins, 1977, p.1.

Boletim A Voz do Povo do Grupo Linense de Educação Popular, n. 1- 42. Lins, 1985.

Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940 a 1970.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Senado Federal, Brasília – DF, 1988.

“Documento de Araxá”. **Revista Debates Sociais**, n. 4, ano 3, Rio de Janeiro, CBCISS, mai.1967.

“Documento de Teresópolis – Metodologia do Serviço Social”. **Revista Debates Sociais**. Suplemento nº 4, 5ª ed. Rio de Janeiro, CBCISS, set, 1978.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. **Projeções preliminares da População residente, por idade e sexo**, 1991.

LBA - Diretrizes e realizações. Relatório apresentado pelo Secretariado Geral aos membros do Conselho Consultivo e Deliberativo. Publicação da LBA. Arquivo da Escola de Serviço Social da PUC/SP. Período: agosto de 1942 - julho de 1943).

LDB – Lei de Diretrizes de Base da Educação – n. 9394, dezembro de 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA - DEPOIMENTO DAS LAVADEIRAS DE LINS DA DÉCADA DE 1980

I- IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo

Escolaridade:

Estado Civil:

Endereço:

II - PERGUNTAS ESPECÍFICAS

1 Como se deu o surgimento do grupo (contar a história)

2 Qual o significado para as mulheres (e para você), formar e organizar o grupo das lavadeiras?

3 Como foi a passagem (mudança) de empregadas domésticas, à categoria de mulheres trabalhadoras assalariadas?

4 Quais foram as principais motivações que as levaram a cuidarem-se de si mesmas e de seu próprio destino (busca pela sobrevivência...)?

5. Quais os valores presentes nesta luta?

6. O que você diz da atuação do Serviço Social, da Faculdade de Serviço Social de Lins, junto à organização das lavadeiras e em outros movimentos deste período?

APÊNDICE B

SUJEITOS DA PESQUISA

Francisca, C.G. D (F.C.G.D.) – 68 anos, casada, 10 filhos, lavadeira, passadeira e também bóia-fria, participante ativa dos encontros e ajudava no grupo de teatro.

Maria Josefa (M.Z.) – 63 anos, casada, 8 filhos, empregada doméstica, participante da associação das lavadeiras desde o início, líder no grupo de teatro das mulheres, militante do partido dos trabalhadores (PT), membro da diretoria do sindicato, integrante ativa do grupo das lavadeiras.

Maria Laura (M.L.) – 75 anos, viúva, aposentada, 3 filhos, participante da associação das Lavadeiras desde o surgimento do grupo 1980 a 1984, foi uma das líderes fortes na organização da associação e militou por muito tempo em outros grupos populares, na CEBS e outros.

Maria Vera (M.L.) – 55 anos, separada, 2 filhos, participante da associação das lavadeiras a convite dos amigos. Entrou no grupo um ano depois, participou além da associação das lavadeiras da vida da comunidade católica na formação da consciência política e formação de novas lideranças. Organizadora do grupo de teatro, pelo qual levavam a proposta de luta das lavadeiras e a realidade vivida no trabalho de lavar e passar. Militante do PT e do sindicato.

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Depoimento 1⁵⁴

“Eu participava do grupo das lavadeiras, lavava e passava para mais de 15 donas de casa, às vezes fazia também outros serviços. Como limpar a casa, fazer comida e cuidar de seus filhos. O preço era combinado com as outras lavadeiras. A gente se reunia para conversar sobre o quanto valia o nosso trabalho se não trabalhava por menos que o combinado, se não a gente saia perdendo das patroas... Eu digo pra você que a gente sentia gosto e vontade de fazer o que fazia.

O trabalho é a melhor coisa quando a gente tem saúde e vontade trabalhar. Nunca tive preguiça de ir para o trabalho e às vezes a gente trabalhava até de domingo, mas sabia que vinha sempre um dinheirinho para comprar as coisas em casa. Pois o dinheiro do marido era muito pouco e família com bastante criança, pequena tinha que botar “pão” na mesa.

Você sabe que a gente dava conta de tudo, não ficava doente e não reclamava. hoje em dia parece que tudo é mais fácil, mas o dinheiro não chega e as mulheres têm muita doença, até umas um pouco estranha como a tal da depressão e ficam desanimadas e nem podem mais trabalhar...Uma coisa eu digo de verdade: as patroas tratavam muito bem a gente, é certo que a gente nem sabia o que era o registro na carteira, mas elas ajudavam a gente e quando ficava doente, elas mesmos levavam para o hospital e para casa. A minha alegria de trabalhar era porque com o dinheiro eu podia comprar as coisinhas de casa que mulher sempre gosta de ter e dar para os filhos, como uma comidinha, um doce diferente, uma roupinha, um cheirinho e aquelas coisinhas de mulher se arrumar bem...

Eu sentia prazer de ver a alegria dos filhos e como mãe isso era muito

⁵⁴ Realizado em 12 de set. de 2005 às 14h00minh, à Rua Pedro Ferreira, s/n, bairro Ribeiro, Lins, SP.

bom. Meu marido sempre dizia que o trabalho é difícil então não tinha muito que escolher, era mais na roça e de empregada, como não tinha uma profissão a gente se acostumava com tudo. Hoje lembro de tudo com saudades. Eu não ia muito à reunião das mulheres, porquê a patroa não gostava e eu tinha medo de perder o emprego. Quando eu ia, gostava de prostrar e contar história, ainda a gente ficava sabendo das dificuldades que passava e dos nossos direitos. Tinha umas mulheres “briguentas” e animadas.

O jeito que a gente lavava e passava não era mole não. A gente ia lavar roupa no rio em cima da pedra, batia, batia e o rio era bem longe! Na hora de passar o ferro era a moda da brasa. Hoje as mulheres têm muita mordomia tudo é mais fácil para fazer o serviço, mas é outro tempo, elas não são felizes com o trabalho. Tudo é mais caro e acho que o salário de hoje continua muito pouco para as mulheres.

Eu acho que porque as mulheres daquele tempo eram mais unidas e traçavam idéias nas reuniões, o trabalho era melhor. Lá no grupo a gente falava tudo e confiava uma na outra. Quando a gente não sabia bem como fazer sempre alguém ajudava com uma idéia. Os encontros eram alegres e bem divertidos. A gente dançava, cantava, fazia uns teatrinhos engraçados para falar da realidade da nossa vida. Depois sempre tinha um assunto do nosso trabalho. Ali agente aprendia lutar e dividir o pão de cada dia.

Hoje, parece que as pessoas estão muito sozinhas, cada um buscando um jeito de não passar fome. Ninguém se encontra. Até nas faculdades, antes os alunos estavam em tudo. As estagiárias iam nas casas convidar a gente para ir nas reuniões e explicar as coisas. Hoje, não sei se eles ainda ajudam o povo a se reunir... parece que as coisas mudaram, mas parece também que as mulheres estão mais na frente em seus direitos... já estão até na política”. (F. C. G.D.).

Depoimento 2⁵⁵

“Nosso grupo começou depois de reuniões nos bairros, quem dava as reuniões eram os estagiários do Serviço Social. A gente se encontrava para falar da realidade da política de nossa cidade e dos nossos direitos. A gente fazia teatro, por que assim todo mundo entendia o recadinho sobre a situação da realidade do que estava acontecendo. Além de discutir os assuntos a gente levava o teatrinho para a comunidade. As peças do teatro eram escritas conforme o contexto da realidade e necessidade dos grupos naquilo que era de seu direito. Como por exemplo, os do grupo de bóia-fria, das empregadas domésticas, e o nosso o das lavadeiras.

Os grupos começam a ganhar mais força quando unidos. Eles nascem junto com os Partidos dos Trabalhadores (PT). Os trabalhadores eram a maioria em sua organização. Todos os grupos se organizavam por necessidades de melhorias para sua vida de trabalhador. Nos grupos tinham também muitos conflitos, por que nem todos lutavam pelos mesmos interesses, às vezes havia o interesse pessoal. A gente respeitava as outras classes, mas também queríamos que respeitasse o das lavadeiras.

A maior luta dessa época era pelo direito mais especificamente o da sobrevivência, destacando o direito ao trabalho, como o 13º, descanso aos domingos; passe coletivo para o trabalho; carteira assinada; creche para os filhos e salário justo para todas as categorias. Nossa organização frente às patroas não era tão fácil. Havia certo conflito. Algumas até reconheciam nossa competência e buscavam o grupo das lavadeiras e das empregadas como referência pra contratar as mulheres, mas por outro lado, havia aquelas que iam até as rádios para difamar a nossa luta e o nosso nome. É interessante observar que quando a gente não exigia nossos direitos, a gente até tinha uma relação mais familiar com a patroa, mas, depois que começamos a exigir nossos direitos, a gente era vista como estranhas na casa predominando uma

⁵⁵ 07 de set. de 2005 às 16h00minh. R. Marciano Rodrigues de Souza, 21, CDHU , Lins, SP.

relação de desigual de dominação. Eu carrego comigo o orgulho de ter sido parte dessa luta do grupo, sempre batalhei e tive satisfação em ser trabalhadora, independente da classe que pertenci. Sou mulher, sou gente, sou humana, sou negra e tenho dignidade. O importante é sentir-se gente capacitada a ganhar o pão de cada dia.

Para mim, essa experiência do grupo das mulheres valeu a pena, por ter ganho nesse grupo uma maior visão sobre a realidade do mundo, do ser mulher e das relações de trabalho. Foi no grupo que vivi grandes possibilidades de mudança em minha vida e consciência de classe organizada. Percebi que não era nada fácil para a classe trabalhadora manter-se firme frente à pressão da classe dominante. Era sempre um jogo de forças, fundada em interesses pessoais.

Enfrentamos alguns preconceitos na luta, por sermos mulheres pobres, negras lavadeiras, empregadas e trabalhadoras. Na minha opinião, se o povo de hoje tivesse a conscientização dos grupos populares organizados, de como se forma um cidadão livre e possuidor de direitos e deveres e este soubesse da força que tem uma organização assim, não haveria tanta exploração da força de trabalho, preconceito, pobreza e exclusão das pessoas.

Na minha experiência a mudança da vida doméstica para mulher trabalhadora assalariada foi de grande aprendizado. Antes aprendi que só trabalhava por questão de necessidade e que a mulher devia cuidar da casa, dos filhos e da roça. Depois com a realidade da vida na cidade, muda a visão que a gente tem do mundo e as necessidades são outras.

Agora era preciso lidar com a tecnologia para desenvolver o mesmo trabalho só que de outra forma. Estamos sempre aprendendo, daí a importância da vivência e discussão em grupo. Essa mudança marcou uma etapa em minha vida, porque despertou em mim que sou parte da cidadania, posso lutar pelo melhor e unir-me com os outros na mesma causa. Posso estudar e aprender coisas novas, o que é um direito como cidadã e ser respeitada.

Valeu ser parte integrante do grupo. Essa experiência para mim, mesmo contando com os momentos conflitivos, apesar das dificuldades é vista pelos outros como algo positivo. Quanto à autonomia financeira, por necessidade familiar, desde cedo aprendi a lidar com ela. Às vezes até com certa dificuldade e ou e ou sobrecarga nos afazeres, mas o prazer em ser trabalhadora supera os desafios. Naquela época havia o apoio da faculdade de Serviço Social de Lins junto das lutas do povo. Por todo canto tinha estagiárias e assistentes social sendo parte integrante e até idealizadores e mobilizadores das lutas e direitos dos trabalhadores em suas reivindicações.

Hoje em minha opinião ela parece estar escondida e ausente da luta do povo. Eu acho que a faculdade precisa estender os braços para alcançar as causas e ajudar a mudar a realidade das classes sociais. Isso também pode ajudar ao próprio curso de Serviço Social nas discussões da realidade e a ter maior influência junto às comunidades.

Quanto ser parte do grupo deixo meu recado de que o mesmo me dava muita alegria e convicção em ser lavadeira, uma profissão digna como uma outra e merecedora de valorização e respeito, pois ali buscava o pão e a realização pessoal por meio do trabalho. Havia alegria em dividir momentos de luta e reivindicação junto às companheiras com os mesmos objetivos.

Sinto saudades do prazer de poder sentar e ter o que discutir algo como um bem maior para todos. Havia muita amizade e companheirismo. Era gostoso demais porque além de dispersar um pouco as preocupações individuais do trabalho a gente se unia para falar das situações local e global. Lutar por melhorias de vida e direito à dignidade para todos, dá prazer e alegria, deixa a vida mais leve. Isso eu sentia nas peças de teatro que a gente fazia “.(M. Z.).

Depoimento 3⁵⁶

“Tudo começou com o trabalho das alunas da faculdade de Serviço Social. A gente tinha uma coordenadora que organizava as reuniões para as mulheres se encontrarem. Ali a gente conversava sobre tudo um pouco: trabalho, cãs, salário, lazer, saúde, política e outros.

Eu me recordo que uma instruía a outra naquilo que sabia mais sobre a situação da vida e da realidade. Eu gostava muito das músicas que a gente cantava no grupo, era muito animado. Até tinha uma que tocava violão. Mas a gente também sofria muito. As coisas era tudo mais difícil. O trabalho de lavar e passar era na mão, nada na máquina como hoje e a gente tinha que dar conta se não o dinheiro diminuía ainda mais. Por que a gente lavava e passava e o preço era cobrado por peça ou dúzia.

Mesmo com as dificuldades, parece que as coisas tinham mais valor. Era muito bom se encontrar para falar da vida da gente, nossas histórias, a dos nossos filhos e sobre o nosso trabalho de cada dia, dos problemas e das alegrias que a gente ia descobrindo no grupo. Tinha as festas e os passeios para encontrar com as outras mulheres que lutavam como nós por melhores salários.

Eu me lembro que era através do teatro que a gente falava mais da nossa realidade de empregada de empregadas domésticas, das lavadeiras e passadeiras. Era a forma que a gente usava para dizer tudo que estava acontecendo e precisava melhorar. Algumas lavadeiras tinham medo de participar porque a patroa proibia e prometia mandar embora. O teatro falava das dificuldades e das brigas na família pela falta de dinheiro e coisas que faltava em casa. O marido dizendo para as mulheres que ela precisava sim ganhar mais, por que o dinheiro não dava para sustentar a família.

As idéias que a gente discutia no grupo se transformava em teatro era mais sobre o que a gente queria que mudasse. Como ser mais valorizada no

⁵⁶ Realizada em 04 de setembro de 2005, às 10h30min à Rua Marconi, 1349, Bairro Ribeiro, Lins, SP.

trabalho;a gente pedia igualdade de salário; nossos direitos respeitados, pois naquele tempo não tinha para nós o tal do INPS.

Nas reuniões a gente conversava para que ninguém aceitasse trabalhar por pouco salário, pois o serviço era muito e sem qualquer direito a descanso, nem férias. Sempre como a trouxa de roupa na cabeça ia nós para as beiras dos riachos para garantir nosso sustento de cada dia. O valor disso tudo era a alegria que as mulheres tinham para lutar. No grupo a gente se sentia com mais coragem e confiava uma na outra. Ali era o nosso lugar, nosso espaço de desabafo e de esperança das nossas conquistas. Parece que naquele tempo era bem melhor: as mulheres, os pobres e os trabalhadores era tudo mais unido. Um ajudava o outro a sair das dificuldades. O Serviço Social era o nosso apoio. Os alunos e professores ajudavam as comunidades, ensinando a gente a se defender e lutar pelos nossos direitos. Tinha mulheres que trabalhavam muito para as patroas e ainda tinha força para cuidar da sua casa e de seus filhos.

Meu maior orgulho sempre foi não desistir mesmo nas dificuldades. Eu sempre via que a mulher e os outros grupos que existiam queria ter a sua vida e cuidar dele do jeito que acreditavam que era melhor para si, para a comunidade e para a sua família. Então tudo era necessário Quando eu comecei a trabalhar e fazer parte de um grupo eu achei a melhor coisa, parece que eu me sentia mais mulher e dona do meu pedaço. “É uma sensação gostosa de cuidar da vida com dignidade” (M. L.).

Depoimento 4⁵⁷

“Quando entrei no grupo já tinha o grupo formado, eu fui para ele através de convite das amigas que já participavam há mais tempo. Para nós mulheres foi uma grande vitória, pois veio o conhecimento a cada uma como se a gente fosse uma família.

Ficamos conhecidas pelo teatro e cada uma de nós tinha muita responsabilidade e conhecia sobre os nossos direitos. Dentro da categoria de lavadeiras não me lembro bem. Eu lavava e passava para as repúblicas de estudantes. Elas juntavam o dinheiro e a responsável pagava para nós. A diferença nessa mudança foi que a gente era mais valorizada e o trabalho era organizado. Todas recebiam um valor igual, conforme o combinado.

Eu sentia uma sensação de que a sociedade via a gente diferente, como mulheres que sabiam o que queriam. Contribuir com as despesas em casa dava direito pra gente de ter nossas coisas e decidir o que fazer com o nosso dinheiro, mesmo que às vezes não chegava para tudo que a gente queria.

As motivações que levou a gente a cuidar da gente mesma foi o aumento do salário e o serviço da roça já estava acabando. Nesse emprego o patrão pagava INSS, o que ia ajudar a gente na aposentadoria depois. Os valores que lembro era a organização da luta.

A preparação do teatro como o jeito de conscientizar as pessoas e todas nós da importância de viver em grupo. A comunidade é o grande valor. Nela ninguém vive só, nem tem necessidade. Outro valor importante, é que quando a gente tem pessoas de luta com a gente e que apóiam como as estagiárias e pessoas da comunidade em geral, dá uma alegria muito grande e vontade continuar na luta até de brigar se for preciso. O Serviço Social foi muito bom para nossa luta. Elas nos orientavam e faziam com que

⁵⁷ Realizado em 05 de outubro de 2005, às 18h00min na Comunidade São José, Bairro Ribeiro de Lins, SP.

enxergassem a realidade como mulheres e irmos atrás de nossos direitos.

Sempre a gente se comunicava com elas para não perdermos o contato com elas. Havia a presença da escola em todos os acontecimentos das lavadeiras e dos outros movimentos populares.

Tenho muitas saudades, pois foi um tempo gostoso de muitas lutas e alegrias do Serviço Social que a gente fazias na Catedral de Lins, junto com os grupos. Ali a gente se reunia. Era o nosso espaço de vida comum.

Gostaria de dizer que hoje, algumas dessas mulheres da associação das lavadeiras, já se aposentaram como eu e minhas colegas. A associação não existe mais como tal, mas espalharam-se pelas mais diversas militâncias entre partidos, movimentos e organizações. Mas tudo foi válido em seu tempo.

Somos mulheres e carregamos com orgulho a história já feita em todas as passagens da vida. Desde o direito para a luta, o engajamento que levou cada uma a procurar seus direitos e outras categorias de trabalho. Hoje, podemos contar essa história e dizer que somos mulheres com capacidade e a realidade nos faz sonhar sempre e acreditar nas histórias escritas e vividas como sinal de esperança de dias melhores. “Lutar não foi em vão” (M. V.).

ANEXOS

ANEXOS BOLETINS DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS DE LINS, DÉCADA DE 1980.

Boletim nº 1 – Junho/1982

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS
Nº 01 DE LINS Junho/1982

às amigas lavadeiras,

Este boletim tem como finalidade divulgar a nossa Associação e também esclarecer à todas lavadeiras sobre seus direitos.

Temos o direito de também cobrar um preço justo, que deve dar para a gente ao menos pagara água, luz, sabão e outros gastos mais.

Este boletim, por ser o primeiro, não vai só para as lavadeiras, vai também para as patroas, para que elas vejam que não estamos querendo aproveitar delas, mas é que somando os nossos gastos, não sobra nada para nós.

Esperamos que todas as lavadeiras tomem conhecimento de nossa Associação através deste Boletim e venham participar das nossas reuniões.

Neste primeiro boletim apresentamos uma proposta de uma tabela de preços, feita a partir de uma pesquisa junto à algumas lavadeiras; também temos, uma poesia feita por uma lavadeira e ainda uma nota da diretoria da Associação.



Leia nosso Boletim e Participe de
nossa Associação

PROPOSTA DE TABELA DE PREÇOS

Para tentar encontrar um preço justo, fizemos uma pesquisa com lavadeiras dos bairros Vila Amália e S. Benedito, para saber qual o preço que deveria ser cobrado para lavar e passar roupa, levando em conta os gastos com água, luz, sabão, e ainda certos gastos como por exemplo conserto de ferro, varal, prendedor, fio de ferro, etc, que ninguém vê, mas que conta para os nossos bolsos.

Nesta pesquisa contactamos com umas 30 lavadeiras, mais ou menos, e fizemos algumas perguntas que foram:

1. Quanto deveria ser cobrado para lavar e passar por dúzia?
2. Quanto deveria ser cobrado para só lavar por dúzia?
3. Quanto deveria ser cobrado para lavar e passar por mês?
4. Quanto deveria ser cobrado para lavar e passar uma vez por semana?
5. Quanto para lavar e passar na casa da patroa?
6. Para lavar e passar por mês na casa da patroa, levando duas vezes por semana?
7. Quanto só para lavar por dúzia na casa da patroa?
8. Quanto para lavar e passar por dia na casa da patroa?

Depois das respostas das lavadeiras, fizemos para cada pergunta uma média de preços, a partir dos preços dados por elas, assim obtivemos a nossa proposta de preços.

postada de preços.

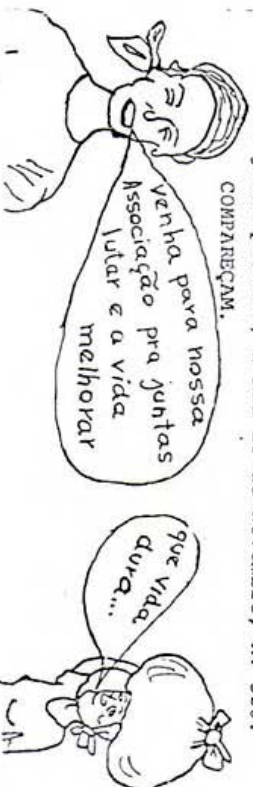
TABELA DE PREÇOS - Proposta

- Para Lavar e Passar por dúzia.....	CR\$ 200,00
- Só para Lavar por dúzia.....	CR\$ 120,00
- Fazer Lavar e Passar por mês - 2 vezes por semana.....	CR\$ 4.000,00
- Para Lavar e Passar por mês - 1 vez por semana.....	CR\$ 3.000,00
- Para Lavar na casa da patroa -	
Lavar e Passar por dúzia.....	CR\$ 160,00
Só para Lavar por dúzia.....	CR\$ 100,00
Lavar e Passar por Mês - 2 vezes por semana.....	CR\$ 3.250,00
Lavar e Passar por dia.....	CR\$ 700,00

Como dissemos esta é uma proposta de preços, a qual só vai ser definitiva se for aprovada pelo maior número possível de lavadeiras. Por isso convidamos a todas as lavadeiras para participar conosco nas nossas reuniões da Associação, a fim de discutirmos e aprovarmos uma tabela de preços única, que seja justa.

A reunião para discutir os preços será no dia 10 de julho próximo, à Rua 15 de Novembro, nº 526.

COMPANHIA.



A Luta das Lavadeiras

D. Edith Goulart

Somos lavadeiras honestas, que lutamos sem parar
Esperando ser um dia reconhecidas pelo governo federal
É por essa esperança que lutamos sem cessar

Peço as minhas amigas lavadeiras que ajunte-se a nós
Porque juntas podemos triunfar e espero minhas amigas,
com vocês contar.

Essa é nossa esperança, que vocês venham para o nosso
grupo para juntas lutarmos

Peço a toda as mulheres que se ajunte-se em grupos e
discutam seus problemas e junta procure uma solução.

Já ficou bem claro que a união é força dos trabalhadores
Minhas amigas a nossa força está na nossa união, nós
unidas podemos conseguir muita coisa boa para nós
mulheres.

ROMARIA À MARACÁI

A Associação das Lavadeiras, através de sua direto-
ria, está promovendo uma romaria para Maracáí, para
visitar o menino da tábua, no dia 27/junho p.

Está previsto sair dois ônibus, cedidos pela Prefei-
tura Municipal. Os dois ônibus já estão lotados.

A Diretoria.

Lins, 14 de abril de 1991.

Senhor Presidente, da SABESP

Venho por meio desta para dizer como o povo de Lins está indignado com a Sabesp por causa do esgoto e a alta taxa de água.

Senhor a classe baixa que é os salarizados é que estão pagando mais, é gente que só tem uma ou duas torneiras em casa e paga um absurdo de água, é gente que não fica em casa pois trabalha, é pessoa que pagão aluguel, luz e não sobra nada para comer, é pessoa - pobre, é gente sofrida, é pessoa que tem filho e já não pode comprar o leite e pão para os filhos e com razão que estão indignado pois falta-lhe tudo e vem o alto preço da água. Já não chega o preço da mercadoria, já não chega o aluguel, é um abuso para quem ganha o salário mínimo o povo já não aguenta mais ser explorado.

Senhor presidente a SABESP é uma firma rica e poderosa e não precisa explora o povo.

É muito bonito o prédio da SABESP, mais aí isso é luxo, para nós não interessa prédio bonito, o que interessa é esgoto e uma taxa de água mais barata para as lavadeiras é que é duro para nós que vive de lava roupa. Ganhava nosso dinheiro em casa e agora não podemos mais lava em casa porque a água tá muito cara e nas casa das patroa não é possível, pois ela não quer pagar o suficiente porque elas já pagam água muito caro. Esse é o nosso lamento.

Senhor presidente, nós lavadeiras, pedimos que o senhor table a água da lavadeira, porque a água é nossa ferramenta e sem ela não podemos trabalhar. Se for possível fazer uma tabela mínima para nós lavadeira.

Se for possível atender nosso pedido, o nosso muito obrigado.

Maria Aparecida L. Gama
presidente do núcleo pró-Associação

Boletim nº 2 – Março/1983

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS
Nº 02 DE LINS MARÇO/1983

AS AMIGAS LAVADEIRAS,

Este boletim tem a finalidade de continuar divulgando nossa Associação e também esclarecer as lavadeiras de seus direitos.

A Associação decide que a partir de fevereiro há uma nova proposta de preços e contagem de peças.

Esperamos que todas as lavadeiras tomem conhecimento da nossa Associação e venham participar de nossas reuniões.

Temos também uma poesia feita por uma lavadeira e uma nota da Diretoria.

=====



Leia nosso
Boletim e
Participe de
nossa Associação.

CONTAGEM DAS PEÇAS:

- Lençol de casal.....	6 peças
- Lençol de solteiro.....	4 peças
- Lençol de berço.....	2 peças
- Lençol branco de casal.....	8 peças
- Colcha de casal, piqué, e chinile.....	6 peças
- Colcha de solteiro de chinile.....	1 dúzia
- Colcha de solteiro, piqué ou chinile.....	3 peças
- Colcha de casal de tergal.....	6 peças
- Colcha de berço de tergal.....	6 peças
- Colcha de berço de chinile.....	1 peça
- Toalha de jantar retangular.....	3 peças
- Toalha de jantar quadrada.....	6 peças
- Toalha de meio banho.....	4 peças
- Toalha de meio banho grande.....	2 peças
- Camisa branca manguarle.....	4 peças
- Camisa branca manguarle comprida.....	2 peças
- Camisa branca.....	3 peças
- Camisa Deca manguarle.....	2 peças
- Calça de tergal.....	1 peça
- Calça jeans.....	2 peças
- Vestido simples.....	4 peças
- Vestido com pregas, babados, etc.....	2 peças
- Toalha de rosto.....	4 peças
- Fronha de cor.....	1 peça
- Fronha branca.....	1 peça
- Cueca de adulto.....	2 peças
- Cueca de criança (duas).....	1 peça
- Camiseta de adulto.....	1 peça
- Camiseta de criança (duas).....	1 peça
- 3 lenços.....	1 peça
- Meias (3 pares).....	1 peça
- Guardanapo.....	1 peça
- Saia simples.....	1 peça
- Saia com pregas e babados.....	1 peça
- Calcinha (duas).....	2 peças
- Short de adulto.....	1 peça
- Short de criança (dois).....	1 peça

OUTRAS PEÇAS:

- As blusas são contadas como camisetas.
- Não tivemos: cobertor, tapete, e cortina na conta do mês, tem que ser pago separando.

PROPOSTA DE PALEIA DE PREÇOS

- For mês, roupa de uma família (5 pessoas)	
- 1 ou 2 vezes por semana.....	R\$ 6.000,00
- For mês, roupa de uma pessoa - 1 vez	
- por semana.....	R\$ 2.000,00
- For mês, roupa de uma pessoa - 2 vezes	
- por semana.....	R\$ 3.000,00
- Lavar e passar por dia.....	R\$ 150,00
- Lavar e passar por dia.....	R\$ 300,00
- Só para lavar.....	R\$ 150,00
- Lavar cobertor e cortina.....	R\$ 500,00

APELO AS LAVADEIRAS

A Associação das Lavadeiras de Lins, faz um apelo às lavadeiras que sustentam o preço da tabela, pois só assim podemos pagar a água e a luz e ter um pouco de lucro para nós, pois temos que pagar água, luz, comprar material escolar para os nossos filhos.

Temos que fazer isso porque o salário dos nossos maridos é pouco e não dá nem para comer, por isso pedimos que não entendam pois não queremos explorar. É tudo culpa caro e não podemos cobrar barato, porque o custo de vida está muito alto, e não temos o que fazer, o jeito é subir junto.

A gente casei de uma lavadeira. Não podemos ficar de braços cruzados. Vamos para nossa Associação para lutar e a melhorar.

LAVADEIRA DE ASSOCIAÇÃO

D. Edith Goulart

Lava roupa bem limpinha
 Como elas são unidas
 Em suas reuniões discutem seus problemas
 E quer uma solução

Lavadeira de Associação
 Como canta alegremente
 Lavadeira da Associação
 Quer ser independente

Quem dera que na nossa Associação
 Pudesse lavar as magoas do coração
 Lavadeiras da cidade, por favor
 Junte a nós por caridade
 Vamos fazer as coisas em favor da sociedade.

=====

ROMARIA A APARECIDA DO NORTE

A Associação das Lavadeiras, através de sua diretoria, promoverá uma romaria para a cidade de Apá recida do Norte.

Essa romaria vai sair no início do mês de Setembro, para as lavadeiras e seus familiares.

As pessoas interessadas deverão comparecer na reunião, no dia 10 de Abril, às 15:00 hs, e o local fica para avisar.

A DIRETORIA

Aguardem o nosso próximo número.

Boletim nº 5 – Março/1984

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS DE LINS

Nº 05

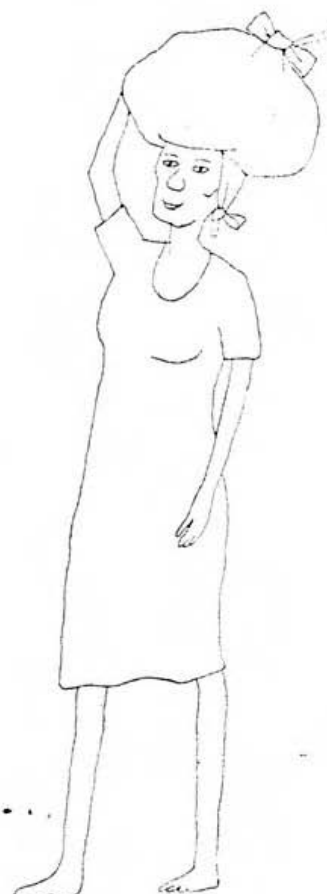
MARÇO/1.984.

Leia neste número:-
=====

- COMUNICADO DA PRESIDENTE
- CONTAGEM DE PEÇAS E NOVA
TABELA DE PREÇO.
- MARÇO:- MÊS DA MULHER.
- AVISOS

—— // ——

A MULHER É COMPANHEIRA.
É GENTE E AGENTE
DO MUNDO NOVO QUE TODOS
NÓS QUEREMOS.



Lins, Março de 1984.

Como de costume nossa associação faz um novo Boletim de Informação.

No Natal fizemos uma festa de confraternização para as lavadeiras que participam das reuniões. Foi uma festa maravilhosa, pois estavam todas reunidas, muita alegria, com bolo, salgadinhos e refrigerante a vontade.

No mês de abril vamos fazer um picnic em Sabino, saída às 7:00h da manhã e volta às 16:00horas.

Vamos fazer um bazar da pechincha, ainda não temos data marcada.

A Diretoria espera que outras lavadeiras participem.

Já temos a carteirinha de lavadeira, por isso venha participar da Associação para ter a sua.

E, por falar em lavadeiras linen- ses.

Edith Ferreira Goulart.

Não ao machismo. Não à mulher objeto de cama e mesa. Sim a igualdade de direitos. Sim a participação da mulher em todos os campos e níveis da sociedade.



PROPOSTA DE TABELA DE PREÇOS

- Por mês, roupa de uma família 1 ou 2 vezes por semana..... Cr\$ 15.000,00
- OBS: Dependendo do nº de pessoas - combinar o preço.
- Por mês, roupa para uma pessoa - 1 vez por semana..... Cr\$ 8.000,00
- Por mês, roupa de uma pessoa - 2 vezes por semana..... Cr\$ 10.000,00
- Lavar roupa e passar por dia..... Cr\$ 5.000,00
- Só para lavar..... Cr\$ 350,00
- Lavar e passar por dúzia..... Cr\$ 600,00
- Lavar cobertor de solteiro..... Cr\$ 800,00
- Lavar cobertor de casal..... Cr\$ 1.200,00
- Lavar cortinas e tapete..... à combinar

MARÇO:-- MÊS DA MULHER

Em 1857, nos Estados Unidos, 129 mulheres, operá-
rias de uma tecelagem, decidiram fazer uma greve exigin-
do melhores condições de trabalho. Elas foram trancadas
e queimadas vivas. Era o dia 08 de Março.

A morte dessas 129 corajosas mulheres foi o motivo
para que o dia 8 de março se tornasse o "Dia Internacio-
nal da Mulher".

Como elas, tantas outras mulheres morreram, sofre-
ram e continuam sofrendo injustiças.

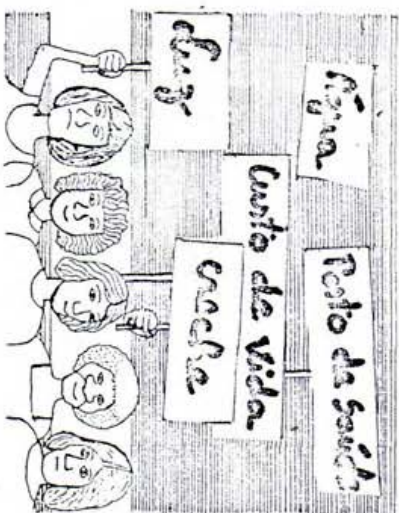
Dia Internacional da Mulher. Um dia de reflexão so-
bre a condição feminina, instituído pela ONU em 1957, em
que ocorreram manifestações e debates em vários cantos
da Terra, inclusive no Brasil.

Mais de um século depois desse episódio, as reivin-
dicações das mulheres não mudaram tanto assim, princi-
palmente no Brasil. Continuam ganhando menos que os ho-
mens, fazendo aborto para não perder o emprego, escon-
dendo dos patrões que são casadas para não serem demiti-
das, e trabalhando o dobro que os homens(são obrigadas
a fazer o serviço doméstico, além de trabalhar fora).

Isso tudo sem falar que muitas continuam apanhan-
do do marido e ainda estão completamente alienadas de
sua condição e de opressão que sofrem.

De qualquer forma, a oficialização do Dia Interna-
cional da Mulher, foi o marco decisivo para a luta das
mulheres no mundo todo.

Feministas, como a socióloga Heleieth Saffioti (do
Conselho Estadual da Condição Feminina e do Movimento
Pro-Mulher), acham que ainda falta muito para a mulher
brasileira conseguir realmente sua independência. En-
tretanto, apontam que não fossem esses recentes anos
de luta, a partir de 75, "a situação estaria bem pior".



TAMBÉM COMEMORAMOS NO DIA 30 DE ABRIL, "O DIA NACIONAL
DA MULHER BRASILEIRA".

" A MULHER ONTEM E HOJE "

=====

Os primeiros homens tiravam as coisas que necessi-
tavam para viver da natureza: pescavam, caçavam, colhiam
os frutos.

A mulher tinha um grande prestígio devido à sua
função de mãe. Ela dava a vida.

Nesse tempo a mulher não era discriminada, pelo
contrário, mais valorizada.

Os vários grupos de homens começaram a brigar en-
tre eles. Os vencedores tomavam os vencidos e os usa-
vam como escravos. Através dos escravos alguns homens
começaram a se apropriar das coisas que antes eram de
todos: os bois, as ferramentas, etc... Também A MULHER
FOI ESCRAVIZADA.

O homem tornou-se dono dela como era dono da ter-
ra e das coisas que fabricava com suas mãos. Os homens
ditavam as leis, organizaram a sociedade, cuidavam da
política e da cultura. Foram os homens quem "decidiram"
que a mulher é inferior e portanto deve ficar submissa
ao homem. A tarefa da mulher era ter filhos que cuidas-
sem da herança e perpetuassem o poder do homem proprie-
tário.

CONTAGEM DE PEÇAS

- Lençol de casal.....	6 peças
- Lençol de solteiro.....	4 peças
- Lençol de berço.....	2 peças
- Lençol branco de casal.....	8 peças
- Lençol branco de solteiro.....	6 peças
- Colcha de casal, piqué e chinle.....	1 dúzia
- Colcha de solteiro de tergal.....	3 peças
- Colcha de solteiro, piqué ou chinle.....	6 peças
- Colcha de casal de tergal.....	6 peças
- Colcha de berço de tergal.....	1 peça
- Colcha de berço de chinle.....	3 peças
- Colcha de jantar retangular.....	6 peças
- Toalha de jantar quadrada.....	4 peças
- Toalha de meio banho.....	2 peças
- Toalha de meio banho grande.....	4 peças
- Camisa branca manga curta.....	2 peças
- Camisa branca manga comprida.....	3 peças
- Camisa de cor manga comprida.....	2 peças
- Camisa de cor manga curta.....	1 peça
- Calça branca.....	4 peças
- Calça tergal.....	2 peças
- Calça jeans.....	4 peças
- Calça jeans - 3/4.....	3 peças
- Vestido simples.....	2 peças
- Vestido com pregas, babados, etc.....	4 peças